

Fernando Alberto Pozetti Filho

REMODELAÇÕES DIALÉTICAS EM PSICANÁLISE:

A nova origem imanente da diferença

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2020

FERNANDO ALBERTO POZETTI FILHO

REMODELAÇÕES DIALÉTICAS EM PSICANÁLISE:

A nova origem imanente da diferença

Dissertação de mestrado do Programa de Estudo de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica. Linha de pesquisa: Contextos Histórico e cultural da Psicologia Clínica. Núcleo: Estudos da Subjetividade. Sob orientação da Professora Dra. Denise Bernuzzi de Sant'anna.

SÃO PAULO

2020

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total e parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocópias ou eletrônicos.

São Paulo, 15 de abril de 2020.

E-mail: felafilho@gmail.com

Ficha catalográfica.

Sistema para Geração Automática de Ficha Catalográfica para Teses e Dissertações com dados fornecidos pelo autor

Pozetti Filho, Fernando Alberto Remodelação dialéticas em psicanálise: A nova origem imanente da diferença / Fernando Alberto Pozetti Filho. -- São Paulo: [s.n.], 2020. 130p. il; 4x5 cm.

Orientador: Denise Bernuzzi Sant'ana. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) -- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, 2020.

1. metapsicologia. 2. dialética. 3. tecnociência. 4. psicanálise. 5. Topologia.

CDD... 616.8917

FERNANDO ALBERTO POZETTI FILHO

REMODELAÇÕES DIALÉTICAS EM PSICANÁLISE:

A nova origem imanente da diferença

Dissertação de mestrado do Programa de Estudo de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica. Linha de pesquisa: Contextos Histórico e cultural da Psicologia Clínica. Núcleo: Estudos da Subjetividade, sob orientação da Professora Dra. Denise Bernuzzi de Sant'ana.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Dra. Denise Bernuzzi Sant'anna - PUC-SP

Orientadora

Dr. João Perci Schiavon - PUC-SP

Examinador

Dr. Ivan Estevão – USP-SP

Examinador

Aos excomungados, nós infinitamente arriscados às negações indeterminadas.

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional e Desenvolvimento Científico e Tecnológico, proc. 134097/2019-0) pela bolsa de estudo que possibilitou a realização desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho se envereda pelo universo dialético e busca, sob tais iniciativas heurísticas, conjecturar operadores históricos e atuais do funcionamento psíquico humano. Frente ao campo psicanalítico, em todo seu primeiro século de existência, observamos ser inerente aos seus procedimentos de formalização conceitual e capacitação da práxis clínica, um tipo específico de forja de *conceitos* e *rituais* técnicos (*settings*) capazes de comportar, justamente, orientações diversas de epistemologias, de ontologias e de linguagens. Nesta ótica, a associação entre dialética e psicanálise ocorrerá na efetivação de novas estruturas constituídas pelo princípio de *descentramento* que apontaram a necessidade de repensar teorias de relação de objetos, teorias da memória, modos de subjetivações e a própria idiosincrasia de sua Ética. Por isso, houve e haverá sucessivas modulações de metapsicologias uma vez que operam como investimentos e desinvestimentos de sistemas aptos a conceituarem leis nucleares e procedimentos de transformação, acoplados às designações diretas à psique, à clínica, à cultura, à linguagem, à universidade. Traçamos

um percurso histórico pouco usual, em que a orientação pré-socrática e aristotélica passa a dialogar, para, dezenas de séculos depois, ser reanimada por Hegel e, daí, pelas irreparáveis transformações do pensamento e da sociedade nos séculos XX e XXI. Por fim, este texto se enreda em discussões das recentes conquistas das redes neurais artificiais, lidos, aqui, como herdeiros desta mesma lógica dialética. O objetivo geral é propor a gênese e estimular um novo percurso de investigação que, no atual momento das descobertas da tecnociência, permitem ratificar pressupostos da história do movimento psicanalítico e de suas metapsicologias compactuando-as ao escopo formal que deu vida à inteligência artificial. Será através de operadores como *tensores*, *topologia* e *combinatória estrutural* que se delineará, nesta pesquisa, tal conjectura.

Palavras-chaves: dialética; metapsicologia; topologia; tecnociência; psicanálise.

ABSTRACT

This research goes through the dialectical universe and seeks, under such heuristic initiatives, to conjecture historical and current operators of human psychic functioning. Faced with the psychoanalytic field, throughout its first century of existence, we observed that it is inherent to its procedures of conceptual formalization and training of clinical praxis, a specific type of forging of concepts and technical rituals (settings) capable of precisely carrying out different guidelines of epistemologies, ontologies and languages. In this perspective, the association between dialectics and psychoanalysis will occur in the realization of new structures constituted by the principle of decentralization that emphatically pointed out the need to rethink theories of object relation, theories of memory, and modes of subjectivation and the very idiosyncrasy of its Ethics. Therefore, there was and will be successive modulations of

metapsychologies since they operate as investments and divestments of systems capable of conceptualizing nuclear laws and transformation procedures, coupled with the direct designations of the psyche, the clinic, the culture, the language, the university. We trace an unusual historical path, in which the pre-Socratic and Aristotelian orientation starts to dialogue, to, dozens of centuries later, be revived by Hegel and, from there, by the irreparable transformations of thought and society in the 20th and 21st centuries. Finally, this text engages in discussions of the recent conquests of artificial neural networks, read, here, as heirs of this same dialectical logic. The general objective is to propose the genesis and to stimulate a new investigation path that, at the present moment of the discoveries of technoscience, allow to ratify assumptions of the history of the psychoanalytic movement and its metapsychologies, compacting them to the formal scope that gave life to artificial intelligence. It will be through operators such as tensors, topology and structural combinatory that this conjecture will be outlined in this research.

Key words: dialectic; metapsychology; topology; technoscience; psychoanalysis.

SUMÁRIO

Apresentação.....10

(O tempo da quarta dimensão do real)

Capítulo 1. Epistemologias e Ontologias flutuantes.....14

1.1 A estruturação teórica do método dialético na filosofia aristotélica.....24

1.2 A amplitude da noção temporal no enunciado do princípio da contradição.....27

1.3 Por uma razão não indefesa, Hegel e a reinauguração do método.....	30
Capítulo 2. A dialetização da linguagem.....	35
2.1 Os atos performativos de linguagem.....	39
2.2 O ressentimento.....	40
2.3 Matemas concretistas.....	43
2.4 O signo, o símbolo e o conceito.....	48
2.5 A extensão do negativo nos atos de linguagem da clínica psicanalítica.....	50
2.6 Espaço-tempo-movimento e sua [interação] à invariante e aos tensores.....	51
Capítulo 3. A superestrutura dialética das metapsicologias.....	59
3.1 A reinvenção da memória entre os modelos de subjetivação na teoria freudiana.....	68
3.1.1 Polaridade dinâmica.....	76
3.2 O arquivo crivado de nossa época.....	82
3.2.1 O dispositivo das <i>machines learning</i> no arranjo dos arquivos: notas biográficas da rede neural <i>Leela Chess zero (Lc0)</i>	90
3.3 Cibernética, metapsicologia e psicanálise, um vislumbre.....	94
Capítulo 4. Soluções Dialético-Topológicas em Psicanálise.....	111
4.1 A periodização do oito interior: repetição e diferença.....	116
4.2 Transcrição: a topologia como objeto.....	121
4.3 Por um nova categoria de objeto.....	129
5. 5. Referências bibliográficas.....	133

Apresentação: O tempo da quarta dimensão do real

As vivências no Templo *Sotozen Bushinji* levaram-me a ter contato com experiências concretas frente às formas de vida encrustadas na dialética. Lá, exerce-se uma prática diária e ininterrupta de manejos entre as tensões de domínio e contradomínio dos deslocamentos micropsíquicos. Assim, pode-se definir dialética por termos como estes: manejo dos domínios

elementares e sistêmicos de elementos e objetos afins e contraditórios. Foi exatamente a mesma instrumentalização, feita por uma parte da psicanálise, que se ocupou e contemplou em suas metapsicologias, da tensão sobreposta de exigências categoriais e, conseqüentemente, de seus objetos de contemplação.

Somente após atravessar um longo período reeducando e expandindo estes *manuseios de energias e representações internas* — ou mesmo *reflexos corticais* — é que o valor transcendental e material do budismo *zen* assume algum horizonte reflexivo. A experiência neste caso sempre antecede a verbalização, e neste deslocamento e anacronismo, está a fissura e o trauma da *perda*. Para aqueles que terão o primeiro contato com o *zazen*, basta ser esclarecido que a prática sempre dominará o discurso motivado, explicativo, normativo, doutrinal e esotérico. Então, prefere-se não se falar, basicamente; não são fonocêntricos. Frequentei o templo por três anos e nunca precisei dizer o meu nome, ou ter a oportunidade de ouvir o dos monges e praticantes; logo, pude abster-me do discurso da identidade — não há espaço para o exercício da reciprocidade intersubjetiva nesta práxis ontológica.

A poética do sutra *Prajñaparamita*, que ao longo do dia não passa de uma hora de leitura, está ali somente para enunciar e performar uma história irreal e fantasiada, assim, não retratam valores morais através de exemplos ecumênicos e não nutrem a alma de moralismos e ensinamentos. São apenas versos que recuperam narrativas surrealistas de personagens típicos desta lógica peculiar que implica o campo dialético: “Vazio não é mais que forma. Forma é exatamente vazio. Vazio é exatamente forma [...] Sensação, conceituação, diferenciação, conhecimento assim também o são” (anônimo).

Um esforço especulativo é requerido para a declamação desses sutras, entoados em japonês sob a cadência de tambores e sinos. Eles sugerem que todas as coisas, incluindo-se, aparecem como formas-pensamento (construções conceituais) semipermanentes. Shariputra assume-se tanto como ser, como substância; nem masculino nem feminino. Pertence à vacuidade, sem forma, e sensações, e distinções, e variáveis influentes, e categorias de consciência; não há olho, ouvido, nariz, língua, corpo, mente. Sem visões e antevisões, sons, odores, paladar, sensações físicas, nem fenômenos. Falta-lhe uma fonte cognitiva que é um olho e uma fonte cognitiva que é uma mente, inclusive nenhuma fonte recuperará a consciência mental. Não há ignorância, nem a eliminação dela e assim por diante, até o

envelhecimento e morte, e a eliminação destes. Da mesma forma, não há sofrimento, nem suas causas, cessação ou caminho mental; ainda, não há a consciência profunda, nem realização ou sua falta. Até onde a vista alcança (na tradição milenar e no refinamento conceitual da filosofia contemporânea ocidental) cada categoria do pensamento é capaz de retrair-se naquilo que ela, em si, não é. Ela se transforma antes de formatar o conceito, que é contingente às coreografias categoriais do próprio pensamento.

Esta substância original que antecederia a razão, se revela como um movimento de *diferença* entre a inscrição incessante de *traços*. Os monges do Templo *zen* doam toda uma vida a fim de observá-los, pois configuram laços e a possibilidade de escansão, ou retorno à disfunção original. Espera-se que, ao acessar as trilhas da *repetição* do que é apresentado como imagem mental — do filme projetado na tela de cada consciência —, do desfiladeiro de sentido, significantes, aflição, razão e angústia; cada *yogi* busque a decodificação dessas imagens internas e assim, “transcreve” em extensões orgânicas esta nova “imaginarização” do real. Espetáculo interno de percepção e reações invisíveis, e que, não obstante, o quanto este movimento é também uma violação; que deixa um resíduo devido a *uma subtração*.

Há latente uma organização sistêmica daquilo em que se é possível descrever; sua própria operação fornece provas desta disposição secular, a saber: a internalização destes *traços* realizada por uma *disposição e movimentação* dos estratos na arquitetura mental; ou ainda, *grades de contato* da psique que “manuseiam” os *pontos-istantes* de quantidade, pulsão, afetos, memória e suas antíteses, seus inversos, seu não-ser.

A prática *zen* e a autorreflexão ocorrem somente após a rotineira “escavação” das *grades* e a das *trilhas* intrapsíquicas; justo ali onde são gerados os *traços* mnêmicos abstraídos pela percepção. Raiz orgânica destes pensamentos inconscientes em sua natureza inanimada e a-cognitiva. Nestes silêncios que, repentinamente, no ensaio de si, mais além de si mesmo, no domínio frio do corpo, da respiração e na paciência laboriosa percebe-se que o desfiladeiro de imagens ao ciclo inerte da consciência reverter-se-á em excesso, ele será esvaecido. A forma do pensamento é desde sempre como a forma do mundo, sendo objetiva e subjetiva conjuntamente, não primeiramente subjetiva e posteriormente supostamente objetiva.

Por isso, após alguns minutos de prática, uma pequena ativação elétrica fica ociosa na caixa craniana. Ao tempo em que ela é o fruto da interrupção da produção *traço-imagem-sentido* do diálogo mental, também se acumula para construir outros arranjos possíveis de se ilustrar as telas da consciência. Agora, quando a iluminação dos “postes de processamento” do pensamento está ativada pela meditação, secciona-se o espaço e o tempo psíquico e o primeiro ato de conhecimento começa; mesmo velado e íntimo, incorporou-se a um objeto que insistirá na supressão de sua existência independente. Estas ontologias serão para sempre alvo de puro descolamento da ordenação identitária, e isto sempre invoca aos *yogis* a sensação tátil de uma vertigem.

A partir deste momento, esta pesquisa tem como foco a psicanálise, uma vez pertencente aos estímulos dialetizados aqui mencionados, ou seja, de hipóteses e transcrição ininterrupta de seus objetos teóricos/literários, de suas ontologias, de sua linguagem, de sua práxis. Através de uma especulação científica queremos apostar sobre a possibilidade da “sensação, da conceituação, [e] do conhecimento”, como entoados no sutra, estarem incrustados em lógica de conflitos das mais peculiares que possuímos, ou seja, na ininterrupta ausência, falta, preenchimento e superação. Este é o empuxo que envolve a degeneração e o *vir-a-ser* da natureza orgânica e psíquica, dos seres, das coisas, e da história. Faz-nos, por isso, evocar um *porvir memória do ausente*. Descobertas que estarão disponíveis àqueles que atravessarem os continentes das experiências de ação terapêutica, altamente autorreflexivas e propositivas.

1 Epistemologias e Ontologias Flutuantes

Dans le coeur du vide il y a des feux qui brillent.

Yves Klein¹

Infelizmente, ao aprofundar o verso a esse ponto, encontrei dois abismos que me desesperam. Um é o Nada... O outro vazio que encontrei é o do meu peito.

Mallarmé²

Aqui, entre aqueles que passam, sê, no reino do declínio, se o cristal que ressoa e no fragor da ressonância já se quebrou.

Rainer Rilke³

Brinco com o cristal da língua para refratar do significante aquilo que divide o sujeito.

Jacques Lacan⁴

Assim como a fonte, o inconsciente só pode ser pensado enquanto flui. Um adágio com a mesma força proposicional, escrito por Heráclito e reescrito por Goethe⁵ — inaugura e reinaugura certa orientação dialética do pensamento ocidental. Desde então, para aqueles que lhe aderiram, esta vertente busca fornecer quadros possíveis de *estruturação, saturação e ultrapassagem* à natureza do universo, da verdade, da ontologia e da linguagem, contudo, reclinados à própria dignidade contingente de si: pensamento deformado diante das transformações irrecuperáveis de seus objetos.

¹ Restany, P. (1990). *Yves Klein, le feu au coeur du vide*. La Différence, Paris. “No coração do vazio há chamas que brilham”. Transcrição inédita, tradução própria.

² Mallarmé, S (citado em Blanchot, 1987, p. 105).

³ Rilke, M. (citado em Blanchot, 1987, p. 143)

⁴ Lacan, J. (citado em Iannini, 2012, p. 163).

⁵ “... pois a fonte só pode ser pensada enquanto flui”. Goethe, *Dichtung und Wahrheit*. Vol. XIII, p. 292, in *As duas faces do tempo: Ensaio crítico sobre os fundamentos da filosofia dialética*, Andrade (1971), pp. 436-437.

Todos os fenômenos dialéticos, como no sutra, *vazio-forma*. Seu tempo de existir é o habitar na gramática reflexiva de algumas *corredeiras*. “O inconsciente é um barquinho”, disse Jacques Lacan.⁶ “E nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro – o rio”, narrou Guimarães Rosa.⁷ “*Riverun*”, sussurraria James Joyce. Um *não-ser* indeterminado e que quer *realizar-se*, um *supercontinente* hipotético, *corpocontinente* que busca reverter a sua latência. É, de fato, esta concepção profundamente sistêmica e dialética da realidade de tudo que existe (incluindo a psique e a sociedade humana em sua história e cultura), que nos permitirá abordar melhor o que de herança foi *recuperado, saturado e renovado* desta longínqua orientação por vezes, renunciada, mas capaz de oferecer-se como auxílio à programas de pesquisa de peso e importância irrecusáveis em nossa recente herança intelectual. Dizer de um inconsciente figurado numa correnteza *especializada* sem orientações *vetoriais*, será dizer de um inconsciente dialético. A natureza dos movimentos de corpos inconscientes, precipita para adiante, qual água a escorrer de uma fonte, até hoje, ininterrupta.

A partir deste preliminar arranjo, *sistemas dialéticos* (de pensamentos, literários, terapêuticos e meta-conceituais) buscarão suas formalizações específicas em suas épocas e programas distintos. Foi na *lógica de conflitos formalizados* que este *método* determinou seus investimentos. Uma inata exposição aos *conflitos* entre proposições fundamentais, funcionais e materiais das múltiplas partes que compõem um sistema, possui larga atuação e literatura no curso histórico da humanidade; estamos diante de uma *tecnologia* reproduzível e operada pela práxis, com valor de diversidade e diferença. Demanda-se, por isso, sempre o mergulho sincronizado no “riocorrente” do quase alucinatório pluralismo que a *linguagem-correnteza* nos arrasta. *Corpocontinente* na *travessia-palavra*.

O *logos* nosso de cada dia será posterior às aspirações a-estruturais dos místicos orientais e da libertinagem pré-socrática. O mesmo fez Hegel com seu programa de sublevação aos espectros que definiram – pelo mesmo *logos* clássico – a razão moderna, a identidade, a comunicabilidade e a lógica metafísica. Este *logos*, para a filosofia, é a tecnologia exemplar de domínio através dos mecanismos de poder. Estes, requerem

⁶ Cf. Trois. (2007). *A travessia da Linguagem na obra de Jacques Lacan: uma leitura*. p. 112.

⁷ Trois. (2007). *A travessia da Linguagem na obra de Jacques Lacan: uma leitura*. p. 112.

categorias de conhecimento que não oscilem, ou seja, que se cumpra a planificação sistêmica da realidade, dos objetos, das experiências, dos laços que unem sujeitos a circuitos históricos obliterados, etc. Parte da estratégia para se “resgatar” uma noção de dialética será justamente contestar a caracterização destes modelos dominantes, soluções que apontariam em constructos provisórios e contingentes, atualizados a cada volta elíptica da realidade sobre ela mesma.

A aspiração do *método* dialético é ir aos limites da experiência (mesmo intelectual), em seguida, transpô-las em redes de *modulação do pensamento* que se implicam e se recobrem em uma gama de iniciativas, em *novos conceitos*, novas oportunidades de *anunciação e enunciação*. Quem primeiro insinuou a organicidade formal tanto do *método* quanto dos *devires* – nomeando cada *categoria-termo-transformação* (contradição, tempo, substância, forma, medida) em relação às suas funções internas e externas, foi, inesperadamente, o *pagão das diferenças universais*, mas forçadamente beatificado pela fundamentação da posteridade antidialética cristã: Aristóteles. Será pelo texto do autor grego que as reações das propriedades limítrofes de uma experiência aparecerão como um problema de ordem formal. Ele descobre haver uma improbidade de algo considerado permanente incrustado em cada natureza; pois, mesmo *invariável e/ou essencial*, uma *substância* admitirá *atributos contrários* que *renovarão* sua própria *orientação* original.

Aposta-se que Hegel utilizou largamente a contribuição aristotélica para formatar seu próprio *método* e *sistemas* dialéticos. Interessado em obter a diferença sistêmico/categorial, defendia que “a reflexão é ela mesma seu não-ser, e só é ela mesma enquanto negativo de si mesma, pois só assim que o superar do negativo é ao mesmo tempo um coincidir consigo mesmo” (Hegel, 2011, p. 246). Em nítida propulsão frente à vitalidade destes operadores, será Marx que também se instrumentaliza epistemologicamente por estas nuances:

O objeto é por isso mesmo um negativo que supera a si mesmo, uma nulidade (*Nichtigkeit*). Essa nulidade em si não tem para a consciência apenas uma significação negativa, mas positiva, pois a nulidade do objeto é justamente a autoconfirmação da não-objetividade de sua própria abstração (Marx, 2012, p. 164).

Esta linha não necessariamente comporta operadores ou reflexões que conectam propriedades passíveis, descritivas, explicativas e positivas, permitindo diferenciar ou incluir o objeto por formas discretas, absolutas, singulares, semânticas, hermenêuticas, etc. Há uma dialética que desaconselha a conciliação entre representações de sujeito-objetos e essências-conceitos por denunciar a incapacidade operatória e tátil destas mesmas ligações.

A lição conduzida pelo pensamento moderno de Hegel mostrou-nos que a dialética passará a se ocupar do *desejo*, e isto, para a prospecção do pensamento durante o século XX, será nodal aos programas clínicos e “anticlínicos”. Observar a contribuição hegeliana é justamente notar a passagem dissonante entre *desejo*, *trabalho* e *linguagem* emergidos como núcleos centrais na *formação identitária* e nas formas de vida da modernidade.⁸ “No pensamento dialético, o movimento – a contínua transformação de que está feita a realidade – repousa na tensão, na polaridade do que existe tanto em função, quanto negação e complemento do outro” (Stahel, 2002, p. 40).

Deve-se retirar o sujeito do confinamento logocêntrico envolvendo ao redor de si uma força oposta ao poder representativo ou comunicacional, ou à subserviência às classes, às etnias e culturas. Fora de *si própria* a identidade tende a mover-se para o flanco, à tangente, e permanecerá aberta como um *campo de intenções a serem preenchidas* ou *esvaziadas*, impressões de um *dever* ausente do que será capaz de *rememorar*. Este é um ponto de inflexão da psicanálise, dessa divisão entre o eu e o outro; de uma sujeição social através do efeito sensível e tátil do desejo. Por isso, *ser e linguagem* são susceptíveis aos danos desejantes.

Se o reconhecimento obtido em uma análise diz respeito à alienação do sujeito à série de significantes que estrutura sua história, o sujeito está sozinho diante da arquitetura estrutural de seu desejo. Arquitetura marcada pela incompletude. Se um significante é o que representa o sujeito para outro significante, o sujeito é este vazio determinado pelo seu lugar na estrutura. Ele se vê, pois, afrontado pelo nada a respeito do qual ele é a efetuação (David-Ménard, 2006, p. 16).

⁸ Cf. Vladimir Safatle (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*, especialmente o capítulo VI, intitulado: *Repensar a dialética hegeliana*.

Neste regimento crítico e de combustível à sublevação, a identificação entre o sujeito e o objeto não ocorre na assimilação simples do segundo pelo primeiro; resta aqui um efeito de desobstrução. “Estruturas de reconhecimento de uma negação ontológica que se manifesta de maneira privilegiada na confrontação entre sujeito e objeto tendem a operar a *destranscendentalização*” (Dunker, 2007, p, 32). Ou seja, o deslocamento incessante das estruturas *lógico/sensíveis* que alastraram a possibilidade de *experimentações* objetais, vão além de um quadro *estruturado de saber e reconhecimento*. O *método* dialético possibilita experimentar o desaparecimento do objeto, ou antes, na transmutação em que o próprio sujeito vai *se tornando parte do objeto*.

Qual é esse outro a quem estou mais ligado do que a mim, visto que no seio mais consentido da minha identidade comigo mesmo, é ele quem me agita? A sua presença só pode ser entendida num segundo grau de alteridade que o situa desde logo em posição de mediação em relação ao meu desdobramento comigo como se fosse com um semelhante (Lacan, 1988, s/página).⁹

Como admitir uma ontologia do singular em que se apresenta como dado *não-representável* ao pensamento possível ao ser? Da mesma moeda, como admitir uma epistemologia cujo dado *não-conceitual* é diretriz para a formalização de teoria e da práxis? Como observar além dos quadros de apreensão e primazia logocêntrica a incorporação de conceitos capazes de fornecerem novos sentidos à *linguagem*, ao *trabalho* e ao *desejo*?

Será preciso recuperar a instrumentalização dos operadores científicos conceituais contemporâneos uma vez que há “um novo degrau na complexidade da organização das estruturas dissipativas e sua deriva estrutural” (Stahel, 2002, p. 22). Como organização investigativa, dizem-nos que toda e qualquer transformação que se opere, seja na esfera do mundo físico/natural, seja no campo da vida sócio/política e, principalmente, mental, alguns lugares de compartilhamento epistemológicos e metodológicos se deram entre especulação, racionalização e a tecnologia. Isto não sem uma ação, uma luta, uma clínica.

⁹ Lacan, J. (1988) *Il court il court, le sujet*, Littoral, n° 25, Toulouse: Érès. Cf. Éric Porge (1966) “*Lacan, Descartes, le sujet*”, Strasbourg, Arcanes.

Desde a explanação dos mistérios do átomo e da grandeza do universo sideral essas proposições elevaram-se a um dado cultural inimaginável, influenciando diretamente o engajamento orgânico de lutas e revoluções. As novas hipóteses e achados científicos ratificaram o caráter pluricausal dos processos contraditórios internos de arranjos da superestrutura do espaço, da sociedade, não distante, da micropartícula da matéria. Se olharmos para o átomo de hidrogênio, há, girando ao seu redor, dois atributos (prótons e nêutrons) que relacionam-se sob uma ótica (no espaço) *não-vetorial*; sob um tempo de inscrição destes atributos entre a *passagem* e a *duração* da cadeias (em *spins*):

Adquiriu-os [atributos] movendo-se; e enquanto assim se move é que dura e se mostra capaz de permanecer sendo o que é [...]. Decerto que movimentos diferenciais pode fazê-lo adquirir dois novos atributos: e já agora, com dois prótons e dois elétrons, na sua composição, ter-se-á convertido em átomo de hélio. Qualquer outro movimento que lhe altera o equilíbrio interno fá-lo-á deixar de ser o que é (Andrade, 1971, pp. 525-526).

Aqui está o elixir do *método* pois entre filósofos, clínicos e matemáticos ilustrou-se fenômenos que agora abrem-se para uma visão rica e profunda das micro relações entre matéria, energia, abstração e hipóteses. Época das grandes invenções dos esquematismos das reações atômicas, ao movimento e à ação transmissora de energia/calor/luz/pressão, sem que no entanto, considerem também o reverso, o vácuo ou a *não-matéria*. Nesta mesma época de descobertas atomistas, nascem os aparelhos conceituais da psicanálise e estes darão grande margem de produção a este ambiente, justamente pela qualidade migratória dos seus conceitos e o flerte, ininterrupto, com momentos (teoria e práxis) de continuidade e estabilidade marcada por interrupção e desequilíbrios. Da processualidade contínua instigada à vertigem.

Parece, pois, que a continuidade da minha existência nasce de um compromisso ou conciliação desse antagonismo fundamental entre o que passa e o que fica, o móvel e o imóvel, o múltiplo e o uno – entre a diversidade do vir-a-ser dos instantes do meu existir e a identidade do ser que sobrevive em mim e que perdura, após a morte de cada instante que passou e o nascimento de cada instante que virá (Andrade, 1971, pp. 153-154).

Dialética como contradição de um objeto teórico que tem por natureza escapar por entre as malhas do conceito. E o que é melhor do que o inconsciente para explicitar tal proposição? Entidade *não-representacional* enquanto objeto (sequer psicológico); efeito de um *desconhecimento e deslizamento* que só se manifesta por suas falhas, pelo estranhamento (*Unheimliche*), pelo hiato e pela opacidade muda entre soma e psique; pelo lacunar registro da representação ficcional (ou memorialística) da resistência de uma predicação; de um reconhecimento negativo que sustenta o habitat de sujeitos inseridos em discursos que os determinam e cujo sentido lhes escapam.

Ocorre que a psicanálise não internaliza estes operadores como reduto passível, foi ela, em nossa aposta, o grande investimento na reconstrução do próprio *método* dialético. Esta, ocupou as sendas abertas entre ciência, verdade, conhecimento e pensamento e, estimulando e espaçando de *desequilíbrios*, interrompeu o que era propenso a calcificar. Nunca na história pode-se fazer da negatividade um ambiente de despossessão como um motor de transformações como a clínica psicanalítica: “A psicanálise não é um sistema filosófico que parte de premissas rigorosamente definidas para tentar abranger todo o conjunto do mundo e, uma vez concluída, não deixa mais lugar para novas investigações e concepções melhor elaboradas” (Bahktin, 2009, p. 11).

[...] o pensamento, por ser o pensamento, deve obrigatoriamente se pensar pensante? Todo pensamento deve obrigatoriamente aperceber-se que está pensando naquilo em que pensa? Isto está tão longe de ser simples que imediatamente abre um jogo de espelhos sem fim – se é da natureza do pensamento que ele se pense pensante, haverá um terceiro pensamento que se pensará pensamento pensante, e assim por diante. Esse pequeno problema, que nunca foi resolvido, basta por si só para demonstrar a insuficiência do fundamento do sujeito no fenômeno do pensamento como transparente a si mesmo (Lacan, 2017, S. III, [1955-56], p. 45).

A teoria psicanalítica elaborou seus experimentos da vida e funcionamento psíquicos através do constante efeito de rompimento, de torção, de retorno e entrelaçamento, endereçamentos à outra *cena*, a outro *olhar*. Quase como um longo tear que se desenrolou décadas extenuantes – cujos fios ainda não estabilizaram e não suturaram formando em definitivo o seu objeto – ainda nos parece que o estancamento das fraturas ao redor do sujeito

e das clivagens do seu aparelho psíquico, é motivo cabal para o combate às declinações psicopatológicas personalíssimas e às sujeições sociais. Desde as suas origens, a psicanálise surge não só como terapêutica, mas também como um método de investigação. “A ciência passa ao domínio da contingência quando a práxis psicanalítica passa a habitar o seio da teoria” (Trois, 2007, p. 19).

Sem essas existências conflitantes, as causas psicanalíticas seriam causas perdidas. Sem a reversibilidade dos laços que solidificam sujeitos/sintomas, estados/extremismos, fantasia/passagem ao ato imperaria somente a reflexão projetiva, uma tentativa de *objetivar a forma*, representando-a como uma parte digerível do *informe*. Não há uma causalidade exclusiva e remissória do conflito à extinção de possibilidades, à apatia ou à doença. Essas clivagens, Freud bem demonstrou, não são deficiências (como o querem os defensores da *ego psychology*, da psicologia ambiental, comportamental, etc.). Não há exercício bem sucedido de adaptação social e de fortalecimento da autonomia individual através de uma clínica integrativa e resoluta. O retorno do ser no seu *ser-Outro* implica a internalização subjetiva da *diferença*. A psicanálise definiu não apenas a natureza existencial desta *diferença* para a filosofia, como identificou, analisou, conceituou e combateu os próprios termos consolidados e aptos ao desequilíbrio. Os *estados da alma* não seriam mais, o *simples reflexo especular dos estados de coisas do mundo*, como estava pressuposto em toda história de investigação da psique.¹⁰ O primado de um *sujeito* é a metamorfose de suas produções como objeto, pois é, em si, privado de si; atua como inferência sob efeito tátil de uma marca na língua. Ser significa ser para o outro, e, através dele, para si. “À sujeição de um, que sua fórmula manifesta, o outro responde, em ressonância harmônica ou encadeamento contrapontístico, com a produção e o desenvolvimento do tema fantasioso a cuja fórmula está sujeito” (Leclair, 1977, p. 147).

A internalização deste negativo é conteúdo de reflexão exterior que entra na determinação pelo Outro, de uma *não relação* que se constitui como gênero implacável de mediação. Faz entrecruzamento dos contrários como signo potencial de uma *diferença*. “O vir-a-ser como transição para unidade do ser e do nada – que é um ser-existente, ou possui a

¹⁰ Chamaremos de psicanálise, para este estudo, àquela circunscrita pelo momento entrecruzado Freud-Lacan e comentadores subsequentes. Não consegui analisar em tempo outras vertentes pela proposta de leitura sugerida.

forma de uma unidade parcial imediata desses” (Hegel, 1952, citado em Andrade, 1971, p,488)¹¹.

O núcleo da abertura à diferenciação intrapsíquica ocorre através da renovação e transformação do sentido aquém daqueles estruturados; se o mergulho é interrompido, as experiências produtivas de indeterminação jamais virão à tona. O *devoir memória do ausente* é questionar em última análise a distinção comum e cômoda entre um termo de realidade e sua representação. “Uma única distinção, a distinção entre a própria existência e a realidade, engolfa todas as outras distinções” (Adorno & Horkheimer, 1995 [1947], p. 8). Se a ótica está clara, se forem as emergenciais ações que precisam vir à tona contra o avanço das tropas que minam a validade do *não idêntico a si*, somente um pensamento capaz de trabalhar com a *diferença* é que terá amplitude suficiente para promover alguma força transformadora.

Uma das características da concepção dialética das significações – e, se poderia dizer, em geral da dialética – é a ideia de um espaço de significações onde estão presentes *zonas de sombras*. Esse espaço contém um *halo escuro*, e não somente regiões claras, como supõem em geral as descrições não dialéticas. Longe de representar o limite, em sentido negativo, das significações, as zonas de sombra lhes são essenciais [...] Expresso à maneira das filosofias não dialéticas de significações, esse halo obscuro poderia ser pensado como contendo intenções não preenchidas. Para a dialética, trata-se, entretanto, de intenções que não podem, nem devem ser preenchidas. Há assim um campo de intenções que deve conservar como campo de intenções. O preenchimento não ilumina as significações, mas as destrói (Fausto, 2014, pp. 149-150).

Ratificando o expediente dialético: uma atitude intelectual que considera o mundo como equilíbrio de contrários, onde ser e não-ser (sujeito-Outro) se alternam nas coisas, e como *processus* em perene *devoir* sem que isto impeça, todavia, que, no fundo desse processo, exista uma base de *permanência* e/ou *invariância* que também é pedra de torque das próprias mutações. Este é o modo e o caráter eminentemente relacional e dinâmico do conhecimento. “Se algo existe permanente no processo do *devoir*, deve ser procurado no próprio movimento, como duração de relações no movimento e sempre através da observação e da experiência

¹¹ Cf. Hegel, G.W.F (1992). *Fenomenologia do espírito*. Tradução Paulo Meneses. Colaboração Karl-Heinz Effen, apresentação Henrique Vaz. Petrópolis: Vozes, p. 170 e segs.

(Andrade, 1971, p. 101). Na verdade, o que preexiste ao ser, antes do processo de vir-a-ser (ou devir), não é o não-ser no sentido de nada, porém o não-ser no sentido de *ser-outro*. A inscrição do sujeito no lugar de Outro diz respeito à dupla alienação do individual: a positiva (de puro convencionalismo e adaptação); e a negativa: que supera a estrutura como condição *a priori* da experiência.

O sujeito, desigual à sua psique, não se caracteriza pela transparência dos atos de consciência, nem pela interioridade como instância desses atos, tampouco por alguma unidade pretensamente subjacente: o desconhecimento (*méconnaissance*) lhe é constitutivo, a divisão lhe é inerente (Iannini, 2012, p. 22).

Essas tensões entre existências perante coexistências operam ora como *inscrição* (preenchimento) ora como *vazio* (apagamento), ora como facilitação, e ora como resistência. Por isso, “[Freud] fornecia o modelo de subjetividade cindida entre sistemas intrapsíquicos a partir do qual a coexistência de representações discordantes podia ser pensada” (Iannini, 2012, p. 95). Nesta metapsicologia específica, alvo do terceiro capítulo, a teoria do aparelho psíquico nasce como um arranjo teórico em que no cerne encontra-se um sistema de *conflitos*, de *operações rizomáticas*; sistema que pressupõe uma *arquitetura metamórfica* cuja afecção é irradiada por zonas de contatos que ora ganham e ora perdem intensidades, que clivam seus *traços* mnêmicos e torna-os outros, para assim, em uma provisão temporal (a posteriori) reincorporá-los sobre outro arranjo; e todo o sistema é fundido pela emergência de um acontecimento, de uma resistência, da perda das garantias físico e filogenéticas.

A delimitação do espaço que ocupo não deriva apenas dos limites exteriores do meu corpo, mas também, e sobretudo, das minhas energias interiores, desse dinamismo que percebo em mim e que me arrasta para a vida. Dessa atividade que me sinto capaz de desenvolver e que reconheço como sendo minha, partindo de mim, realizando-se dentro de mim. Para onde quer que eu vá, arrasto comigo necessariamente, uma porção de espaço que define as minhas dimensões e me separa de tudo o mais que não sou (Andrade, 1971, p. 159).

Conforme transitamos pelo texto a riqueza dos detalhes deste efeito aparecerão, e com eles as junções entre uma e outra categoria de pensamento até aqui mencionados entrarão em

constelação. Termos originários do *logos* clássico que normalmente flertam com a abstração, aqui aparecerão como menos abstratos, recuperados em suas teorias de base à raiz matemática: *movimento, deslocamento, processos transformacionais, tempo sistêmico, espaço topológico, lógicas não-vetoriais* construirão a *com-figura-ação* do que optamos em expor, e, em como ele se confluíu à algumas hipóteses no seio da teoria psicanalítica. Uma pesquisa que transcende aos seus movimentos heurísticos para *tornar-se um saber-fazer-com-a-imanência*. Estaria aí a possibilidade de intervenção entre a psicanálise e uma forma de arte tendo a clínica como práxis instituinte? Qual a extensão deste tipo de afirmação: “A poesia é a criação de um sujeito assumindo nova ordem de relação simbólica com o mundo”? (Lacan, citado por Trois, 2007, p. 29).

O contexto epistêmico com sua articulação que visa à estabilização conceitual da ontologia passa a operar em uma espécie de *determinação instável*, pois esta determinação não mais se redime apenas à formatação ontológica estancada e essencialista, mas sempre deslocará a si mesma, num movimento interno, no qual sua abertura nunca se esgota por completo. Há a expectativa, compartilhada de todos estes autores e literatos, de uma nova experiência essencialmente *arriscada* que atinge o uso normal do mundo, o uso habitual da palavra.

Uma dialética emergente compreenderá que a atualização da força produtiva da totalidade, sua explicitação, ou se quisermos a posição das pressuposições, implica transformação estrutural das determinações finitas que até então ocupavam o espaço da manifestação. Pois, a atualização da totalidade dissolve a identidade das partes, entrando em contradição com elas (Safatle, 2019)¹².

Articular o pensamento às estruturas (in)determinadas das coisas, não obstante, as estruturas das coisas como lógica do próprio pensamento.

Cada um dos nossos fenômenos é pluricausal. É pluricausal para trás e pluricausal para a frente (...) De uma a outra malha, de uma a outra concordância, de uma semelhança a uma identidade, de um contrário à resolução desse contrário, a síntese é

¹² Safatle, V. (2019) *Dar corpo ao impossível*. Autêntica: Belo Horizonte. [Recurso Eletrônico. No texto de suporte digital, esta citação encontra-se sem página definida, inserida na introdução: *Não precisar mais de um mundo*, anterior à nota de rodapé do autor (nº 36).

tão ilimitada quanto a visão que se volta para dois espelhos perfeitos e idênticos, colocados face a face (Andrade, 1971, p. 97).

1.1 A estruturação teórica do método dialético na filosofia aristotélica

Não há estabilidade neste mundo. Quem dirá o significado de qualquer coisa? Quem predirá o voo de uma palavra? Um balão navega sobre as copas das árvores. Falar em conhecimento é fútil. Tudo é experiência e aventura. Sempre estamos nos misturando com quantidades desconhecidas.

Virginia Woolf¹³

Aristóteles tem sido posto à margem da evolução da filosofia dialética por motivos insatisfatórios. Ele foi o autor grego em que se fala, pela primeira vez, da *unidade orgânica* resultante da fusão de *ser* e *não-ser*, de afirmação e negação, de permanência e impermanência; que incorporou em diversas de suas obras a relação ainda ativa e proeminente do entrecruzamento de contrários. Seu pensamento toca, por isso, todas as propriedades *do devir* através de *especialização e temporalização* de uma lógica para-consistente.

Cabe esclarecer que Aristóteles identificou, inicialmente, dialética às explanações proveniente do arcabouço platônico, ou seja, que ela recobriria uma simples preparação crítica do saber baseada no diálogo, que lidaria (apenas) com meras probabilidades entre confrontações antagônicas, ou simples meio de testar, de experimentar aquilo que, para a filosofia, é objeto de conhecimento e demonstração positiva.

É preciso salientar então que o domínio aristotélico com a dialética precisou esperar a filosofia contemporânea para ser reconhecido, ou, mais precisamente, o programa dialético de Hegel. Para comentadores como por Werner Jaeger, Joseph Owens, Pierre Aubenque e Almir de Andrade, e restringindo as breves discussões que nos interessam, resgataremos os seguintes tópicos da presença da dialética na doutrina aristotélica: (i) a busca de uma explicação racional para o eterno fluir do movimento e para a coexistência dos contrários (ii) o processo *do devir* como passagem de *ser* para *não-ser* e de *não-ser* para *ser* e, principalmente, (iii) a introdução de ideias habilidosas e amplas da relação do *continuum* espaço-tempo na realidade do ser a partir dos evocativos da *diferença*.

¹³ Woolf, V. (1981). *As ondas*. [1932]. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

Faz-se necessário insistir que em suas *epistemologias flutuantes* há um conjunto de interações possíveis (conjeturais) entre *espaço/tempo/movimento* que vão proporcionar atributos que orientem Aristóteles a um plano ontológico mais-além da fixação a um fluxograma estratificado da (meta)física, ou ainda de sua cosmologia cristalizada.

Por exemplo, insiste-se em se pensar o *tempo* aristotélico como *tempo-do-suceder* reconhecido pelo *mecanicismo*, organização da realidade moderna, da filosofia e teologia cristãs. Estas jamais admitiram a existência de constructos autônomos de tempo, espaço e movimento. Através da motivação dos comentadores medievais constrangidos pelas insígnias católicas, podemos apontar uma série de insurgências teóricas que veem à tona, que são capazes, surpreendentemente, de aproximar o pensador grego às questões intimamente ligadas ao exercício de remodelações dialéticas contemporâneas, que além das hegelianas, tocam àquelas perseguidas pela Escola de Frankfurt (na figura de Theodor Adorno), ora àquelas constituídas no interior da teoria psicanalítica.

Faz-se necessário acompanhar os argumentos de Almir de Andrade (1971) pela rigorosa análise comparada e das traduções diretas do idioma grego, esclarecendo, de uma vez, a *irrealidade* que há no *princípio de [não] contradição*, haja vista haver uma qualificação *temporal* do princípio, que, não obstante, foi suspensa e esquecida, permanecendo como proposição antagônica e paradoxal, logo esquecida.

Se imaginarmos que, alguém como Emmanuel Kant, influenciado pela má tradução da obra do grego, defendeu a tese de que se deveria: “banir para sempre do princípio de contradição a ideia do tempo, por lhe ser, além de inadequada, inútil” Kant (citado por Andrade, 1971, p. 450), seria realmente árduo contestar uma posição como a do filósofo alemão. Contudo, há uma variação a esta abordagem e em outro contexto, que, curiosamente, é pouco explorado pela própria filosofia. Estas tocarão na “fundamental distinção entre *ato* e *potência*, chave mestra de toda metafísica de Aristóteles, que é, na verdade, silenciosa e habilíssima introdução da ideia do *tempo* na realidade do ser” (Almir, 1971 p. 460, grifo do autor). O que há realmente entre o *ato* e a *potência* no texto aristotélico diz respeito à própria violabilidade do princípio central da *não-contradição*.

Ao se buscar uma explicação racional para o eterno fluir do movimento e para a coexistência dos contrários, Aristóteles achou ser possível incrustá-los na *dialética da natureza* e na concepção *dialética do pensamento* um tempo tanto de *duração* quanto um de *passagem*. Todos os seres, para Aristóteles, estão sujeitos ao processo de *devir*, pois, todos eles “tem a possibilidade de ser e de não-ser”, isto é, “em certo momento existem, noutra momento não existem, de maneira que tanto o vir-a-ser (geração) como o deixar-de-ser (corrupção) se manifestam necessariamente naquelas coisas que podem ser e não ser” (Aristóteles, 2001, p.74).

O tempo se compara ao movimento, mas também com *acidente* de um ser a quem deve algo a sua própria unidade e invariância. Ou seja, constatada a inércia do movimento, o processo do devir não poderá propor continuidade. Então para Aristóteles: “se o tempo é contínuo, deve ser contínuo também o movimento, pois é impossível que haja tempo sem movimento” (Aristóteles, citado por Andrade, pp. 467-468). Estamos na raiz histórica do modo como as uniões conflitantes (*ato e potência*) ocupam a identidade do mesmo ser (em seu caso, na mesma *substância*), para então, articular um *sistema* que expresse critérios na compreensão e na explicação deste real.

Se a possibilidade ontológica de se mover precede a existência do movimento, será também pressuposto da existência do *tempo*, que lhe serve de medida. Aristóteles está ensaiando definições que encontrarão o rigor necessário para suas formalizações vinte e dois séculos a sua frente. Na famosa definição: “o tempo é o número do movimento, conforme o anterior e o posterior” (Aristóteles, 2013, p. 302), estamos diante de possibilidades de transformações que ocorrem dentro do ser como *potência* investindo-se em *ser-em-ato*, por isso, o movimento é processo que tem lugar no tempo.

Surge aqui nova orientação ao pensamento filosófico e matemático/lógico uma vez que o movimento, princípio universal da Natureza, se relativiza perante aos seus tempos de existir ou coexistir. “Qualquer transformação que se opere, seja na esfera do mundo físico, seja no campo mental, seja no terreno do próprio pensamento puro; e até na abstração matemática, *processos geradores de transformações* são conduzidos por movimentos como *passagem* da potência para o ato” (Andrade, 1971, p.189).

1.2 A amplitude da noção temporal omitida no enunciado do princípio da contradição

Na *Metafísica* (2005, v.2) o famigerado *princípio* possui duas redações distintas uma da outra. No Livro IV (2005, p. 76), aparece nos seguintes termos: “É impossível que o mesmo atributo pertença e não pertença *ao mesmo tempo* e da mesma maneira à mesma coisa” (grifo nosso). A segunda redação está no Livro XI (2005, p.132), “Há, nas coisas que existem, um princípio que não pode ser falseado, mas que pelo contrário, devemos sempre tomar por verdadeiro, a saber: não é possível que a mesma coisa, num só e mesmo *tempo*, seja e não seja”.

A principal diferença entre as duas redações está na palavra usada por Aristóteles para exprimir a ideia de “ao mesmo tempo” e “tempo” que, no Livro IV, se expressa por “um advérbio ($\alpha\mu\alpha$) que tanto pode significar ‘ao mesmo tempo’ como, simplesmente ‘de uma vez’, ‘conjuntamente, ‘simultâneo’; ao passo que, no Livro XI, a redação do princípio é realizada com o substantivo ‘tempo’ ($\chi\alpha\sigma\nu\acute{o}\varsigma$)” (Andrade, 1971, p. 449).

No entanto, seus intérpretes e comentadores arcaicos, intencionalmente, tornaram o *princípio* prescindível ao tempo (substantivo), uma vez que, associaram-lhe apenas o advérbio “ao mesmo tempo”, assumindo um contexto semântico de “união e conjunção”, evitando que “ao mesmo tempo” fosse constitutivo de duas ou mais naturezas temporais que atuassem no mesmo ser ou na mesma substância. Segundo um importante dicionário de filosofia, encontramos o seguinte pressuposto: “O princípio lógico de contradição fundamenta-se no ontológico. Exprime que duas proposições mutuamente contraditórias não podem ser verdadeiras; que, por conseguinte, nunca se pode afirmar e negar a mesma coisa” (Brugger, 1962, p. 133).

Se a tradução alcançasse o valor que o *tempo* teria no princípio, ao invés de repreendê-lo, a noção de que “o movimento é *acidente* da substância” (Andrade, 1972, p. 189) possibilitaria múltiplas entradas e análises renovadas da obra aristotélica. Como coloca Pierre Aubenque (2012, p. 12), “faz com que o ser em geral comporte acidentes”, inclinação que abre largas vias à *desconstrução* da *Metafísica* aristotélica e da supremacia da lógica discursiva apofântica (*apophantikós*) sobre a lógica discursiva dialética.

A aspiração das leituras *standards* como a citada através do dicionário de Brugger, pretende preservar o *ser* de receber conjuntamente atributos *contraditórios de caráter essencial*. O que seria um chamado à degeneração irreduzível e apresentar-se-ia como perigo político, social, cultural. Já a releitura da doutrina aristotélica por esta nova ótica, torna o princípio da identidade da substância capaz de *reunir atributos contrários*; e que a mesma substância, embora uma e idêntica a si mesma, se transforme em outra, ou sirva de suporte a contrários conforme a incidência da qualidade temporal que lhe atua. Os termos aristotélicos são, no mínimo, ambíguos, e isso deveria ser suficiente para considerarmos que ele flerta com movimentos experimentais, conjecturais e especulativos. A redação da proposição, no Livro IV, encaminhara-nos a posição de possibilidade de coexistência, no tempo, justamente ao substantivo tempo (*χασμός*) capacitar dois horizontes anacrônicos entre o que *passa* e o que *dura*.

Mas a convicção aristotélica da imprescindibilidade do tempo para sustentar o princípio de contradição ultrapassa o terreno puramente verbal. E é justamente essa convicção que o lança, de improviso, no campo da verdadeira e autêntica dialética. [...] a conclusão surpreendente de que todo vir-a-ser, isto é, toda mudança de ser para não-ser e de não-ser para ser, é passagem para o contrário e que somente quando são contrárias é que duas coisas podem agir mutuamente uma sobre a outra. E como concilia este resultado com o princípio de contradição? Invocando o tempo – já agora todavia, sem mencioná-lo expressamente. Nada impede que uma só e mesma coisa seja e não seja – desde que as duas não ocorram *ao mesmo tempo*. E qual a única maneira disto acontecer sem que haja simultaneidade no tempo? Juntando os contrários num *momento* da existência do ser, em que este tem apenas a *potência* de vir a ser algo; e separando-se outro *momento*, em que essa potência já se definiu por um dos contrários e em que o ser *em ato* só pode ser o que realmente é, e nunca, quando, ainda *em ato*, o contrário do que é, embora o fosse e ainda o seja *em potência*” (Andrade, 1971, pp. 459-460, grifos do autor).

O *tempo*, no que lhe atribuiu o pensamento contemporâneo é capaz de justamente contornar sua função primordial, potência do vir-a-ser algo como possibilidade (do pensamento) e emergência (política) de se incluir um *negativo fenomenologicamente aceito*.

Ou seja, conceber o *não-ser* como um negativo que se expressa no ser de alguma coisa que passou a ser-outra, que só é contrária a essa outra no sentido de constituir o não-ser do que ela é.

Ser e não-ser estão ambos contidos no processo do vir-a-ser, mas como potencialidade que aguardam o seu momento, isto é, os seus respectivos *tempo-de-ser* e *tempo-de-não-ser*. Nunca se reúnem, todavia, na atualidade do ser. Por isso constituem, não apenas diferentes etapas ou momentos do processo do *dever*, mas também diferentes momentos da própria temporalidade do ser (Andrade, 1971, p. 513, grifos do autor).

Aristóteles reconhece que “o tempo não existe sem mudança, pois quando nada muda em nossos pensamentos, nem percebemos coisas mudando, não nos parece que haja transcorrido nenhum tempo” (Aristóteles, 2013, IV, p. 210). Assim, há um processo em evolução cíclico, em série de movimentos que são medidos pelo tempo, mas onde a medida não tem apenas o sentido quantitativo de “número”, mas também o qualitativo de *dimensão ontológica* das possibilidades do ser e dos seus meios de *vir a ser* em ato o que já é em *potência*. De forma precursora, ao designar o ser em ato em contraposição ao ser em potência, sua doutrina implicará na ideia de *força, trabalho, produção, atividade criadora e energia*, mas, principalmente em como “é possível construir uma filosofia dialética sem ferir o princípio da *contradição*” (Andrade, 1971, p. 447).

O tempo é inseparável do ser, *ipso facto* aquele deverá constituir elemento integrante da definição deste e, conseqüentemente, elemento imprescindível ao enunciado do princípio de contradição, qualquer que tenha sido a ‘intenção’ do filósofo que pela primeira vez o formulou (Andrade, 1971, p. 459).

Aristóteles persegue um sistema filosófico logicamente estruturado e, até onde seja possível, coerente, já que imaginar que a eternidade do movimento recobrirá o próprio processo do *dever* deverá fazer deste *tempo-movimento* servir não só como medida em relação ao que se mede, mas também como *acidente* de ordem epistemológica. A diversidade material e especulativa da dialética em Aristóteles foi a matéria-prima “manufaturada” por Hegel para compor a sistematização da própria história do pensamento, da consciência, do *ser-essência-conceito* em suas teses, antíteses e sínteses.

Aristóteles defende em várias de suas obras o alcance de processos transformacionais a partir de operações incidentais, de alternâncias e de movimentos que implicam passagens e mudanças, alterações que ora se redobram aos atributos, ora à própria natureza do ser. Em suas palavras, no primeiro tratado da *Lógica*, esclarece-nos: “Parece que a propriedade mais característica da substância é receber contrários, embora se conserve a mesma e numericamente uma [...] É próprio da substância receber em si (ou servir de suporte a) contrários, em virtude de uma transformação dela mesma” (Aristóteles, citado por Andrade. 1971, pp. 461-462).

Na *Metafísica* (2005) avança mais um passo e admite não apenas que a *substância* é capaz de receber atributos contrários, mas que as *substâncias* e os seres se constituem a partir da contrariedade, ou pelo menos, são tratados por ela, sendo que “todos os contrários se reportam ao ser e ao não-ser, ao uno e ao múltiplo” (Aristóteles, 2005, p.19). Se todas as coisas admitem contrários e estes nunca aparecem nela ao mesmo tempo, implica-se, naturalmente, a existência de tempos plurais. Que surjam em tempos diferentes, ou em diferentes momentos do tempo.

A distinção entre o ser *em potência* (capacitado e aberto) e o *em ato* (aquele que reúne a atualização e consumação desta mesma potência) ocorre em *diversos momentos do tempo-de-ser* do mesmo ser. Isto, permitirá a Aristóteles e a todo processo dialético (hegeliano e pós-hegeliano), conciliar este princípio da passagem e intercâmbio dos contrários com o princípio lógico e ontológico de *não-contradição*. O manejo dos contrários é justamente o motivo transformacional para a transmutação de seus atos e ações, em que *passagem, duração, atualização e repetição* constituem uma imanência crucialmente vinculada ao movimento, pois, todo movimento significa passagem de uma função a outra. “Ora, se o ser existente, na sua essência, é ou não é, o que vem a ser provém do não-ser; e não só o que vem a ser provém do não-ser, mas, da mesma maneira, o que deixa de ser (ou o que se constrói) passa para o não-ser” (Aristóteles, 2001, p. 176). A concepção dialética de Aristóteles se completa com a doutrina dos *deires*. Acentua o autor que é justamente este o processo pelo qual “as coisas se geram e se destroem, passando de não-ser para ser e de ser para não-ser” (Aristóteles, 2001, p. 177).

1.3 Por uma razão não indefesa, Hegel e a reinauguração do método

A contribuição hegeliana fartamente expandiu as iniciativas aristotélicas visto ter se engajado na árdua tarefa de utilizar o *método* para *decompor a razão moderna*. E, imaginar, por alguns segundos, a quantidade de ruas que sangraram fruto das tentativas e realizações de Revoluções (político-culturais) sustentadas por estes operadores, é inenarrável. Imaginaremos a eclosão (no ocidente e no oriente) de uma violência sem tamanho durante quase um século ou mais. Há um anseio de sublevação nutrido pelo programa de pensamento de uma filosofia de guerra como esta que roga uma diferença entre o entendimento (*Verstand*) e a razão (*Vernunft*).

Em Hegel, a estratégia foi investir nestes operadores como destituição da identidade do sujeito moderno. Metodologicamente, utilizou a centralidade da negação como estrutura ontológica e epistemológica. Nisto, seria incapaz ao regime esclarecido, sustentar suas proposições de verdade, ou o fulcro da adequação entre sujeito, objeto e o código. Hegel é o arquiteto das tensões antagônicas e de uma lógica de conflitos e admissão dos *devires intuídos* para uma época próxima a nossa. A utilização do negativo em Hegel não compete àquilo que, na *diferenciação*, outro termo ocupará lugar antagônico; e sim, o *vazio* do lugar de sua *inscrição*, que, pela negação indeterminada, será preenchido pela *zona de sombreamento da dialética*. Parece ser de Aristóteles que Hegel herda a simbiose e a identificação de contrários como estratégia de pensamento. Mas cabia a Hegel questionar a noção de *unidade*, visualizar sua própria negação e o papel disto na consciência. Por isso, a *negação indeterminada* responde à maximização da alteridade, ela torna-se o operador *lógico das modalizações*. Relações e não-relações descobertas por leis, princípio, conceitos e categoria.

Jogo perpétuo de permuta entre uma existência que se torna cada vez mais pura intimidade subjetiva e a conquista, sempre mais atuante e mais objetiva, do mundo, segundo a preocupação do espírito que realiza e da vontade que produz, jogo que Hegel foi o primeiro a explicar plenamente e por isso, unido a Marx, tornou possível a sua realização (Blanchot, 1987, p. 215).

Desde a mais alta antiguidade se admitiu que o mecanismo do pensamento funciona através de *categorias*, entendendo-se por estas, formas através das quais a consciência “pensa” ou “representa” os vários aspectos do mundo real. Todos os sistemas filosóficos apresentam um quadro, mais ou menos restrito, das categorias. Aristóteles indicara dez:

substância, qualidade, quantidade, estado, relação, lugar, tempo, ação, paixão, possessão¹⁴. “Hegel não só ampliou esse quadro, mas também *mobilizou* integralmente as categoriais do pensamento. Isto é, concebeu-as como *deduzíveis* umas das outras e *reduzíveis* umas às outras (Andrade, 1971, p. 488).

Hegel não temeu corroer a estrutura geral da ordem epistemológica oriunda da lógica formal e metafísica. Tracemos um triângulo: seu *sistema* possui, na base, o *ser*; em seguida, no centro (estendido) as essências; e na ponta, os *conceitos*. A estrutura do pensamento apreendida (e reпреendida) na raiz da impermanência dos seres, como mencionamos, é compartilhada com a *essência* e com os *conceitos*. Todos entram em rota de colisão. As operações são especulativas e nunca podem *ser* conciliativas, pois há sempre um descompasso e algo que resta. Este elemento (disjuntivo) é impossível de se prever nas instâncias da lógica tradicional, pois a cada atualização requer do plano do pensamento novas proposições que lhe circunstanciem. É precisamente essa transformação e passagem das categoriais umas nas outras que caracteriza o *método* dialético e constitui o objeto de estudo da *lógica dialética*, desse modo, contraposta à lógica formal.

Para Aristóteles, a categoria fundamental que daria sustentação ao sistema foi a *substância*. Ela estaria, de certo modo, subordinada a todas as outras que originassem pelo seu *dever* originário. O *sistema* de Hegel inclui as próprias *categorias* transformando-as também, umas nas outras; não como atributos de uma *substância*, mas como uma *diferença*. Por isso a noção de *conceito* envolve o negativo e o positivo como processos imanentes à própria natureza da essência, da ontologia, e do conhecimento.

A primeira e mais fundamental das categoriais, segundo Hegel, é a do *ser* – é pelo simples fato deste *ser* já conter o *nada* –, e por serem reversíveis e mutuamente conversíveis, que a identidade dos contrários deste próprio é reproduzida extensamente pelo Universo afora. A contradição e a busca da totalidade estariam estampadas nos seres. O vir-a-ser é o desaparecimento do ser no nada e vice e versa. “É o desaparecimento do ser e do nada em geral; mas também depende da diferença entre os dois. Ele se contradiz a si mesmo, porque unifica em si os contraditórios; mas tal união se destrói a si própria” (Hegel, 1976, p.122).

¹⁴ Aristóteles, *Categorias*. IV, 1b 25 até IX, 11b 14, 1990; Aristóteles: *Organon: categorias da interpretação, analítico anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofisticas*. 2010.

O método e a lógica sistêmica hegeliana (que é simultaneamente ontologia) fundam-se na contradição da relação, como “movimento dialético que não é mera modificação, mas destruição das identidades inicialmente postas” (Safatle, 2019)¹⁵. Isto capacitou a filosofia a tomar por funções, ligações necessárias para apreender a origem imanente das diferenças. A centralidade da *categoria do ser*, como bem posicionou Hegel, é exatamente tudo aquilo que é, pura e simplesmente falando, independentemente de qualquer atributo ou determinação, é completo *vazio*. Os atributos e determinações somente advirão pelas categorias que entrem *em constelação* com este *ser*, e isto não declina-se à acumulação de avanços heurísticos e essencialistas, mas processos em devir de força transformativa das correlatas *essências e conceitos*. Na *lógica de Iena*, Hegel admitia que “o determinado, como tal, não possui outra essência senão a inquietude de não ser o que é”¹⁶. Repeti-lo-á na Enciclopédia das ciências filosóficas (*Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*) que: “O finito não é, isto é, não é a verdade, mas somente passagem para ir mais além, *ultrapassagem (aufgehoben)* de si mesmo” (Hegel, citado por Andrade, 1971, p. 474). Por fim, na *Fenomenologia do Espírito*, novamente Hegel mostra-nos que uma negação suscitará, no desmonte de cada conjunto (*ser, essência e conceito*), resíduos que venham atuar na constituição de um *conjunto-(do)outro*¹⁷.

Indo de negação em negação, a construção racional hegeliana eleva-nos do abstrato ao concreto, do contingente ao necessário, do finito ao infinito, por um movimento, através do qual cada termo contém todos os momentos anteriores, até que se atinja um sistema total de conceitos capaz de identificar-se com o real na sua totalidade. (Andrade, 1971, p. 475).

As categorias da *essência*, por sua vez, demonstram um traço distintivo ao *ser*, a saber: a *mediação*. Isto é, elas se dispõem sempre de duas em duas e cada qual se define através da outra (positivo e negativo, causa e efeitos, etc.). Para Hegel, este módulo sistêmico de categorias [ser-essência] pressupõem uma elaboração mental do conhecimento e caracterizam a ciência como um todo.

¹⁵ Safatle, V. (2019). *Dar corpo ao impossível*. Autêntica: Belo Horizonte. [Recurso Eletrônico]. No texto de suporte digital, esta citação encontra-se sem página definida, anterior à nota de rodapé n° 90.

¹⁶ Cf. Nicolau (2008). *O ser como começo da ciência na Ciência da lógica de Hegel*. Dissertação de Mestrado em Filosofia.

¹⁷ Cf. Kojève, A. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto – EDUERJ, 2002.

Quando cruzamos as 'barreiras da complexidade' entre um sistema superior e um sistema inferior, cada um assume uma certa autonomia. Toda especialização na ciência se baseia neste surpreendente fenômeno pelo qual cada nível estrutural não só se eleva sobre, mas, de forma significativa, se libera do governo do nível anterior e, desta forma, pode ser compreendido nos seus próprios termos. Cada nível tanto depende, quanto transcende o nível inferior. Esta fronteira entre os diferentes níveis sistêmicos é dialética (Stahel, 2002, p. 130).

Sob os modos da *essência*, Hegel aloca as categorias do *conceito*. Aqui, mediação e imediaticidade se fundem, “e cada categoria é a mediadora de si mesma e se define através de si mesma, jamais por meio de outra. Por isso, estaria aqui o *campo especial da filosofia*” (Kojève, 2002, p. 8). Justamente o olhar que acompanha e atualiza cada mover das micro relações categoriais distantes do núcleo, mas que lhe correspondem e provocam a emergência de ultrapassá-lo.

A *ideia Absoluta* é a categoria máxima de todo o processo de conhecimento, e última escalada do método dialético hegeliano: “síntese de todas as contradições, onde, por isso mesmo, todas as contradições se anulam, na definitiva e absoluta identidade de contrários” (Andrade, 1971, p. 494). O contrário é o outro, ou melhor, são todos os outros, que não somos nós, que são distintos e que a nós se opõem na medida mesmo da sua diversidade. A oposição dos contrários é um inevitável da individualidade e autonomia existencial de cada ser, que têm as suas formas inconfundíveis e que, para afirmá-las e realizá-las a qualquer preço, como imperativo da vida e resultado do próprio movimento, há de sempre *negar* a todos os demais. Desta forma, Goergescu-Roegen¹⁸, citando as ideias de Hegel, traz-nos que “onde houver movimento, onde há vida, sempre que algo se realiza no mundo concreto, aí a dialética está

¹⁸ Em seu texto, *O decrescimento: entropia, economia e ecologia*, o autor, considerado como o fundador da bioeconomia, considera um novo estilo de dialetização das relações econômicas e ambientais em nossa época. O curioso recurso do matemático húngaro foi reconhecer uma determinação topológica no pensamento hegeliano, indo mais além em seu argumento mostrando que “o problema inegavelmente difícil de descrever-se mudanças qualitativas, brota de uma só raiz: a mudança qualitativa escapa à esquematização aritmórfica”. Cf. Nicholas Georgescu-Roegen, *The Entropy Law and the Economic Process*; Cambridge Ma; Harvard University Press, 1971, p. 47 e p. 63. Cf. Dimitrov, Borislav. *Topological Notions of Qualitative quantity and Multiplicity in Hegel's Fourfold of Infinities*.

em marcha” (2012, p. 25). A alma e a vida se nutrem pelo prisma do contraditório, a fim de tentar racionalizar o que é essencialmente irracionalizável.

O programa, contudo, se desmorona quando a Ideia passa a encontrar o seu contrário. O “impredicado” em Hegel nascerá em Freud, a *antítese da Ideia*, a “não-Ideia”, ou seja, sua negação que afirma: o inconsciente. O ciclo estará longe de se completar, e o poder de síntese será alvo da eficácia de processamento de equações cada vez mais atuantes no mundo. Justamente aí, a psicanálise propõe um novo sistema dialético através de suas metapsicologias. Novas palavras, interações e assimetrias, muda-se as leis universais da mente, e logo, o processo do *devenir*.

2 A Dialectização da Linguagem

Palavras que se movem escuras nas profundezas de sua mente (...) começo a desenhar um algarismo e o mudo está contido na sua curvatura.

Virginia Woolf¹⁹

Esse traço é semelhante à marca deixada pela linha que se se volta por cima dela mesma.

Granon²⁰

Herdamos, da tradição filosófica clássica grega, uma orientação de que a linguagem, a princípio, é uma ordem constituída por leis. Por sua vez, estas transformá-la-iam em um sistema restrito de *representações*. A conjunção de princípios *estruturais* destas leis é refletida diretamente com as *qualidades* disponíveis ao *ser*, da sua consciência, verdade e identidade. No *logos* clássico, o campo do sentido conflui-se com a ordem das essências. Por isso, em seu nascimento, a matemática se confundiu com a própria lógica incrustada na linguagem. E nos dias atuais recuperou esta atribuição em uma orientação fundamental, através das novas tecnologias. A natureza representativa *desta* linguagem clássica é aquela que galga em

¹⁹ Woolf (1981). *As ondas*, p. 56.

²⁰ Trois (2007). *A travessia da Linguagem na obra de Jacques Lacan: uma leitura*, p. 25.

construir uma *imagem* do mundo; uma *gramática universal* decalcada de ordens pré-reflexivas de seu domínio. Há, por isso, relações entre linguagens e o mundo, ou mais precisamente, entre linguagens formalizadas e suas interpretações (Crossley, 1990). Destas relações poderemos implicar a noção de *modelo de linguagem*.

Como atestam os hieróglifos, a palavra exerceu originariamente também a função da imagem. Esta função passou para os mitos. Os mitos, assim como os ritos mágicos, têm em vista a natureza que se repete. Ela é o âmago do simbólico: um ser ou um processo representado como eterno porque deve voltar sempre a ocorrer na efectuação do símbolo. Inexauribilidade, renovação infinita, permanência do significado não são apenas atributos de todos os símbolos, mas seu verdadeiro conteúdo (Adorno e Horkheimer, 1995 [1947], p. 12).

Uma linguagem, neste contexto, pode ser pensada como portadora de uma série de símbolos capazes de identificar a natureza do *logos* ao qual ela responde, ou seja, ao conjunto de fórmulas ligadas ao sistema representativo uma vez calcado na *positividade do significado*. No mundo moderno, ao se investigar outras possibilidades do significado, da representação, e da consciência, uma possibilidade de traçar um papel epistemológico da linguagem surge de forma irrecusável.

No fundo, toda evolução da sociedade e do pensamento ocidental foi possível por esta capacitação: a constrição da *figura do sujeito* que se individualiza e que *representará* suas descobertas da natureza pela perspectiva figurativa formal, e mais a frente, pelo próprio método científico. Ou seja, vem de uma tradição grega, renascentista e cartesiana que os modelos de abstração próprios à racionalidade instrumental da ciência reduzem, muitas vezes, a linguagem a um sistema de comunicação/representação. O que podemos desvendar antecipadamente é que os *modelos* de linguagens também formam conjuntos em que se compartilham *constantes* e *variáveis*, cuja “tecnologia do código” decorre de conflitos internos, por exemplo, de uma língua oral e suas mutações.

Na lógica clássica, há uma inferência causal entre a verdade e a linguagem pois os atos de linguagem propostos atuam para ligar a *essência do Ser* à *força de sua palavra*; ao torná-lo

*fonocêntrico*²¹, como se pudessem exprimir-nos sua bela alma pelo poder enunciativo e íntegro de seu discurso, exaltados pela sua eloquente *presença*. Esta lógica gramatical é um modelo que exclui qualquer experiência com a *não-totalização* aberta por um novo conjunto. A linguagem, dentro da posição de Hegel, passa a comportar não uma, mas várias possibilidades de formalização e estruturação contra a intenção representativa. A grande lição do método nestes termos, segundo Safatle (2006, p 236.) é o “reconhecimento da dignidade ontológica do não-sentido como fato linguístico”. Muitos psicanalistas não hesitariam em apontar, aí, o “DNA” do inconsciente. Ao renunciar o registro de *discursividade representativa* (no qual as palavras são vistas como *signos* de coisas) e passar a habitar, também, uma *dimensão especulativa* de linguagem, em que *atos* (associações linguísticas) não obedecem mais ao princípio de adequação e de identidade, este novo *modelo* abre-se à uma práxis instituinte do singular, mas também fomenta uma crítica social, uma filosofia política e um estatuto estético. Nas microanálises disjuntivas do código, laboriosamente feitas por Hegel e em seguida pela psicanálise, surgem espectros *sensíveis* e *inteligíveis* que capacitariam não o *sentido*, mas a *irrealização* do próprio sujeito como senhor da representação.

[...] a linguagem não é um poder, não é o poder dizer. Não está disponível. Nunca é a linguagem que eu falo. Nela, jamais falo, jamais me dirijo a ti e jamais te interpele. Todos esses traços são de forma negativa. Mas essa negação somente mascara o fato mais essencial de que, nessa linguagem, tudo retorna à afirmação, que o que nega nela afirma-se. É que ela fala como ausência. Onde não fala, já fala; quando cessa, persevera (Blanchot, 1987, p. 45).

Se algo no sujeito ecoa ao *não-ser*, aqui, é uma inscrição da falta no espelhamento vazio que também reside nele esta linguagem. Reverter o platonismo é afirmar a existência de um polo de pura *opacidade semântica* aliado a estágios de indeterminação ontológica difusas. Estágios que não serão resolvidos mediante o recurso da habilidade pragmática de razão, da clareza e da adaptação. Interpretar uma linguagem formal é, assim, fazer-lhe corresponder um mundo possível, ainda que inexistente. A psicanálise talvez tenha fornecido um novo *logos* ao mundo, que dinamizaria a epistemologia da linguagem utilizando sistemas dialéticos sobre

²¹ Cf. Derrida, J. *Gramatologia e A voz e o fenômeno*.

suas possibilidades. Mostra-nos interações possíveis que, no fundo, dizem respeito às intervenções e às sublevações através da linguagem, ou de rupturas de maior ou menor potencial transformativo.

Em lugar da explicação encontra-se uma implicação (...) uma dobra do pensamento que nunca deixa de suscitar o espanto e a desorientação. É um modo faltoso com a referência da lógica clássica. Apresenta-se como um não-senso; um enigma; uma nova questão (elevado ao quadrado) (...) A dobra é o lugar onde se urde um insaber (...) parcialmente ligado ao não-saber (Dufour, 2000, p. 39).

Para Rona (2010) a ferramenta essencial para a interpretação de qualquer *modelo* de linguagem formal é a *teoria dos conjuntos*. Pode-se considerar que a psicanálise atribui à linguagem, participação ostensiva na formulação de suas metapsicologias, meta-conceitos, grafos, álgebras regionais, matemas, tecnologia de transmissão, suporte e avanço do contraditório, teoria dos *nós*, etc. “O Um encarnado na *alíngua* é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase e mesmo todo o pensamento” (Lacan, 1985, S.XX [1972-73], p. 196)²².

A novidade, aqui, será incluir elementos de linguagem que estarão para além do nível sintático e semântico. Modificações que a linguagem suportaria para além de suas relações internas ou estruturais. “Uma linguagem que permite a interpenetração de diversos traços (visuais, sonoros, sinestésicos, etc.) que se configuram numa temporalidade e numa espacialidade que vão muito além do signo compreendido como código” (Trois, 2007, p. 58). Por isso, pode-se dizer que um *modelo*, aquilo que interpreta uma teoria expressa por essa linguagem formalizada, é um conjunto, dotado de alguma operação, referente a uma *estrutura*.

É através de sua relação de alteridade com a própria linguagem que o sujeito poderá estar *ausente e presente* ao *mesmo tempo*, assim, poderá estar ausente, mas representado por um significante que o fará presente. “Esse não-dito é correlativo à instauração de um sujeito dividido, efeito de linguagem e portador da palavra heterogênea, polissêmica e potencialmente equívoca” (Nassif, citado por Trois, 2007, p. 85). Em psicanálise, isso é

²² Lacan. *Ancore*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S20/S20.htm>.

extensamente recuperado, como, por exemplo: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (Lacan, 2003, p. 448). Produz-se um avesso do discurso que não é um outro discurso, mas o discurso do Outro. Essa articulação de um discurso com seu avesso se dá pela localização de seus traços na cadeia falada: o que é dito do desejo, sem que se saiba, na fala” (Trois, 2007, p. 71).

Dialética em linguagem significa que a primazia do significante é capaz de conviver com a incompletude do simbólico. Assim, o sistema/modelo de linguagem passa a uma dimensão “pós-linguística”, noção não estática em que se dispara o *vir-a-ser* de si mesma. Como seria um *logos* em que o *modelo* fosse a poética entre a comunicação dos inconscientes? Seria dotado de uma “função poética da linguagem para dar o desejo sua mediação simbólica” (Lacan, citado por Trois, 2007, p. 29).

O recurso aqui, será claro: diluir as categorias de linguagem, pois nos escombros ver-se-á que sua estrutura estava fundamentada em *elementos descontínuos* que são as palavras. Lacan frisava que o discurso não se restringe ao plano verbal, mas comporta também “atos, encaminhamentos [démarches], as contorções das marionetes presas no jogo” (Lacan, S. III, 2017 [1955-56], p. 63). Logo, não cabe ao analista interpretar o inconsciente, mas tocar em “pedaços do Real” (Harai, citado por Trois, 2007, p. 32)²³. Da clínica, experiências de fala que fracionam a positividade do significado, do sentido, e da ausência tornam a ontologia um negativo. “Com o auxílio do símbolo da negativa, o pensar se liberta das restrições da repressão e se enriquece com material indispensável ao seu funcionamento correto (Freud, 1925b, p. 266).

2.1 Os atos performativos de linguagem

Os *atos performativos* ou *perlocucionários* são capazes da atuação em produzirem *efeitos* no *enunciador*. Um performático “eleva o signo à função significante, e a realidade à sofística da significação, e pelo desprezo da verossimilhança, abre a diversidade de objetivações a serem verificadas de uma mesma coisa” (Lacan, 2008, p. 805). Atos perlocucionários são “capazes de modificar um segmento da realidade socialmente reconhecida como os sujeitos que nela se engajam” (Safatle, 2006, p. 108).

²³ Prefácio de Souza ao texto de Harai (2003, p. 11, citado por Trois, 2007, p. 32).

Aqui, a linguagem deixa a centralidade das operações de efeitos de coesão ou de incoerência. O efeito performático estende a linguagem em sua existência sensível. “A escritura me interessa, posto que penso que é por meios desses pedacinhos da escrita que, historicamente, entramos no real, a saber, que paramos de imaginar. A escrita de letrinhas matemáticas é o que suporta o real” (Lacan, S. XXIII, [1975-76], p. 68)²⁴.

[...]se trata de um ato de fala que se desconhece como tal, já que a consciência crê servir-se da linguagem para descrever uma realidade imediata e não problematizada ou para pôr uma certeza imanente. No entanto, ele está produzindo performativamente um movimento de clivagem nesta realidade e nesta certeza (Safatle, 2006, p. 235).

Dizer “escansão” que se ancore por movimentos de retorno sobre a própria linguagem, como, por exemplo disse Lacan (1976) uma vez: “um significante representa um sujeito para outro significante”, é enfatizar-se o caráter não “mentalista” da *representação*; o inanimado representa tão bem quanto o intelecto: *as pedras quando querem sabem gritar*.

Duas faltas se recortam: uma falta de ser e uma falta de sentido. Assim, a partir desse movimento de descontinuidade, entre o eu e o outro, a falta vem ao ser pela perda da completude – ele não mais faz um com o outro (completude imaginária do modelo comunicacional). Pode-se dizer, então, que o sujeito é falta-para-ser dizendo sobre a sua repartição em referência, desarticulado do objeto e da certeza do seu sentido (Trois, 2007, p. 7).

Existir na alteridade (eu/outro) são duas modalidades de um mesmo sujeito na estrutura, que tem como condicionador a mesma falta que os articula. Mas, estrutura não é metalinguagem, ou, não é apenas um plano rígido que assume função de lei das possibilidades de interações sociossimbólicas; ela é também uma alteridade entre o materialismo e a transcendência, ela passa, no fundo, a também ter uma confluência e ser coextensiva a um objeto.

O sujeito do inconsciente só pode criar algo em torno do *vazio* de referência inerente ao seu desejo. A forma de tratamento clínico evoca a interdependência entre verdade e não-

²⁴ Lacan, J. (1976) *Le Sinthome*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S23/S23.htm>

verdade ao redesenhar a partilha ente sentido e o não-sentido, entre *representação* e *afetação*. É uma intenção de legitimação de discursos idiossincráticos capazes de serem manejados pela escuta como processo de encontro às experiências dialéticas de remodelação subjetiva. O tratamento psicanalítico aqui, metaforicamente, é como um tratamento oncológico, uma radiação que precisa inicialmente cortar a atuação das células semânticas, é uma subversão que precisa inferir perdas corporais ao interromper o fluxo incessante de sentido. “Como suportar, como salvar o visível, senão fazendo dele a linguagem da ausência, do invisível?” (Rilke, citado em Blanchot, 1987, p. 140).

2.2 O ressentimento

É inegável que parte relevante da contribuição do pensamento filosófico francês contemporâneo posicionou a dialética a estágios inferiores, seja quanto à capacidade de formalização, seja quanto uma práxis voltada às necessidades revolucionárias. Muitos tentaram desqualificar a dialética tomando-a como obstáculo às ações sociais e subjetivas ativas, ou seja, um campo incapaz de lidar com as dinâmicas das tensões radicais entre a constituição do sujeito e da sociedade. Autores como Althusser, Foucault e Deleuze observarão que a dialética é detentora de uma remissão ao “pensamento antropológico humanista normativo e conservador, ou como condicionante de uma concepção teleológica e minimizadora da história, cujo cerne necessita de um movimento de integração sem rupturas efetivas” (Safatle, 2019, s/página) Considerar a dialética remissiva, ou cujo estímulo causar-nos-ia remorsos, é avaliá-la como um pensamento voltado à *integração*, e não em sua real natureza de *produção de diferenças e transformações*.

Acreditamos que a insistência dos estudos epistemológicos em linguagem, vieram para realçar ainda mais as posições dialéticas contra as antidialéticas. Como brevemente mencionado, o estatuto do desejo é paradoxal por isso e em função disso. Analisaremos mais a fundo os fenômenos que tocam na *sublevação da linguagem* contra a hegemonia da *composição estrutural* de um modelo dominante, ou mesmo *pós-estrutural*.

A potência do pensamento psicanalítico ratifica as formas plurais de linguagem que ultrapassam muito a secção *científica* do objeto linguístico clássico. Talvez resida aí o grande mal-entendido que desguarnece a atenção à dialética para a contemporaneidade. Não há

necessidade de recuperação, no cerne do método, da conceituação de *sínteses totalizantes* de suas próprias proposições, ou, mesmo recuperação de dinâmicas conciliatórias dos opostos ou, ainda, que se ocupasse de posição idealista incapaz de observar a diversidade das experiências dentro de um laço simbólico compartilhado.

Investir em gatilhos capazes de disparar a auto-(re)organização dos *sentidos*, de dar possibilidade às formas de vida que vão além da estrutura ficcional de *verdades* transcendentais ao sujeito. “Esta *verwerfung* primordial, que instaura a ciência, instaura uma disjunção exclusiva entre a ordem da gramática em sua totalidade que se faz assim suporte do fantasma, e a ordem do sentido que resulta excluído e que advém como efeito e representação da coisa” (Lacan, S. 15, [1967-68], S.15, p. 50).

Como um pêndulo, o *método* oscila a um *sistema*, e ali, diferencia o positivo do negativo; através de uma retroação, instaura o *descentramento* e o *esvaziamento* do próprio sistema; que implica um modelo (de *conjunto*, de *superfícies topológicas*, de *nós*). Este movimento está àquilo do que é permitido *vir-a-ser* ou o *dever*. Se tanto a psicanálise flertou com a negatividade, isto foi pela própria declinação em admitir este terceiro elemento que irá deslocar a posição consolidada das convenções sujeito/objeto e de epistemologia/ontologia. “O problema do entendimento da natureza e das condições de possibilidade (no sentido de inteligibilidade) de normatividade conceitual move-se para o centro” (Brandson, 2002, p. 212). O centro implica um limite para o abismo, ao litoral dissociativo do Real. A psicanálise é uma ciência de linguagem de força dialética habitada pelo sujeito. Uma ética de aspecto produtivo habitada por um *não-ser-representado*. Nela, a filosofia força a linguagem a seu ponto de não-identidade ao inverter os sentidos das palavras, embaralhar o sim e o não, fazer tudo passar em seu oposto. “Para Adorno, a impropriedade gramatical do ente faz do modo de existência do ser, a posição definitiva de um indeterminado” (Safatle, 2019, s/página).

Requisitar esta passagem entre um pensamento que refletirá suas crises (materiais, propositivas, representativas) e manejará seu próprio dizer é ocupar a clínica de “espaços simulados” onde são estimulados esforços para o analisante *dizer sobre aquilo que não se pode falar*. “Uma palavra emergente que ultrapassa o sujeito discorrente [...] é que ele diz sempre mais do que quer dizer, sempre mais do que sabe dizer” (Lacan, S.I, 2017, [1953-54], p. 299). “Falar é estabelecer-se nesse ponto em que a palavra tem necessidade de espaço para

repercutir e ser entendida (...) Fala jubilosa que, uma única vez, dá voz ao desaparecimento, antes de desaparecer nela” (Blanchot, 1987, p. 143). “Mas observem como é prostituída a frase – feita de evasivas, antigas mentiras” (Woolf, 1980, p. 99).

A *predicação intersubjetiva* antidialética ofereceu os contornos *geométricos* do ser. Por isso, desde Platão, esses planos: ontológico (enquanto um sistema lógico que se confunde com a essência); e o epistêmico: (quanto a provisão de todo e qualquer conhecimento e seu método de *verificação utilitarista*), precisam aliar-se à natureza de um código de linguagem *monológico*, pois através dele, como estatuto substancial ao *reconhecimento*, validar-se-á ou não o valor das proposições metafísicas de uma Natureza antropocêntrica.

Se a lógica clássica encontrou seu ponto de partida na gramática – ancorada no fantasma de *perfeição da língua* –, as leis do inconsciente, que Freud descreve em sua *Traumdeutung*, (Freud, 1996, [1900]), exigirão outra lógica que dê conta de modalidades de relação da *presença do individual* frente a um reconhecimento problemático, isto sugere que a negação é mais que uma invenção especulativa, há, em si, implicada uma *teoria da ação*. O elemento negativo implode quadros prévios de reconhecimento intersubjetivo, pois, de forma contra intuitiva, diz respeito à presença irreduzível, no cerne da ontologia do ser, de uma *negatividade* que também *se confunde* com a *essência*.

2.3 Matemas concretistas

Lá onde iss'estava dev'eurei devir-me.

Haroldo de Campos

[...] enxame de reflexos sobre a página, ontem e hoje confundidos, o visto enlaçado ao entrevisto, invenções da memória, lacunas da razão; encontros, despedidas, fantasmas de olhos, encarnações do tato, presenças não chamadas, sementes de tempo: destempos.

Reproduziremos uma análise experimental sobre formas de dialetização da linguagem dentro do texto literário. É justamente nesta metodologia que insistentemente a psicanálise recorreu ao longo de sua existência, ocupar-se da arte antes ou, simultaneamente, à própria clínica. Temos como foco dois pequenos fragmentos de *Passatempos e Matatempos*, uma das dezenas fábulas da prosa interstelar de Haroldo de Campos do seu romance *Galáxias* (2004, s/ página).

e o menino seguiu nos empós do conto conto seguiu de ceca a meca e de musa a medusa todo de ponto em branco todo de branco em ponto sherazada minha fada não leva anada pricesa-minha-princesa que estória malencontrada quanto veio quanta volta quanta voluta volada me busque esta verossímil que faz o vero da fala em fado transforma a fada este símil sibilino bicho-azougue serpilino machofêmea do destino e em fala transforma o fado esse bicho malinmaligno vermicego peixepalvra.

No texto evocativo e polifônico do escritor brasileiro destacaremos a *qualidade sensível* que as palavras assumem. Elas se movem (pois são assimétricas e desalinhas) não havendo, como no texto original, o comando computadorizado de se “justificar” o texto. Por isso, nos co-movem, estão aquém da empiria primária de percepção. Não se fixam em um significado e afetam o leitor pela *dimensão de alteridade*. Portanto, não nos permitem manipular com segurança a forma, o conteúdo, o gênero; e há um desdobramento contínuo, pois “a forma se transforma de objeto da linguagem em significante de um *fazer-com-a-linguagem*” (Trois, 2007 p. 143). *Peixepalavras* se enredam formando, a cada leitura nova, outra cadeia significante. O movimento e a verticalidade física e semântica passam a ser contingente ao *ânimo* do leitor. Texto e autor também são ex-cêntricos ao código, pois são ex-cêntricos em si mesmos.

Esta performatização do código incita uma enunciação *sempre-já* incógnita, íntima à realidade de cada leitor *espaçado* no seu *tempo-de-ser*. A natureza da leitura é dar opções em auferir uma *satisfação*, ou *não*, ao leitor. É menos mental que a abstração intelectual, mas não

²⁵ *Instantâneos*. De Octávio Paz à Haroldo de Campos. In. Jacques Derrida et Al. *Homenagem a Haroldo de Campos*, 1996. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [número único] 1996.

por isso o interesse se retrairá porque parte desta própria *ação* é capaz de voltar-se à pesquisa. “É o ato de leitura que produz seus contornos (...). Porém, sua leitura nos remete à esta dimensão da linguagem que é marcada por diferenças” (Trois, 2007, pp. 134-35).

A liberação da forma, como quer toda arte autenticamente genuína, é acima de tudo a marca da liberação da sociedade, pois a forma, a coesa da estética, (*asthetische Zusammenhang*) de todos singulares (*Einzelnen*) representa na obra de arte as relações sociais; por isso, o estabelecido se escandaliza com a forma liberada (*befreite Form*) (Adorno, 2012, p. 356).

Podem-se produzir relações mais ou menos “felizes” com este texto literário; não mais ou menos compreensivas. É sob este espaço de diferenciação que nasce, das margens, uma ausência, das bordas da identidade um negativo consumindo em metástase a existência do sujeito. Na última década de seu ensino, Jacques Lacan utilizou o texto literário de James Joyce em *Finnegans Wake* justamente para salientar que estes procedimentos falhos da interpretação, conduziram ao reconhecimento tátil de atos mentais clivados. O final de análise seria como espécie de naturalização própria do *sinthome* à narrativa do escritor irlandês²⁶.

(...) por qualquer lado, ela [a obra de arte] revoga, esquiva-se ao seu significado, designando essa região onde nada reside, onde o que ocorreu, porém, não ocorreu, onde o que recomeça nunca começou ainda, lugar da indecisão mais perigosa, da confusão donde nada surge e que, exterior eterno, é muito bem evocado pela imagem das trevas *exteriores* nas quais o homem é posto à prova daquilo que o verdadeiro deve negar para converter-se na possibilidade e no caminho (Blanchot, 1987, p. 238).

Passatempos e matatempos eu mentoscuro pervafo por este miniscoleante instante de minustos instando alguém e instado além para contecontear uma estória scherezada minha fada quantos fados há em cada nada nuga meada noves fora fada sherezada uma estória milnoitescontada então o miniminino adentrou turlunbando a noitrévia forresta e um drago draoneou-lhe a turgimano com setifauces furnávidas e grotantro cavernosa meuminino quer-saber o desafio da formesta o desafio só dragão dragoneante sabe a chave da festa e o

²⁶Cf. Lacan, J. *O Seminário XXI. Le sinthome* (1975-76). Disponível em <http://staferla.free.fr/S23/S23.htm>

dragão forme a seste entãoquão meuminino começou sua gesta cirandejo no bosque deu com a bela endormida belebale me diga um estória de vida mas bela endormida de silêncio.

A verticalidade e transitoriedade da narrativa tomou conta da horizontalidade e permanência. Em leituras posteriores, ou em leituras repetidas, passamos a adentrar em uma narrativa dentro de outra, a história entra num caleidoscópio e a significância se abre em leque. Há uma tentativa de desobstrução daquilo que a sujeição social impõe-nos através das múltiplas formas disciplinares de constituição da sensibilidade. O texto ascendeu a sua *konstellation*²⁷. Arrisca-se infinitamente na linguagem para arriscar-se neste conjunto do *não-todo* do signo, relação com o que não sofre relações, experiência estética entre o fluxo e o refluxo da ambiguidade essencial.

Passatempos e matatempos: Uma fábula de ‘busca’, miniaturizada. Em lugar de um ‘talismã’, aqui o objeto da demanda é o próprio ‘ser’ do conto, o ‘quem’ da narração (como se poderia dizer, à maneira de Guimarães Rosa). Scherezada, a Bela Adormecida, um dragão que parece o Jabberwocky de Lewis Carroll, Dânea e sua chuva de ouro, um cisne (mallarmeano: *cygne/signe d’autrefois*) que profere o seu canto do cisne, fadas, o ‘bicho malinmaligno’ chamado ‘Verossímil’, a ‘Fata Morgana’, ‘Mãe-das-Pedras-Preciosas’. Tudo isso concorre para o clima de demanda infinita, busca sem termo que se enrosca no seu próprio desejo, empreendida por uma criança perdida na floresta ‘Meuminino’ (Campos, 2004 [1963-1976], p. 120, aspas do autor).

Esta poética reúne em si uma potência inventiva, pois retroage e mescla significações que sincronia e diacronia perdem seus contornos. Na *prosa-poema* de Haroldo de Campos há uma possibilidade que nem a cultura, nem a história, nem o prazer da bela linguagem explicam, justamente a possibilidade que nada se pode, que ali subsiste e permanece como expectativa de transcrição, logo, de experiências. A insubordinação da *forma à matéria*, como insubordinação do *código ao referente* põe em questão categorias como *medida, ordem,*

²⁷ Forma atribuída por Theodor Adorno para pensar a disposição da conceitografia da dialética negativa. Ao invés de intercalá-los em períodos/paradigma, o filósofo pensava-os como figuras que ascendiam quando evocadas pelo impulso de investigação, ou pulsão de pesquisar, estando ali em “órbita”; o conceito é convidado a sempre deixar ativas suas engrenagens e explosões.

equilíbrio. Referentes não primeiramente estéticos e posteriormente ontológicos, mas simultâneos.

Dois formantes, tipografados em itálico, o inicial (começo-fim: “e começo aqui”) e o terminal (fim-começo-recomeço), balizam o jogo de páginas móveis, intercambiáveis à leitura, onde cada fragmento isolado introduz sua ‘diferença’, mas contém em si mesmo, como em linha d’água, a imagem do livro inteiro, que através de cada um pode ser vislumbrada como por um miradouro ‘aléfico’ (...) a imagem acaba por prevalecer, a visão, a vocação para o epifânico (Campos, 2004 [1963-1976], p. 119).

De onde o *eu* se via agora passa a considerar encontros com o abismo que é a clivagem subjetiva, indo além dos hábitos e das certezas. *Lá onde estava...o que acontece?* não acontece, mas tampouco *passa*; é o perigo maior, pelo qual, de cada vez, questiona-se de novo a essência da linguagem. Não flerta-se aqui com qualquer irracionalismo ou mesmo com a escrita automática dos surrealistas. São modos de crítica do racionalismo moderno e, ao mesmo tempo, o condicionamento de uma outra ordem discursiva, de outros filamentos de existência. “As obras de arte são sempre os produtos de um perigo corrido, de uma experiência conduzida até o fim, até ao ponto em que o homem não pode mais continuar” (Rilke citado em Blanchot, 1987, p. 236).

O desaparecimento, até quando se disfarça de presença útil, pertence à essência da obra, e deve-se pensar que ela também está ligada à dialética da arte [...] conduz à obra em que o homem e o mundo procuram tornar-se presentes, depois à obra em que a própria experiência da obra, a arte, a comunicação da origem sem começo, afirma-se numa presença que é também desaparecimento (Blanchot, 1987, p. 206).

Na prática desta *literatura contemporânea conceitual* a atividade de referência é questionada. Não apenas a mimese como uma insonsa adequação da coisa ao referente. É posto em cheque o objeto e a realidade que os envolvem. Um texto que almeja a heterogeneidade radical entre a *sensibilidade e o entendimento* possui um histórico de discussões filosóficas fundamentais.

[...] que a obra seja infinita, isso significa que o artista, não sendo capaz de lhe por fim, é capaz, no entanto, de fazer dela o lugar

fechado de um trabalho sem fim, cujo inacabamento desenvolve o domínio do espírito, exprime esse domínio, exprime-o desenvolvendo-o sob a forma de poder (Blanchot, 1987, p. 11).

A experiência da obra e do leitor fez com que o Simbólico se aproximasse muito do Real. Esta passagem à desintegração, esta precariedade inata ao *signo*, ao *símbolo* e ao *conceito*, mostra-nos que quanto mais as imagens e os significantes esvaziam-se, há, correlativamente, a aparição de uma natureza *oculta do estranhamento*. Ali, as palavras são como *phármakons* – um veneno que também é um remédio.²⁸ No texto *Homenagem a Haroldo de Campos*, Jacques Derrida apresenta o seguinte sobre a autor brasileiro:

E no entanto, tudo o que possa significar a lei, o desejo também, a urgência, mas a urgência mais aventureira e a mais audaciosa para mim, na ordem do pensamento, da escritura, da poesia – *unique source* –, no horizonte da literatura, e antes de tudo na intimidade da língua das línguas, cada vez tanta língua em cada língua. [...] fonte única por assinar um corpus poético e teórico original que no entanto fecunda, tirando a cada volta de uma língua outra, uma espécie de tradução inflexível e adoradora, generadora e generosa, quer dizer que a si mesma extravasa, pendendo simultaneamente, antes de pousar sobre a pista de escritura, para o solo do poema, para não renunciar a nada (não renunciar a nada é o gênio do inconsciente e o inconsciente do gênio, a fonte única libidinal de todo pensamento poético), a um só tempo do lado da mundialidade e no entanto do lado da mais irredutível singularidade do idioma (Derrida, 1996, p. 5)²⁹.

2.4 O signo, o símbolo e o conceito

Uma reflexão da linguagem em chave dialética recorre às razões que levaram Hegel a refletir sobre a experiência causada pelo *descompasso* entre *atos de fala*, *designação* (*Bezeichnung*) e *significação* (*Bedeutung*). Como explicou Zizek: “Hegel sabe que dizemos

²⁹ Cf. Derrida, J. (1996). *Homenagem a Haroldo de Campos*.

sempre mais ou dizemos menos, em suma, sempre *algo de outro* em relação ao que se queria dizer: é esta discordância que aparece como motor do movimento dialético, é ela que subverte toda proposição” (Zizek, 1999, p. 19).

Como observamos na breve análise do texto de Haroldo de Campos, o *confronto* entre o leitor e uma *noção sensível* da literatura declinou-se a uma série de reorientações entre significantes e significados, entre forma e conteúdo, entre o sensível e o inteligível. Ainda nas considerações hegelianas, isto demanda atenção constante, pois a palavra “tem a natureza divina de inverter imediatamente a opinião (*Meinung*) para transformá-la em algo de outro” (Hegel, 1992a, p. 82). Entre o universal da linguagem e a individualidade da subjetividade enunciadora, haveria categorias menores, fundamentadas da seguinte forma pelo autor alemão: “O signo é possuidor de uma intuição imediata que representa um *conteúdo absolutamente distinto* daquele que a intuição tem para si; ele é a pirâmide para a qual uma alma estrangeira foi transferida e conservada (Hegel, 2000, par. 458, citado por Safatle, 2006, p. 227).

Depois de ter lamentado que as palavras não sejam materialmente a verdade, que *jour* (dia), por seu timbre, seja sombrio, e *nuit* (noite) brilhante, Mallarmé encontra nesse defeito das línguas o que justifica a poesia; o verso é delas o ‘complemento superior’, ‘filosoficamente, o verso recompensa o defeito das línguas’. O que é esse defeito? As línguas não têm a realidade que exprimem, sendo estranhas à realidade das coisas, à obscura profundidade natural, pertinente a essa realidade fictícia que é o mundo humano, divorciado do ser e ferramenta para todos os seres (Blanchot, 1987, p. 33).

Há uma dissonância radical entre o que o *signo* ostenta como *forma* – e a intuição daquele que o lê e internaliza. Diz-se de uma intuição que “conserva a distância entre o conteúdo intuído e o conteúdo representado, entre o que é visado e o que é efetivamente dito” (Safatle, 2006, p.35). “Ela falava de outra forma do que pensava” (*sie sprach anders als sie meinte*)” (Hegel, 1988b, p. 279, 1992a, p. 621). A intuição universal da validade logocêntrica como elo entre razão e codificação passa a ser questionada em sua instância mais elementar, mais material e negativa. Para Hegel, “o signo está ligado à lógica da representação e da adequação própria ao que a doutrina da essência chamada de reflexão exterior (*ausserliche Reflexion*)” (Safatle, 2006, p. 227). Daí segue a crítica do filósofo alemão através de sua

análise pormenorizada da *linguagem* uma vez dialetizada através do *trabalho* e do *desejo*. Hegel teria dificuldade em admitir a “figuração ideal de uma cópula” que conjuga sentido, forma e essência. Esta estrutura dependeria uma orientação formal do signo como simétrico, da utilidade do significante representar um significado. É uma ilusão, dizia Lacan, que o significante justifica-se apenas como a materialidade do significado. “Há uma figuração típica no signo como uma espécie de *intuição da ausência* [em relação à presença material da referência], ou, mais precisamente, a visada de uma ausência por meio de uma intuição plena” (Derrida, 1991, p. 120, grifo nosso).

Parcialmente deslocado ao *arbitrário do signo*, aparecerá a Hegel o caráter parcialmente *motivado* do *símbolo*. Neste estágio, o conteúdo do *símbolo* passa a assumir *alguma contextualização* entre a figuração e seu referente. Ou ainda “a motivação do símbolo é contextual” (Safatle, 2006, p. 227). Tal motivação será sempre dependente de uma convenção partilhada e positivada pela cultura dominante. Por exemplo, na construção de formas triangulares em igrejas cristãs há pressuposta a existência de um texto escondido, que nos permite passar do triângulo à Trindade.

Contudo, estamos diante de um único atributo sensível que não compreende a multiplicidade sequer daquilo que o é referente (o triângulo), e como também, há um ponto de basta, implícito ao símbolo, ele jamais proporcionará a ultrapassagem de sua referência alegórica, logo, na sua dinamicidade hermenêutica haverá sempre uma intenção não diferencial. A dialética aqui entra como o desvanecimento do objeto uma vez designado pelo signo e pelo símbolo. Ele só poderá ser recuperado como *negativo*. É nesta impossibilidade de fundar o sentido através da pressuposição do imediato, suportado por uma referência naturalizada e impositiva, que a elaboração simbólica e metafórica do sujeito vai ser corrompida, e a corrosão se dará nas *representações mentais* previamente instaladas. Ou seja, a noção do arbitrário implica também à relação entre os *conteúdos de representações mentais*, seus *objetos* e resíduos. Na psicanálise lacaniana, abre-se este par (*símbolo* e o *vazio*) como a própria divisão *estrutural* no sujeito. Elemento nuclear que fundamentará o espectro sintomático das psicopatologias. O que Hegel procurou e que será decisivo para esta vertente psicanalítica da segunda metade do século XX, “foi uma gramática filosófica capaz de

reconciliar, por meio de uma noção de *unidade negativa*, esta cisão, tão própria ao signo, entre sentido e referência” (Safatle, 2006, pp. 228-229).

Por fim, chegamos à instância dos *conceitos* – ou seja, às categorias que especulam as estruturas entre relações (essências) de sujeitos (seres) e objetos. Composto normativo, “que traz, em si, o modo de determinação dos casos que caem sob sua extensão” (Safatle, 2006, p. 239). Novamente, a posição hegeliana *não* aceita que o *conceito* seja a *expressão imanente* do que ele *determina*. Ele (conceito) é suporte para o reconhecimento “da inadequação reiterada entre objetos da experiência e sujeitos” (Safatle, 2006, pp. 239-240). Os conceitos, dentro do universo dialético, não necessariamente primam pela descrição adequada de estados de coisas, funcionam mais como *móviles genéricos*. Eles precisam se ocupar daquilo que a realidade a qual designam realmente implica, por isso, o conceito, aqui, é tomado como um *operador performático*. Diríamos que, não obstante performático, ele é *contingente*, pois fica à deriva do movimento de eterna atualização reiterada dos objetos da experiência, da resistência de seus objetos autorreferentes, na deflação normativa de suas proposições. “A performatividade do conceito está ligada ao caráter antirepresentativo da dialética” (Gimmler, 2004, p. 232). “Encontramos em Hegel uma teoria da linguagem que anuncia, em vários pontos, certos problemas maiores da teoria lacaniana do significante” (Safatle, 2006, p. 226).

2.5 A extensão do negativo nos atos de linguagem da clínica psicanalítica

A filosofia observa a flutuação do câmbio conceitual, e em seguida, o *sistema* solicita o retorno à categoria inicial, base dessas contradições estendidas e retraídas. Há um poder clínico na simbolização e há resistência a este poder através da “dissolução” da simbolização. Se algo ultrapassa o paraíso/holismo semântico, o quadro clínico aciona o alerta, pois é na irrupção da experiência em equívoco que uma angústia toma corpo. O que é fundamental para a presente discussão é que esta abstração crescente da conduta linguística, centrada na palavra, permite uma reflexão sobre a validade ética do tratamento. Mas há possibilidade de intervenção que organize uma prática clínica inventiva ou acomodativa diante o seu modelo de linguagem?

Somente através das experiências limítrofes ao próprio referente extralinguístico parece-nos que o *objeto de diferença* constatará a divisão básica de que nossa percepção e

representação da realidade, nunca será esta realidade. Há a reincidência no *dado nulo* onde se supunha o triunfar dos *religamentos*. Na coreografia ensaiada ao sujeito de sua própria falência, o *objeto de diferença* é àquilo que animará a nova lógica da invenção às futuras metapsicologias.

Então, o analista, ao operar em seu discurso, opera um saber-fazer-anolamentos com a linguagem – um fazer semblante do Imaginário para que o analisante possa fazer Um simbólico do significante (uma enunciação que pode ter efeitos de verdade) em relação a Um real do desejo (onde a verdade fala). A verdade se situa por um saber-fazer-com o furo no saber. O Outro passa ao estatuto de pura diferença. É o Um-a-menos no Um (Trois, 2006, p. 155).

A cadeia significante torna lacunar o sujeito que nela habita, e ele, ao mesmo tempo que se dilacera na estrutura, encontra nesta secção a avidez da diferença para reaver outras posições existenciárias. Recobriremos em detalhes este habitat em todo o último capítulo deste trabalho: *a periodização do tempo na superfície significante*.

Pela nossa capacidade de auto-reflexividade linguística, assim, não só vivemos, como todos os seres, na demora do apresentar-se cada um a seu próprio tempo, como também o próprio tempo passa a ser passível de uma descrição semântica, isto é, na representação humana pode ser dissociado dos objetos para ser visto como uma realidade *per se*, separada (Stahel, 2002, p. 295).

Esta imbricada relação entre as possibilidades heterogêneas do *tempo* frente às formas não-correspondentes ou não-orientáveis no universo da lógica linguística sugere que *tempo* e *espaço* são estruturalmente coordenados por vários diferenciais esguios. Alterar o entendimento do efeito do *tempo* nos *conceitos* psicanalíticos sempre obrigou o campo a ampliar as funções ao *sujeito do inconsciente*, e será justamente pela relação significante dialética (em sua qualidade temporal) que veremos pautada a lógica do *a posteriori* às formalizações e tratamentos clínicos. Esta diz-nos haver uma exigência implícita que é a *função do tempo na transferência*. Experiências ou quadros de identificações obscuras que vagueiam na clínica nascem de experiências que põem em risco e atinge o uso convencional de certa teatralidade das interjeições, do cenário onírico ou da construção de uma

rememoração improvisada. Agora, o poder da palavra está apto a exprimir *coisas ausentes*. Um tratamento é algo que anseia em tornar constante este valor da ausência, uma *intuição de ausência como devir memória*.

A potência desta ausência requer da clínica, reduzir o pensamento a índices inoperantes em vias estruturais, em outras palavras, reduzir figuras dos ideais do Outro, da etiologia das psicopatologias, da culpa, etc. A tarefa clínica deveria forçar a aproximação deste estado de nulidade para, daí, suscitar novas possibilidades de experiências, ou seja, há um *trabalho* ao se tornar a ausência *uma ação*. Responde-se a atos positivos de se captar, na nulidade de uma presença, exatamente como o não-ser recorre a um poder de afirmação para se realizar.

O que Freud apresenta pela operação da negação [através do artigo A negativa (1925b)] [...] Não se trata do não aparecimento de algo, resultado do processo repressivo, mas do aparecer positivo, nas associações de seus pacientes, na fala, de algo que é marcado por um traço, aquele do símbolo ‘não’ (Rona, 2010, p. 208).

O que segue abaixo é um trecho do diálogo de Serge Leclair com um interlocutor a quem uma vez o questionara sobre a natureza de seu trabalho de analista:

– Que apaixonante profissão a vossa! Confessar pessoas, compreendê-las, ajuda-las, mas, dizei-me, como fazeis?

– Pois bem, não estou de modo algum ali, – quero dizer, em minha poltrona – nem para recolher confidências nem para ajudar, menos ainda para compreender... o que não diminui em nada o interesse do trabalho, pelo contrário (Leclair, 1977, p. 141).

Se Leclair diz menosprezar o dizer catártico, neurótico-cêntrico e maiêutico dos analisantes, desloca-se a um flanco afastando-se alguns passos para *ouvir* de *outra* “perspectiva” o que lhe é direcionado.

A verdadeira busca e o drama situam-se na outra esfera, aquela onde se afirma a ausência pura, onde, afirmando-se, ela se furta a si mesma, torna-se ainda presente, continua sendo a presença dissimulada do ser e, nessa dissimulação, reside o acaso, o que não é suscetível de ser abolido (Blanchot, 1986, p. 106).

A expectativa da irrupção e de alguma alteridade desaponta na hora em que se percebe do que, realmente, um discurso é feito. Nos laços que, soldados pela adesão discursiva alienatória, também forjou-se a razão daquele sintoma, os “espirituais da verdade”, a orientação vazia de uma demanda, o espectro da formação da identidades ficcionais. Esta clínica não galga o exercício bem-sucedido de adaptação social e de fortalecimento da autonomia individual, estas são estratégias contaminadas e tóxicas. Por isso ela é o local de uma *não-resposta* ao pedido constituído pelo discurso do analisante. Ao término da análise (com ou sem atravessamento do *fantasma*) ele “não saberá melhor quem é. Saberá somente a que está sujeito e a que ‘cifra’ responde” (Leclair, 1977, p. 143).

Nesta lixiviação subjetiva, gênese sempre em operação, a negatividade é o motor de transformação no interior de uma práxis semi-controlada como a clínica, envolta de um incessante reordenamento dos modelos, que por sua vez, também renovam as condições de formação do analista, que, em seus motivos particulares, podem redobrar o cuidado com a profusão da psicanálise na política, na cultura, na universidade. O nexos causal entre caracterizações dos “resíduos” da linguagem e *modos de ser* é recebido pela escuta clínica justamente como efeitos sensíveis/disjuntivos dotados de certa *plasticidade*. Quer no plano ontológico, sistêmico ou ético, a linguagem será condição da clínica haja vista que o inconsciente além de se estruturar em função desta, disporá de uma função de fala como método, como *talking cure*. Estes experimentos de tentativas e erros são ensaiados no interior da análise pelas *associações livres*, ou seja: possibilidade de ensaios performativos, operações de fala *livre* que tendem a se desencadear dando aos objetos sua provável influência modal. A hipótese do inconsciente diz justamente que o emissor refugia-se ao domínio daquilo que é capaz de transmitir pois está dentro de camadas de relações que envolvem mensagens, sentido, inversão, distensão, contenção, etc. Vale-se lembrar que, dentro destes investimentos, há uma explícita subversão em destituir o sistema comunicacional que presume um emissor, canal-código-mensagem e um receptor³⁰.

2.6 Espaço-tempo-movimento e sua [interação] à invariante e aos tensores

³⁰ Ao meu ver, este paradigma comunicacional é herdeiro direto do logos clássico grego. Seria possível estabelecer um estudo rigoroso e extenso descrevendo a geometria deste código e as ações ontológicas a ele entreposto. De Platão ao positivismo tóxico, passou pela linguística de Jakobson nos anos 1960. Cf. Guimarães, T. (2012). *Comunicação e linguagem*. São Paulo: Pearson.

São inúmeros os programas das ciências da natureza contemporâneas a Hegel que também recobriam o método dialético; agora, através da proposição de inúmeros novos teoremas abertos e fechados. Em suas visadas, ainda persiste, nos dias atuais, o reflexo de se lançar às tentativas de formalizar a interação entre *simetrias* e *assimetrias* oferecidas pelas leis universais. Porém, a questão de fundo é se esta formalização recupera estruturas pré-existentes que, de fato, têm correspondência no mundo, ou, elas se ocupariam de algo passível de descobertas, no sentido de uma *invenção*. O que a psicanálise retribui à *Naturwissenschaft* (ciências da natureza) é o poder de conjugar ambas as orientações numa mesma ciência.

No começo, a matemática esteve relacionada com a ciência e a lógica, com o idioma grego. Nos tempos modernos “a lógica tornou-se mais matemática e a matemática tornou-se mais lógica” (Russel citado por Rona, 2010, p. 19). Tornou-se impossível traçar uma linha entre as duas, mesmo porque um novo campo emergia e somava-se aos outros dois.³¹

O intuicionismo, a terceira corrente presente na matemática, tem no nome de Luitzen Egbertus Jan Brouwer (1881-1966) seu fundador. Sinteticamente, a matemática proposta por Brouwer, em oposição direta com o logicismo de Russell e o formalismo de Hilbert, tem como princípio o argumento de que a matemática não se compõe de verdades eternas, relativas a objetos intemporais e metafísicos. De acordo com Brouwer, o matemático não descobre, mas cria as entidades que estuda, de modo que asserções de existência somente teriam sentido em matemática se associadas à sua efetiva construção. Porém, se a existência vinculada à possibilidade de construção também se apresenta, por exemplo, em uma vertente do formalismo, uma divergência de base é verificada quanto aos modos de demonstração aceitos pelo intuicionismo. A pressuposição de uma não demonstrabilidade de um mundo transcendental onde os números, como objetos matemáticos, existiriam desde e para todo o sempre, leva o intuicionismo a aceitar tão somente provas positivas de demonstração, rejeitando as demonstrações de existência pelo absurdo. Nessas, para se provar uma proposição x , pode-se, negando x , chegar a uma contradição, o que levaria à conclusão da veracidade de x (Rona, 2010, p. 20).

³¹ Cf. Costa, N. C. A. Introdução aos fundamentos da matemática. São Paulo: Hucitec, 2008.

Mas, como reconhecer certas sínteses produzidas pelas ciências relativas ao mundo físico – incluindo aí as centrais investigações sobre a natureza espaço-tempo – frente às nossas investigações sobre o que se passa dentro de nós? Em primeiro plano, foi preciso destacar as experiências que conduziram-nos à reformulação completa dos conceitos tradicionais sobre a natureza da consciência. Veremos como esta “matematização” dos investimentos psicanalíticos ou mesmo uma “literalização”, ao contrário da consciência estéril, assumiu a herança do espaço-tempo mental análogo ao do mundo físico reinventado por tais descobertas imensuráveis.

A dialética insiste que neste espaço de incerteza deve-se procurar conceitos auxiliares que em si, objetivam, ainda que ficcionalmente, um conhecimento ampliado que permitir-nos-ia manejar novas formas de força, de energia, de luz, de transmissão adiantada (só-depois) ou atrasada. As fórmulas, meditações, e especulações novas sobre a lógica de alteração dos componentes subjetivos capazes de solucionar à clínica como uma teoria da transformação, compete às flexões efetivas de sujeitos onde há latente uma continuidade em que a ontologia passa a assumir as próprias elaborações descritivas da organização simbólico/real fornecida por esta disposição. Como reflexo destas possibilidades, de associações dialetizáveis, uma vez que se exige do simbólico, operações mais além da representação.

De modo geral, todas as formas e estruturas que se nos apresentam no mundo real constituem conjuntos de relações, e estas são de duas espécies: relações estruturais, ou relações internas, que nos dão conta do que é o objeto, na sua forma, natureza e conteúdo, e relações funcionais, ou relações externas, que nos mostram o objeto em função de outros, relacionando-se com outros e “comportando-se” de certa maneira em face dos demais. Umas e outras estão na mesma situação em face do tempo, isto é, podem passar e podem durar. Para que o objeto continue o mesmo, é preciso que durem as suas relações estruturais, embora passem, isto é, mudem as suas relações funcionais; para que a situação do objeto em face dos demais continue a mesma, é preciso que durem as suas relações funcionais, embora o próprio objeto possa interiormente transformar-se em outro, pela passagem ou mudança das suas relações estruturais (Andrade, 1971, pp. 91-92, grifos do autor).

Tudo aquilo que um analisante flexiona subjetivamente, que se modifica através do tempo, consciente ou inconscientemente, torna esta flexão subjetiva também aliada a termos ou figuras espaciais. Pensamentos, impulsos, decisões, desejos, pulsões e sonhos são elaborados, internalizados e tramitados em virtude destas secularidades; aspectos do inconsciente irruptivo, fracionado e anamórfico. A própria matemática se viu aberta a flexionar o espaço de suas operações, e agora, fará alusão a figuração holográfica das superfícies topológicas. Geometrias relativistas ou “geometrias-da-luz” (Lichtgeometrie)³². A geometria, então, passa a assumir uma qualidade energética, afetiva (como na arte abstrata), e temporal. Nela, todo o elemento simétrico corresponde à *duração de sua invariância*, mas não distante às *transformações* de suas subcategorias; aquilo que “dura nas deformações” (Andrade, 1971, p. 95). Por isso, defende-se que a psicanálise pressupõe a simetria (inicialmente bilateral) às operações de combinatória estrutural (simetria translacional). Isto ocorreu, em nosso horizonte de reflexão, pela capacidade da geometrização do informe oriundo dos atos de fala. No limite dessas deformações verbais subjetivas há um tensor e um objeto que lhe são resíduos³³.

Um termo simétrico diz respeito a fenômenos que decorrem da lei universal da conservação de energia, ou como simétricas as transformações que ocorrem em diferentes sistemas de coordenadas e em espaços de diferentes dimensões. Importante ressaltar que toda simetria: “exprime balanceamento de força ou disposição proporcional delas, a fim de se obterem formas harmônicas e duráveis” (Andrade, 1971, p. 527). Já, no seu durar, há “uma unidade ou totalidade dialética resultante do *passar*” (Andrade, 1971, pp. 530-531, ênfase do autor). A invariância vem a ser, conseqüentemente, a expressão mais autêntica e mais completa de repouso no movimento, ou de permanência do fluxo.

Este espaço geométrico novo sofre ações de interpenetrações, de suturas, de atravessamentos seccionados, redes de ligamentos pontos-istantes. Estes elementos foram extensivamente e experimentalmente fundidos a elementos clínicos como a *rememoração, a repetição, a transferência, as travessias, a dissolução, a identificação, a separação*.

³² Cf. Reichenbach. H (1958). *The philosophy of space and time*. Particularmente, o cap. III, pp. 151-288.

³³ “Isometrias no plano é um tópico de estudo da Geometria das Transformações e sua abordagem visa propiciar conceituações de congruência e de semelhança, procurando desenvolver a capacidade de perceber se duas figuras têm ou não a mesma forma e o mesmo tamanho independentemente da posição que elas ocupam no plano”. Fonte: <https://ogegebra.com.br/arquivos/06-isometriasnoplano.pdf>

Translação e rotação passam a envolver uma reflexão. O *continuum* espaço-tempo passou a ocupar elemento integrante a todo processo dialético do Real, pois deverá ser reformulado em termos dessa interdependência e vinculação ontológica entre o ser e o não-ser-outro.

Portanto, veremos como as metapsicologias recorrem, em nossa hipótese conjectural, a uma lógica de “invenção” especificamente formalizada (suas estruturas e funções) através da *simetria translacional*. As contribuições dessas matemáticas cuja natureza das relações de simetria/permanência e translação/impermanência são possibilidades de encaixes e desmontes dos elementos internos constituintes, influenciou áreas diversas da ação de pesquisa e investigações. “(...) se chegamos a ordenar uma série completa de variantes sob a forma de um grupo de permutações, pode-se esperar descobrir a lei do grupo” (Lévi-Strauss, 1958, p. 253). Ao simbólico realizar operações mais-além da representação, em que conjuntos sistemáticos maiores disparam termos constituintes e heteróclitos, desempenha papel na própria dialética da demanda e do desejo do sujeito do inconsciente e da máquina³⁴.

Esta inusitada associação é que buscaremos nos orientar ao avaliar, dentro das iniciativas heurísticas de metapsicologias, caminhos intrinsecamente abertos e tensionados que incitaram à lógica de conflitos intrapsíquicos. Seria como se o sujeito fosse um efeito ou um coeficiente destas simetrias e dissimetrias, tencionado por uma vetorização pluricausal.

Parece-nos que a proposição central de que partem tantas iniciativas de pesquisa pelo método dialético é a busca desta função invariante, espelho de uma qualidade temporal da duração desta mesma função, da sua expressão temporal que permanece o mesmo através de todas suas metamorfoses. Tensores no espaço que ordenam determinado sistema de coordenadas. Disto fazem-se máquinas para determinados textos, ou metapsicologias para as escrituras psíquicas.

Confrontar-se com a razão é promover mudanças na própria natureza do objeto, nas condições de coexistências entre suas múltiplas forças, energias, tópicos, esquemas e fórmulas. Multiplicidade que não se esquiva de suportar em seu horizonte heurístico e

³⁴ Proposta Lacaniana de implicar a tríade dialética (demanda, desejo e identificação) sob uma variedade de superfícies topológica que comportam os conjuntos do significante. Anteriormente a isto, em seu Seminário *Livro II, O eu na teoria de Freud e a técnica da psicanálise*, Lacan se utiliza da matemática e da cibernética para reler o capítulo *VII da Interpretação dos Sonhos*, (1900) de Freud. Retomarei com a atenção devida a este ambiente nos próximos capítulos.

dimensões ontológicas o patológico. Quando a invariante das relações internas é mais profunda ao que o psiquismo consegue verter, não há porque omitir que a própria natureza do tempo mental não necessariamente esteja acoplada com o tempo em que o objeto percorre as posições de seu deslocamento espacial e passível de apreensão. Há o atraso que ilude a forma. Na psicanálise, o sujeito será desigual a sua psique, e ela há muito deixou de ser/estar interna a si mesma. O traço de alteridade possui a capacidade de diferenciação entre interno e externo, entre percepção e alucinação, entre incorporação e reconhecimento. A transparência de atos de consciência é apenas uma película imediatista que tampona algum descabimento ilógico da realidade que acredita-se ter formulado. A atividade clínica, tomada pelo seu exigente estatuto ético e pela solidez de suas construções especulativas, conserva em sua práxis uma predominância de motivação inconsciente ao comportar no tempo-duração (tempo-de-ser) acontecimentos simultâneos ao tempo-sucessão (tempos-de-não-ser). Os movimentos e os instantes (ou intervalos ponto-instante) dos traços deformam, com suas relações estruturais e não-estruturais, toda a sua configuração inicial até certos limites.

3 Capítulo 3. A superestrutura dialética das metapsicologias

*... um só pedal mil fios move,
nas lançadeiras que vão e vêm,
urdem-se os fios despercebidos
e a trama infinda vai indo além.³⁵*

Goethe, citado por Freud em
A interpretação dos sonhos

*Quando recordamos o passado ao
nos encontrarmos, puxamos os
filamentos dessa bola de fios
enovelados.*

Virgínia Woolf

O pensamento da *diferença* enquanto dignidade contingente da epistemologia e da ontologia tem em Freud um representante de peso. Avaliava o próprio autor que em algumas de suas construções teóricas de base apenas queria produzir “convenções, hipóteses e ficções

³⁵ Goethe, *Dichtung und Wahrheit*. Vol. XIII, p. 292, in *As duas faces do tempo: ensaio crítico sobre os fundamentos da filosofia dialética*, Andrade, 1971, pp. 436-437.

teóricas” que poderiam “fabricar conceitos”: “Deixei livre o curso de *minha tendência à especulação (Spekulation)* por muito tempo refreada” (Freud, 1996 [1895], p. 130). Aqui, Freud aludia às dificuldades de meditar sobre experiências reveladas pelo material empírico provenientes da clínica. “O que ele usa como construção auxiliar para dar conta dessa experiência, em termos de sua exposição teórica” (Fulgencio, 2001, p. 124).

A *natureza* do material empírico ocupa-se de uma ontologia em crise. Alvo de uma degeneração a si mesma e que somente será expressa como parte da ciência, quando exposta por diversos atos de linguagem que recuperem o fenômeno desta mesma negatividade. Por isso que entre Freud e Hegel é possível se descortinar semelhanças que persistirão ativas ainda hoje. Elas passam, além da negatividade, pela necessidade de *perturbação da representação*. Para apreender, organizar e sistematizar as operações intrapsíquicas, Freud se ocupa, precisamente, da *qualidade dialética* dos operadores conceituais que necessita dispor; pois estes atuam, no que lhes concernem: como “ficções heurísticas”, como conceitos auxiliares que metamorfoseiam suas próprias categorias. A questão é clara: Qual o princípio de *alterações* de certas *substâncias psíquicas*? Questão que o próprio Aristóteles quis enfrentar, mas é Freud quem assumirá. “Nós admitimos que a vida psíquica é a função de um aparelho ao qual nós atribuímos uma *extensão espacial* e que nós supomos formado de *diversas partes*” (Freud, citado em Fulgencio, ano, p. 269, grifo nosso).

Representamos, então, o aparelho psíquico como um instrumento, no qual chamamos as partes que o compõem de ‘instâncias’ ou, para maior clareza, de ‘sistemas’. Imaginemos em seguida que esses sistemas têm uma orientação espacial constante uns em relação aos outros, um pouco como as lentes de um telescópio. Nós não temos nem mesmo necessidade de imaginar uma ordem espacial verdadeira. É-nos suficiente que uma sucessão constante seja estabelecida graças ao fato de que, quando de certos processos psíquicos, a excitação percorra os sistemas psíquicos, segundo uma ordem temporal determinada. Reservemo-nos uma possibilidade: essa sucessão pode ser modificada segundo os processos Ψ (Freud, 1996, [1900], p. 456).

Freud tem à sua frente uma proposta de pesquisa como qualquer outra. Ou pelo menos nasce como as demais. Requer operadores de base que respondam, condizentemente, com a função técnica desta práxis do singular como a psicanálise, e cuja lógica de reconhecimento é

irregular entre cada elemento. Então, a criação dos conceitos passaria a ocorrer justamente para ocupar lacunas deixadas pelos fenômenos das *relações e não-relações*; e isto tudo “tateado” pela emergência do inconsciente pela fala.

Simultaneamente ao desenvolvimento das investigações freudianas, os programas de pesquisa da matemática, física, mecânica quântica, química molecular expandiam-se e cada vez mais “termos operacionais” eram compartilhados pelas diferentes áreas e incorporados largamente pela *pesquisa humana*. Eles se referem às novas conciliações para a representação espacial e temporal como foi mencionado na primeira parte deste texto. Porém, agora, na própria *miragem plástica* de uma cena psíquica holística; uma vez que ela se projeta de saída, na *continuidade*, no *limite*, na *distorção e contradições* de suas possíveis relações internas. O contínuo *ponto-instante* será reinventado por Freud na sua característica fundamental de *sistema*. É isto que mantém o psicanalista atento às relações (interno/externo) sob uma constelação de *conjuntos* que possibilitam, ou interrompem, a integração de subsistemas conectados a ele, o psiquismo. Portanto, possuem um recurso lógico específico: “que se trata da reunião de coisas que, em si, já não são simples, no sentido de que não são elementares, e que tais reuniões se conformam segundo regras de vizinhança: topologias. São conjuntos, no sentido matemático, o que se apresenta no *Projeto* de Freud” (Rona, 2010, p. 225).

O aparelho psíquico modelado topicamente, com um funcionamento dinâmico (forças) que compreende uma dimensão quantitativa (econômica), corresponde a uma especulação provisoriamente necessária para que se possam buscar explicações mais completa sobre a vida psíquica do homem (Fulgencio, 2008, p. 275).

Será com o mesmo intuito que em 1915, em *O inconsciente*, período de uma intensa atualização da metapsicologia, ele ratifica: “Eu proponho que se fale de uma apresentação metapsicológica quando conseguimos descrever um processo psíquico segundo suas relações dinâmicas, tópicas e econômicas” (Fulgencio, 2008, p. 221). Ressalta-se que a metapsicologia não é implementada como referência estática pertencente ao *Projeto*, mas em suas remodelações no decorrer da vida que se confunde com o decorrer do próprio campo. Há um *dever* dentro das categorias que compõe a arquitetura psíquica freudiana. Há aquilo que uma categoria *não-é*; e há sistemas que ocorrerão a *posteriori*. Essas explicações parecem

encontrar, em Jacques Derrida, uma avaliação correta da *physis*³⁶ freudiana: “a vida psíquica não é nem a transparência de sentido, nem a opacidade da força [lê-se metafísica], mas a *diferença* no trabalho das forças” (Derrida, 2011, p. 296).

A biologia freudiana não tem nada a ver com a biologia. Trata-se de uma manipulação de símbolos no intuito de resolver questões energéticas, como manifesta a referência homeostática, a qual permite caracterizar como tal não só o ser vivo, mas também o funcionamento de seus mais importantes aparelhos. É em torno desta questão que gira a discussão inteira de Freud – energeticamente, o que é o psiquismo? (Lacan, SII. 1985 [1954-55], p. 100).

A ciência se reformularia a partir da combinação de categorias, lugares, energias e diferenças. E, se “o inconsciente é o verdadeiro intermediário entre o somático e o psíquico, talvez ele seja o elo faltante *missing link* tanto procurado” (Freud, carta a Georg Groddeck [1917], citado em Fulgencio, 2008, p. 131). Isto, contundentemente, reposiciona Freud como autor chave para entender a ânsia e o investimento nas revoluções tecnológicas, nesta criação que se conectam “o humano com híbridos tecnonaturais” (Tadeu, 2009)³⁷.

Para Freud, a psicanálise busca produzir um conhecimento sobre a instância mediadora entre o soma (corpo) e as manifestações da vida anímica (sonhos, atos falhos, certos comportamentos e/ou sintomas) que possa cobrir as lacunas deixadas em aberto quando nos mantemos restritos apenas aos dados descritivos – do comportamento e da consciência –, fornecendo uma explicação causal sobre a produção desses fenômenos (Fulgencio, 2008, p. 131).

Na 1ª parte do *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1996 [1985]) coordena o psiquismo, que fundado em uma memória “descontinuista”, seria fundamentalmente um conjunto de *marcas*, que o psicanalista denominará de *engramas*. Estas marcas são os materiais que *entram em conflitos* uma vez dada a “oposição entre instâncias e sistemas”

³⁶“Os neurônios devem portanto ser impressionados mas também inalterados, não prevenidos (*unvorengekommen*)” (Freud, carta n° 39). Cf. Peyon (2007). *A poética dos neurônios em Freud*. <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1596>

³⁷ Tadeu, T. (2009). *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano* In *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

(Iannini, 2012, p. 37). O esforço todo é a provisão de se conjugar, *dialeticamente*, ora a *conservação* (aquilo que *dura e espacializa*) destes conflitos, ora a *supressão* (aquilo que *passa e fraciona*). Ou seja, na especulação de arquitetura psíquica, algo (um neurônio, uma pulsão, uma representação, um traço) se conserva para poder suprimir-se, para assim, poder conservar-se. Há um problema de ordem lógica, pois “a conservação já contém em si a ideia negativa de algo que se priva da sua imediatividade e se expõe às influências externas de um ser determinado, a fim de conservar-se” (Andrade, 1971, p. 491).

Freud busca conjugar e distinguir cada termo (conservação e supressão) em suas correlações e ordenações, especificidades e distensões. Ao fazê-lo, não se surpreendeu ao encontrar – nos *atos de fala desassociados* de seus analisantes –, alguns dos conceitos em si “imaginativos” e fundamentais. Muito se tornou obscuro às alusões freudianas consonantes ideias de “energia psíquica”, “somas de excitação”, “quantidade”, “qualidade”, “intensidade”. Parece-nos haver uma experiência produtiva de indeterminação permeando-as, ou uma “indeterminação dramática” (Assoun, citado por Iannini, 2012, p. 30). Isto é oferecido de forma intencional pelo texto freudiano, afastando-se do teor metafísico destas noções.

Congregar a vida imaterial do psiquismo sob *funções, relações, subtrações, implicações* é aquilo que conduzirá à série de *conflitos* autorreferentes, e somente a propensão à ultrapassagem (*Aufheben*) e aquilo que é ultrapassado (*das Aufgehobene*) mostrar-nos-á uma possibilidade de discutir o sistema psicanalítico como *relações lógicas de conflitos*. Muitos “rascunhos” da aparelhagem conceitual de Freud aos processos psíquicos foram impregnados realmente de noções como *energia, dinamicidade, empiria, marcas, ranhuras, subtração, integração*, e poderiam, como realmente ocorreu, confundir uma série de comentadores ao resolverem rápido demais cada um desses elementos, criando links com certa permanência da lógica clássica.

Freud, neste contexto, especula que esta zona desconhecida (de regiões em que não se situa nenhum componente tangível do aparelho) é campo para o negativo; o resíduo do que permanece quando o traço não está ali. “Ele extrapola suas possibilidades de investigação justamente por querer pensar ao mesmo tempo, *a força e o lugar*”. Espécie de *cosmos líquido empírico* a um aparelho *reflexo*, “os traços mnêmicos só podem consistir em *modificações permanentes dos elementos dos sistemas*” (Derrida, 1995, p. 297) Por isso, o psicanalista

aponta que entre as relações de extremidades deste aparelho haverá sempre uma “*diferenciação*” (*Differenzierung*) (Freud, 1996, [1900], p. 568).

Foi Derrida quem resgatou esta orientação e nela construiu temas de pensamento que não tiraremos do horizonte. Nos modelos distintos (dinâmicos, econômicos, descritivos, representativos) há, sempre, “um conceito descontinuista de tempo como periodicidade e espaçamento da escritura [psíquica]” (Derrida, 1995, p. 300). Notemo-lo de passagem: “os conceitos de *Nachträglichkeit* (a *posteriori*) e de *Verspätung* (atraso), conceitos diretores de todo o pensamento freudiano, conceitos determinativos de todos os outros conceitos, estão já presentes e são chamados pelo seu nome no *Projeto*” (Derrida, 1995, p. 300). Para apreender, organizar e sistematizar, em termos especulativos, as operações intrapsíquicas, Freud utiliza-se de *modelos* distintos de neurônios; do *estado* livre ou preso da quantidade [consciência]; de *processos* primários e secundários de tramitação mnésica; dos *índices* de qualidade; de realidade e de pensamentos; da *condição* sexual do recalque (Freud, 1986, [1895], nº 32). “A noção de força e o ponto de vista dinâmico estão mais próximos de uma ficção teórica, de uma representação-fantasia (*Phantasie-Vorstellungen*) (Mach, citado por Fulgencio, 2008, p. 187).

O próximo passo é decisivo, visto o próprio Freud reconhecer a necessidade de se incorporar o “*signo* (*Zeichen*), a inscrição (*Niederschrift*), e transcrição (*Umschrift*)” (Freud, 1986b [1895], nº 52). Ele justamente conjugará as categorias epistêmicas com o sinuoso materialismo da linguagem transmitida à clínica. Linguagem como centralidade de seu mecanismo de *diferença* entre o trabalho das *forças* no sistema psíquico. Nesta mesma carta, diz Freud:

Sabes que trabalho na hipótese de que o nosso mecanismo psíquico se constituiu por uma sobreposição de estratos (*Aufeinanderschichtung*), quer dizer que de tempos em tempos o material presente sob a forma de traços mnésicos (*Erinnerungsspuren*) é submetido a uma *reestruturação* (*Umordnung*), de acordo com novas relações, a uma *transcrição* (*Umschrift*). A novidade essencial de minha teoria é, portanto, a afirmação que em memória não está presente uma única e simples vez, mas se repete, que ela é consignada (*Niederlegt*) em diferentes espécies de signos (Freud, 1986, [1885-86], nº 52).

Os ensaios de Freud são exercícios das operações combinatórias de produção, interrupção e autorreflexão entre *substâncias* e *energias* contrárias e reorientadas por *sentido* e *não-sentido*. Embora conservem funções mentais de *sobrevivência*, há elementos intrapsíquicos de atributos degenerescentes. *Reter permanecendo capaz de receber* é como Derrida lê a *polaridade dinâmica* de Freud. Em linguagem dialética, aqui já exercitada, podemos reescrever o didatismo de Derrida na proposição do seguinte adágio: *constância no movimento e a permanência no fluxo*³⁸.

Sistemas de traços constituídos de *combinatórias* que tanto torná-los-iam *fixos/invariantes* (sistemas de neurônios que são incapazes de reter qualquer traço), operando como pura *facilitação* das vias sinápticas; quanto sistemas que *conservariam* (pela quantidade de excitação), um *traço* impresso. Freud passa a construir a hipótese das grades de contato (*Bahnung*) e da abertura do caminho (*Bahn*) pois, ao ramificar sua rede de relações conflitantes, cujos elementos se destoam em grau, número, gênero, função, operação, matéria, energia, quantidade, qualidade, intui que somente um espaço além do qual estamos habituados suportaria operações de cunho microneuronais, operações que, por excelência, recebem em si (ou servem de suporte a) contrários. Lacan, em um comentário ao próprio *Projeto para uma psicologia científica* diz o seguinte: “o objeto se encontra e se estrutura no caminho de uma repetição (...). Só que nunca é o mesmo objeto que o sujeito encontra. Ou seja, ele não cessa de gerar objetos substitutivos” (Lacan citado por Poulichet, 1996, p. 25).

Abertura do seu próprio espaço, efração, abertura de um caminho apesar das resistências, ruptura e irrupção *abrindo caminho* (*rupta, via rupta*), inscrição violenta de uma forma, traçado de uma diferença numa natureza ou numa matéria, que só são pensáveis como tais na sua *oposição*. A estrada abre-se numa natureza ou numa matéria, numa floresta ou num bosque (*hylé*) e procura aí uma reversibilidade de tempo e de espaço (...) o trabalho itinerante do traço. Freud comunica sempre com o tema do *retardamento suplementar* e da reconstituição do sentido mais tarde, depois

³⁸ No pensamento do psicanalista e na recepção a esta pesquisa, metapsicologia abarcará desenvolvimentos extraídos do *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, a *Interpretação dos Sonhos*, 1900, Recordar, repetir elaborar, 1914-1915, *O inconsciente* 1915, e *Notas sobre o Bloco Mágico de 1925*. Lamentando não ter incluído *Além do Princípio de Realidade* entre outros trabalhos.

do labor subterrâneo de uma impressão. Esta deixou um traço laborioso que nunca foi *percebido*, vivido no seu sentido presente (Derrida, 1995, p. 314).

Derrida entende que a “hipótese descontinuísta” sobrepõe-se a hipótese fisicalista e convencionalista, verificacionista, metafísica (lê-se metafísica herdeira da lógica tradicional) no texto freudiano; logo, ao traçar operações de interseções entre a *qualidade* (operadores da consciência), categorias e substâncias (operadores da metapsicologia) junto à diversidade sensoriais, à realidades conflitantes, do material onírico, e de todo um léxico de negações, passamos ao sistema das *diferenças puras*, de situação, de conexão, de localização, de relações a-estruturais mais importantes do que os termos de suporte estruturais, e para as quais a relatividade do exterior e do interior é sempre arbitral.

. É porque a natureza deste sistema de diferença e desta topografia é original e nada deve deixar fora de si que Freud multiplica na montagem do aparelho os ‘atos de coragem’, as ‘hipóteses estranhas mas indispensáveis’ (a propósito dos neurônios ‘segregadores’ ou neurônios-chave. E, quando renunciar à neurologia e às localizações anatômicas, não será para abandonar mas para transformar as suas preocupações topográficas. Entrará então em cena a escritura. O traço tornar-se-á o grama; e o meio da facilitação, um *espaçamento numerado* (Derrida, 1995, p. 302, grifo nosso).

Se um *traço* se move de um para outro ponto no aparelho, também sofre transformações no tempo. Ou seja, temporalização pura naquilo que o une ao espaçamento: periodicidade *não localizada no tecido*. Só o recurso à temporalidade e a uma temporalidade descontínua e/ou periódica poderia fornecer à Freud sobrepôr planos metapsicológicos. A “segunda tópica”, constituída pelas instâncias do Isso, Eu e Supereu não tornou obsoleta a “primeira tópica”, formada pelos sistemas Ics, Pcs/Cs. Por não tornar obsoleta, vemos: elas passam a funcionar como representações auxiliares, pois inseridas na *Konstellation Dialektik*. Fechando o cerco dialético: “Só vejo uma saída... até aqui não tinha considerado o fluir da quantidade senão como transferência de uma quantidade (Qn) de um neurônio a outro. Mas deve haver outro caráter, uma natureza temporal” (Freud citado por Derrida, 1995, p. 301).

Estas representações e outras similares pertencem a uma superestrutura especulativa (*spekulativer Uberbau*) da psicanálise, onde cada parte pode ser sacrificada ou trocada

sem dano nem remorso, a partir do momento em que uma insuficiência é constatada (Freud, citado por Fulgencio, 2008, p. 188).

Um objeto e tanto: o inconsciente no psiquismo é uma máquina de determinações mútuas e especulativas, cujos elementos sinápticos, lógicos e subjetivos compartilham espaços e tramitam descontinuamente. É o que Freud tem em mente quando diz sobre a relação entre psicanálise, física e química: “seus conceitos supremos não têm clareza, seus pressupostos [são] provisórios, esperando de seu trabalho futuro uma determinação mais rigorosa destes” (Freud, citado por Fulgencio, 2008, p. 180). Ou seja, a *força* física possui, dentro da metapsicologia, uma existência mais *processual* e *virtual* do que ou natural e substancial. Mesmo na Física, não se tem, até os dias atuais, uma definição sobre o que é a *força*, como se o fenômeno escapasse a uma verbalização analítica, descritiva e representativa. Saltando para 1915, Freud insistirá:

O verdadeiro começo da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados e colocados em conexão. Já na própria descrição, não se pode evitar aplicar ao material certas ideias abstratas que advêm de outro lugar, certamente não apenas das novas experiências. Tais ideais – os conceitos fundamentais posteriores da ciência – são, na elaboração futura do material, ainda mais indispensáveis. Inicialmente, elas devem comportar um certo grau de indeterminação; não se pode pensar em discernir com clareza seu conteúdo. Enquanto se encontram nesse estado temos de nos pôr de acordo sobre seu significado para remetê-las repetidamente ao material empírico do qual parecem ter sido extraídas, mas que na verdade, lhes é submisso. (Freud, citado por Fulgencio, 2008, p. 181).

Isto facilmente circula entre epistemologia, ética e tratamento. Para se referir ao *vir-a-ser* da ciência diz-nos sobre lógicas de relações e (in)determinações entre os fenômenos e conceitos auxiliares. Por isso, em *A história do movimento psicanalítico* (Freud, 1996 [1914], p. 26) assume que “qualquer linha que reconheça estes dois fatos (a transferência e a resistência) e os tome como ponto de partida do seu trabalho, tem o direito de chamar-se psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus”.

Transferência e resistência enquanto experiências clínicas efetivas possuem uma herança desta própria superestrutura especulativa da conceitografia inicial. Elas estão em contradição desde o mais rizomático traço no aparelho até as relações humanas encenadas e dramatizadas no consultório.

Desse novo modelo metapsicológico, que integra as concepções de forças e *quanta* de afeto (energia) como construções auxiliares usadas para formular as explicações sobre o movimento das representações e afetos que guiam os sentimentos e os comportamentos, será possível conceber ações própria ao agir clínico (análise da transferência, da resistência, como tornar consciente o inconsciente, etc.).

A generosidade do psicanalista estava em consonância com a possibilidade, inerente à psicanálise – em suas futuras e inevitáveis alterações da cartografia conceitual – promover a *desconstrução e transformação* necessárias às atualizações do inconsciente de cada época. A metapsicologia especulativa da psicanálise tem uma história decisiva para muitas outras ciências humanas e, até o momento, não cessou de estimular novas leituras, inspirações, tentativas de confrontos.

Foi diante desta dignidade contingente de sua epistemologia que o psicanalista trabalhou por toda a vida, investigando relações de determinações entre inúmeros fenômenos muito além da clínica. Lacan, ao meditar sobre a “autorização” de Freud, diz-nos, “utilizar relações auxiliares para nos aproximarmos de um fato desconhecido, me incitou a dar provas de uma certa desenvoltura para construir um esquema” (Lacan, 1983 [1954], p. 92). Também aqui nascerá algo que fez “escola” nos programas de pensamento do século XX, principalmente àqueles ligados a Frankfurt: “A metapsicologia psicanalítica e sua teoria do aparelho psíquico como um sistema de conflitos expunham os móveis da sujeição internos ao próprio conceito de indivíduo moderno” (Safatle, 2019)³⁹. A orientação escancaradamente dialética de Adorno pode ter nascido desta proposta freudiana de subversão do sujeito no inconsciente pelas intempéries formações do desejo.

³⁹ Safatle, V. (2019). *Dar corpo ao impossível*. Autêntica: Belo Horizonte. [Recurso Eletrônico. No texto de suporte digital, esta citação encontra-se sem página definida, anterior à nota de rodapé do autor (nº 367).

Não há existência sem os antagonismos entre o que *passa* e o que *fica*, o *móvel* e o *imóvel*, o *plasma* e a *cicatriz*, o *mnêmico* e a *lembrança*, entre a diversidade do *vir-a-ser* dos instantes do meu existir e a identidade do *ser* que sobrevive em mim e que perdura, ora abnega ora recalca-se. Nunca se vive somente no presente, o próprio Freud já dizia.

3.1 A reinvenção da memória entre os modelos de subjetivação na teoria freudiana

As imagens que habitam nossa mente, imagens que são impressas e/ou armazenadas através de *traços mnêmicos*, correspondem diretamente – embora possamos não estar conscientes do ampliado espectro de tal povoamento – formas com as quais possamos nos reconhecer como sujeitos (históricos ou do inconsciente), reconhecerno-nos, também, como alteridades nos processos de intersubjetivação, ou ainda, do fulcro inteligível e sensível de nossa ontologia. São estas as imagens que ostentam e sustentam nossa inserção num complexo simbólico envolvendo os laços sociais, culturais, étnicos, personalíssimos, etc. Sob tal perspectiva: entre a associação deste povoamento imagético da mente e nosso reconhecimento identitário e social, produzimos nossos pensamentos e nossas ações, caracterizados pela natureza, pelo conteúdo e pelo deslizamento e reprodução de tais imagens. Neste entrecruzamento entre a capacidade de memorizar tudo que a realidade nos fornece e o pensamento/ação, somos conduzidos a produções das mais banais, tais como o condicionamento de nossa rotina, compromissos e desejos, da utilização do léxico de nosso idioma, de recordar os títulos de livros e filmes, bem como, construímos operações mais elaboradas, por exemplo, podemos constituir lógicas que fazem-nos acessar um sentido integral de nossa *metafísica subjetiva* – estável no tempo e no espaço –, e a partir dela, escolhemos quais formulações sensíveis, estéticas, morais, políticas e afetivas nos são compatíveis.

Todas estas carapaças dos *modos de ser* ocorrem de maneira tanto *endo* quanto *exoenergética* – apesar dos termos serem emprestados dos estudos físico/químico da ciência contemporânea – podemos transferi-los para a *ciência da subjetividade*, basta resgatar a alusão de como Freud passou a conceber de outra forma a divisão interno-externo. Sem de fato explicitá-lo, e nos últimos anos de sua vida, admitiu que: “o aparelho psíquico tinha uma extensão no espaço, e que o espaço, por sua vez, era a projeção deste aparelho” (Freud, 1985, citado por Násio, 2010, p. 11).

Tudo que é armazenado e tramitado psiquicamente tem o poder de ser devolvido ao mundo, de se transmutar e ganhar novos contornos, uma vez que imprimimos nossa marca subjetiva em cada objeto e, em seguida, liberamo-nos dele, devolvendo-o à realidade; porém, agora, transformando-a pela nossa capacidade heurística e pela nossa habilidade em manipular uma gama de códigos. Tal correspondência, que supomos conciliatória e coesa, no fundo, ostenta também uma disjunção e uma dissonância, e isto obrigatoriamente nos conduz a uma problemática: sendo a realidade condicionada a uma lógica de transformação ininterrupta, como suportaríamos *traços mnêmicos* rígidos e estáticos que não se articulassem com o próprio meio? Ou seja, como manter *traços de imagens* que reportam a lembranças e memórias fixas e perenes, que por sua vez suportariam o núcleo da identidade (com vistas de garantir a sobrevivência deste indivíduo e de sua cena psíquica) se tal psiquismo está orientado por uma realidade transitiva? Como manter o reconhecimento de si mesmo (permanente) perante a tal impermanência do mundo? “... não tardaremos a ter a satisfação de saber que a correção da percepção interna não oferecerá dificuldades tão grandes quanto a correção da percepção externa, que o objeto interno é menos incognoscível que o mundo externo” (Freud, 1996 [1914], p. 74).

Questionar a natureza e a inviolabilidade destas “estruturas arquivistas” do cérebro e da mente configura uma objeção radical ao grande arcabouço conceitual que rege quase a totalidade das ciências conhecidas e aplicadas. Voltando a nossa discussão inicial, podemos aludir que enquanto líamos algo óbvio, no fundo, estávamos diante do que provavelmente domina o pensamento desde que o primeiro programa de estudos sobre o Homem foi articulado, a saber: “o *mito* de que a memória é um atributo inviolável, biológico e estanque da mente. Mito que considera que as imagens abstraídas estão permanentemente armazenadas e ‘povoam’ nosso cérebro” (Rosenfield, 1994, p. 8).

A princípio, caímos num contrassenso, pois se reconhecemos as pessoas e nós mesmos ao compararmos o que vemos, ouvimos e sentimos com o que está internalizado nas bases biológicas do cérebro e psíquicas da mente, e recordamo-nos “concretamente” através da “ativação” dessas imagens armazenadas e processadas, como questionar tal função tão realística, empírica e tátil das aptidões neurofuncionais? Inicialmente, podemos apontar que tanto a capacitação de apreensão e cognição destas imagens quanto o seu processo de

inscrição e armazenamento estão articulados por uma convenção epistemológica obscura, cujos operadores teóricos que sustentariam o pressuposto fundamental deste campo da neurociência não puderam ser atestado cientificamente até os dias atuais, ou seja, convencionou-se termos uma memória “idealizada”, cuja *espacialidade* (dotada de vacâncias) e a prerrogativa de *sedimentação e acúmulo* de informação ininterrupta são seus elementos centrais. Ou seja, não apenas as funções neuronais eram localizadas, como também a memória estava dividida em muitas subunidades especializadas. Mais de cem anos após a publicação destes estudos, ainda não há neuroimagens capazes de apontar com precisão a relação anatômica das patologias mentais graves. Estes processos corticais e mentais trabalham em realidades de interações em que não foi possível registrar, ou mesmo colher dados analíticos e empíricos seguros até os dias atuais. Mesmo porque, cada sistema nervoso – e assim deve ser os sistemas neuronais – respondem distintamente de pessoa para pessoa.

A neurologia moderna talvez tenha sido construída sobre pressupostos incorretos acerca de como funciona o cérebro. Não só é possível que a doutrina da localização das funções seja enganosa, como também o pressuposto fundamental de que as lembranças existem em nosso cérebro como traços fixos, cuidadosamente arquivados e armazenados, talvez seja um erro (Rosenfield, 1994, p. 5).

Entre o mito, o senso comum e a tradição científica, a mesma compreensão é (não sem suspeita) compartilhada: de que a natureza de nossa memória trouxe consigo este pressuposto fundamental em que *há lembranças permanentes armazenadas em nosso cérebro*. Não parece difícil respondermos aqui sobre qual a real natureza da memória para a corrente acadêmica que legisla nestes termos conceituais: a memória é um dispositivo dotado de poder *transcritivo*.

Não é estranho ouvirmos que a memória funciona como um *hd* de computador com capacidade indefinida de armazenamento. Na disposição dos “arquivos” também não se consegue distinguir se estes são ocupados por lembranças emocionais, figurativas e inconscientes. Ou seja, se este *hd* recebe num mesmo arquivo, “documentos” de múltiplas “extensões”. Não obstante, ao indivíduo, bastaria “abrir” estes arquivos e transcrever estas informações uma vez requisitadas por si ou por outrem. “Não se pode falar em progresso em

psicologia sem ser um pouco irônico –, que consideram que a mente é o *software* enquanto o cérebro é o *hardware*, apenas modificam o vocabulário: continuam presas dentro dos mesmos parâmetros que paralisaram a investigação de Watson” (Gabby Jr, 1998, p.8).

Para o teórico da Ciência, Israel Rosenfield ao retomar todos os programas de estudo sobre a memória, incita-nos a pensar que esta seria, por sua vez, constituída por algo não sedimentado, fixo, estático ou idealizado. Está ausente, em sua teoria, a característica acumulação progressiva e quantitativa de informações. Assim, estimula uma ácida provocação: “se as lembranças não são as imagens fixas que a tradição e o senso comum têm-nos levado a crer que são, devemos rever toda a nossa compreensão da natureza do pensamento e da ação e de suas bases biológicas no funcionamento cerebral” (Rosenfield, op. cit., p. 4). Se as maiorias das discussões sobre o cérebro tomam por certa tal ideia de capacitação de *lembranças permanentes* como precondição elementar do racionalismo antropocêntrico e filosófico, a proposta de subversão a este estatuto inferirá à novas considerações sobre a contingência e o imprevisto das construções *micro ontológicas* neuronais e *macro sistêmicas* do Poder. Uma face real deste cenário poderia ser resgatada pela medicalização em massa de milhares de idosos brasileiros (ou milhões ao redor do mundo) diagnosticados com Alzheimer; que em muitas vezes, são alvo de anamneses apressadas, rasas e obscuras, muitas dessas elaboradas pelo médico com o paciente já sob efeitos de drogas que modulam quimicamente a subjetividade e as funções neuronais básicas. Positivado como um diagnóstico, de qualquer forma, mas inconclusivo sem dúvida. A perda da memória pode ser ocasionada por inúmeros fatores, isto é o mesmo que diagnosticar a depressão (como carência enzimática de substâncias no cérebro) a partir de processos melancólicos esporádicos na vida de um sujeito. Não há qualquer testagem ou exame laboratorial que indique que a localização da doença no cérebro (para tal paciente) comprove um determinado comportamento, uma personalidade, uma capacidade ou defasagem intelectual. Independente do cenário, a anamnese torna-se prescrição, dá o aval para acesso a novos compostos químicos e, que, como esperado, possuem baixa eficácia de cura.

Na composição dos princípios ativos da *intensa* medicação oferecida há referências (na bula) de que o efeito da “perda da memória” e “dificuldades cognitivas” seriam solucionados, visto que os “inibidores” incidirão em *áreas específicas* do cérebro e

“destravarão” os “fluxos” do “conteúdo” da memória e do aprendizado que, ali, estão “inertes”.⁴⁰ Esta tecnologia que liga o absurdo do gerenciamento da população à produção do lucro capitalista sem que resistências possam se impor (devido ao alto poder de repreensão do discurso científico também) faz a expropriação da própria doença uma cultura, e através da medicina como propagadora de um discurso – perverso e que conta com o auxílio da própria universidade – trabalham unidos pelo expansionismo neoliberal através da vitalidade de sua multibilionária indústria farmacêutica, planos e seguros de saúde, e eliminação necropolítica deste nicho.

Há guerras ocorrendo no controle do saber do funcionamento neuronal há mais de 120 anos, e exploraremos, à guisa de introdução, como as *redes neurais artificiais* operacionalizam seus próprios neurônios cibernéticos. De muitas formas somos herdeiros dos paradoxos aqui brevemente ventilados. Porém, encontraremos uma indefinição elementar, no coração do saber clássico, que de saída, põe em xeque os próprios pressupostos de localização e permanência. Esta diz respeito a total supressão e incompreensão sobre *como* ocorre a formação do traço mnêmico original. Como a informação da realidade é gravada no tecido e tramitada abstratamente pela psique? Ou seja, tomou-se a ocorrência da *inscrição destes traços* como uma capacidade “apriorística” do cérebro, algo como um *inato poder arquivístico*. Apesar do apelo de uma suposta segurança científica, visada através de um conjunto controlado de correlações (objetos-percepções), não se explicou exatamente *como*, no contato inicial com as informações, as imagens são reconhecidas e internalizadas; pois a forma de sua “entrada” no aparelho nunca será equivalente àquilo de rememoração, verbalização e simbolização que se faz desta percepção inicial. Não há algo como um *referente de percepção* que tramitaria os objetos do mundo à consciência ou às experiências; mesmo que desenvolvessem fenômenos adequados à sua forma originária, pré-perceptiva, ou até fisiológica.

Profundamente incomodado com sua falta de fidedignidade, Sigmund Freud sugeriu que as lembranças eram fragmentadas e que o reconhecimento, por conseguinte, não poderia ser um simples cotejo das imagens percebidas com as armazenadas. Ele observou que fragmentos e retalhos do passado das pessoas manifestavam-se, muitas vezes, nos sonhos e

⁴⁰ Informações contidas na bula do medicamento *Exelon Patch*, cujo princípio ativo é a rivastigmina. Disponível em <https://portal.novartis.com.br/UPLOAD/ImgConteudos/2963.pdf> acesso em 10/10/2019.

nos sintomas neuróticos, e só eram reconhecidos como “lembranças” quando ligados aos afetos (Rosenfield, 1994, p. 6). Isto obrigou-o, então, a dar explicações quanto à fragmentação em termos de *condensação* e *deslocamento* e dentro de “um conjunto de impressões organizadas numa rede psíquica resumida à *diferenças, espaçamentos e temporalizações*” (Derrida, 2011, p. 300). Por isso, a memória aparece como a coexistência de todos os graus de *diferença* nessa multiplicidade, ostenta em si, caráter virtual, implícito à própria hipótese do inconsciente. Para Freud não há recordação sem contexto, e nunca se vive exclusivamente no presente. E, já que o contexto deve, necessariamente, estar em constante mudança, nunca pode haver uma memória permanente ou absoluta. Desta contingência, por exemplo, o inconsciente assume seu *acontecimento imprevisto*, disjuntivo, ou seja, que não é descrito ao redor de um núcleo rígido no qual o determinismo de nossas experiências individuais e passadas ressoam irredutivelmente a nossa composição subjetiva e a nossa expressão. Reflexo disso é a necessidade de um sistema aberto e paraconsistente.

Neste ambiente difuso, a neurologia moderna constituiu todo seu campo de pesquisa acreditando que tais mecanismos primários existem, naturalizando-os como princípios *originais, biológicos, metafísicos* e pior, *invioláveis*. Contudo, fatos como a inexatidão, falhas da memória, e a reapropriação de funções mentais perdidas após traumas no cérebro forneceria aos críticos *anti-localizacionistas* elementos empíricos suficientes para embasar suas novas teorias. No caso de um trauma, por exemplo, quando há lesão em determinada área do cérebro, que controla, por exemplo, a fala, muitas vezes o quadro clínico do paciente (que perde a capacidade de falar) é totalmente reversível. Mesmo que a área atingida perca totalmente ou parcialmente as funções neuronais, o cérebro, com o tempo, consegue direcionar para outra região, mecanismos para a verbalização de palavras, conduzindo o paciente a retomar sua capacidade sem qualquer sequela. “Essa lesão cerebral causa um rearranjo da maneira como os estímulos se inter-relacionam. Ela pode impedir que se estabeleçam alguns tipos de relações entre os estímulos e, com isso, forçar o cérebro a substituí-las por outras” (Rosenfield, 1994, p. 68).

A solução muito evidente é a de que produzir uma *reorganização dos padrões de pensamento* e até, talvez, de nossos *valores*, é uma atribuição mental primordialmente

dialética e que ainda garante a sobrevivência e o espaço para a vida. Freud, expoente principal da vertente “holista”, considerou, por exemplo, na iniciativa de supressão pela clínica de um quadro de depressão melancólica, como aquele tratado em seu ensaio de 1914, intitulado *Luto e melancolia*, que a *significação* da perda de um ente durante seu processo de luto não constitua um “apagamento” das lembranças, no qual a pessoa deleta de sua história os fatos, as experiências, os aprendizados e conflitos vivenciados mas, sobretudo, deve-se, apenas como estratégia inconsciente, realizar um *deslizamento* visando a produzir novas conexões, novas atribuições que capacitarão novos desejos, novas aspirações de contato com o outro. O que se espera nas ações terapêuticas é que o analisante possa (re)categorizar a maneira de encarar o mundo, e isto passa pela relação entre atividade cerebral e o ambiente, a linguagem, o sentimento e a razão, a imaginação e a possibilidade de invenção de si *mais além* de uma identidade fixa ou de um Outro.

Neste arcabouço, a memória não é *transcritiva*, mas implica algo de *produtivo*, ou seja, uma prerrogativa na qual a criação de lembranças ocorre de forma instantânea, do *presente* para o *passado*, numa metamórfica operação neuronal baseada no movimento das informações e estímulos *ali* e em *ato*, pois, de saída, não *há nada armazenado no cérebro*. Existem apenas meios de reorganizar as impressões passadas, de dar ao mundo incoerente e onírico da memória uma realidade concreta.

Os dados da consciência têm em si um imenso número de lacunas; tanto nas pessoas sadias, quanto nas enfermas, é frequente ocorrerem atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos dos quais, não obstante, a consciência não oferece nenhuma prova (...), enquadram-se num encadeamento que se pode demonstrar quando interpolamos entre eles os atos inconscientes que inferimos (Freud, 1996 [1917], p. 166-7).

As memórias inconscientes específicas não responderiam pelo sentimento de continuidade; pois, esta é consequência da nossa capacidade de ver as coisas em relações mais amplas. Conseguimos (re)produzir as lembranças por cadeias associativas que são contingentes a cada estímulo e necessidade *presentes* no contato com a psique e com as interações intersubjetivas e inconscientes. No tocante à inviolabilidade das lembranças defendida pelas correntes científicas *standards*, em consonância com as prerrogativas

perceptivas e cognitivas – que se baseiam no acesso aos traços mnemônicos permanentes (cotejando-se uma imagem vista com uma imagem armazenada no cérebro), a corrente opositora será ainda mais enfática. Ela questiona, em última análise, as implicações de que a própria *percepção* representa, ou seja, que esta não tenha, necessariamente, relações recíprocas através da figuração “mentalista” e íntegra do meio ambiente a que se dispõe. Abre-se aqui a possibilidade de que a *percepção* e o *reconhecimento* são funções cerebrais independentes. Será por isso que o reconhecimento, para a psicanálise, é sempre referendado por um fluxo dinâmico de estatutos lógicos (intersubjetivo, estrutural, material, pulsional, dialético), e uma vez flexionado o aparato das ligações primárias, flexiona-se também elementos perceptivos, imaginários, sexuais, ontológicos e epistemológicos. “E, quando o paciente obsessivo põe o dedo no ponto fraco da segurança da nossa vida psíquica – na não-fidedignidade da nossa memória –, essa descoberta lhe permite estender sua dúvida a tudo, até mesmo a atos já praticados (...) e ao passado inteiro (Freud, 1996 [1985], p. 243).

Trata-se de escrever acerca de uma memória ausente *qua* presente (*Verdrangung*/ recalque). De um objeto de desejo familiar e estrangeiro ao mesmo tempo (*Unheimliche*); de uma lembrança ficcional cuja nitidez é proporcional à lacuna da memória que a condiciona (*Deckerinnerung*) lembrança encobridora; de uma negação que é afirmação (*Verneinung*) (Iannini, 2012, p. 77).

Perante a famígera sincronia entre *traços mnêmicos* computados e o livre acesso aos mesmos só o fato de “carregarmos” imagens fixas no cérebro nos tomaria uma elevada soma de energia visando a conservá-las, e o cérebro já consome cerca de vinte por cento de toda energia do corpo. O acúmulo progressivo de memórias requereria um suporte energético ativado e hipercalórico (mesmo que tais memórias estariam, em grande parte do tempo, e em sua maioria, adormecidas e inutilizadas).

Todavia, são *fragmentos* mnêmicos tudo o que resta em nossas memórias, as *condensações* de imagens como *traço abstrato* que associam cenas, espectros e afetos. Fragmentos esvoaçantes não especularizáveis, cenas oníricas intercalando-se sem um cenário de linguagem no *trabalho de um tempo* específico de *revelações*, (a *posteriori*); nossas memórias permanecem fragmentos que podem não ter nenhum “sentido” ou interpretação, um fluxo alucinatório que formariam silenciosos diálogos mentais surrealistas. Aquilo que

constituímos não é a habilidade de lidar com o desejo de resgatar imagens, mas um processo anterior, em que uma programação de inscrições espaço/temporais são constituídas em um nexo de causalidade, programando uma complexa rede de relações não assimiláveis ou redutíveis por qualquer método ou diagnóstico, isto foi o que Derrida chamou de *A cena da escritura psíquica*.

Não mais de imagens fixas que dependeríamos, mas de recriações – atos imaginativos – remodelando o passado de forma a construir uma paralaxe ao presente. E, ao mesmo tempo, remodeladas pelo presente de maneiras contingenciadas pela natureza do passado. Quando internalizamos objetos, estamos, na avaliação freudiana, abstraindo aspectos informes e anamórficos – não sua forma inviolável e íntegra ou sua caracterização mimética – mas um detalhe plástico informe, que rapidamente evoca um afeto para o auxílio de sua abstração. Um fractal de tais objetos que, não obstante, resolve-se a nós uma vez que tais fragmentos carregam um *tensor*: são condensações de muitas imagens que se referem a muitas coisas diferentes, adquirindo um sentido específico num referencial às vezes previsível ou contingente. Textualmente, Freud argumenta que “não são estáticos em parte alguma [do cérebro]”, pois “é impossível termos uma localização cortical separada” (Freud, 1996 [1981], p. 103). Estas alusões dificilmente se explicariam pela *localização das funções*, que implicará, *a priori*, na existência de “percepções” estáveis e de lembranças “associadas” a outras percepções e lembranças, ou seja, esquemas transcritivos e não inventivos.

3.1.1 Polaridade dinâmica

No início do século XIX eram comuns premissas como as do neuroanatomista austríaco Franz Gall, para quem o exame das saliências na cabeça de uma pessoa revelava tanto os talentos e as características psicológicas, quanto os traços de caráter; não apenas Cesare Lombroso⁴¹ esteve empreadado em formular conexões causais ao redor da anatomia cerebral, a plasticidade da face e uma implicação moral, psíquica, sexual e criminal. Tal obscuridade começará a ser dissolvida através dos estudos “técnicos” do neurônio, iniciados

⁴¹ Cesare Lombroso é creditado como sendo o criador da antropologia criminal e suas ideias polêmicas e inconsistentes deram nascimento à Escola Positiva de Direito Penal, mais precisamente a que se refere ao positivismo evolucionista, que baseava sua interpretação em fatos e investigações científicas obscuras. Por exemplo, ao comparar traços anatômicos e fisiológico da face com a propensão à declinações criminosas.

por volta de 1870 por Marie Jean Pierre Flourens, Ernst von Brucke, Carl Wernicke, Theodor Meynert, Paul Broca e Sigmund Freud.

Buscou-se em tal época, sobretudo, novas orientações de *pesquisa* uma vez capazes de visualizar e conjecturar as redes de neurônios, indagar sobre suas cadeias de conexão, descobrir os percursos de energia e de comunicação, suas falhas, desvios, gastos calóricos, etc. Todos estes avanços, contudo, não foram suficientes para solucionar como ocorreria a *inscrição* da informação apreendida pelo neurônio no tecido, e conseqüentemente, na memória. Justamente esta “ponte” entre um dado empírico e um hipotético envolvendo o mesmo fenômeno material e cognitivo foi ensaiada por Freud em um momento chave de seu pensamento, e que ainda nos dias atuais traz grandes controversas.

No Ensaio Crítico sobre *as Afasias*, texto de 1891, elementos de destaque à teoria começam a ser explicados em termos de *linguagem*, de “localização do fator tópico”, “de diferenciações”. Freud reconhecia que funções mais elementares e tipicamente sensoriais, correspondiam a conexões diretas a nervos centrais no córtex.

Tudo o que vai além disso, a associação de diversas representações com um conceito e outras coisas semelhantes, é um desempenho dos sistemas de associações que conectam diversos pontos do córtex entre si, ou seja, não pode mais ser localizado em um único ponto do córtex. No entanto, as estimulações sensoriais que chegam ao córtex cerebral deixam impressões duradouras ali (...) (Freud, [1996 [1891]])⁴².

“Do ponto de vista psicológico”, escreveu Freud, “reconhecemos a palavra como um complexo de conceitos (impressões, imagens) que, através de sua parte sensorial (seu componente auditivo), liga-se ao complexo de associações do objeto” (Freud 1996 [1891], p. 57). Logo, o reconhecimento habita diferentes *tempos de inscrição* ou *ligamento* suplementares. A rigor, em suas primeiras teses contrárias à *localização das funções*, Freud pareceu enfatizar justamente esses aspectos: “ele havia argumentado que uma ideia não podia ser separada de suas associações. Freud considerava ilusória a evidência de sujeitos com lesão cerebral que sugeria que os conceitos se “dividiam” no interior do cérebro” (Rosenfield, 1994,

⁴² Extraído do site <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2014/10/1525905-leia-trecho-de-sobre-a-concepcao-das-afasias-primeiro-livro-de-freud.shtml>

p. 82). Os pedaços e fragmentos de um conceito e suas associações – encontrados num paciente com lesão cerebral – dificilmente seriam pedaços e fragmentos, mas sim “eram conceitos *diferentes*, novos arranjos da informação exigidos pela perda de tecido cerebral” (Rosenfield, 1994, p. 82). Uma atenção especial é ainda concedida, e continuará sendo, ao movimento histórico que conduziu o trabalho inicial de Freud como neuronatologista, neurofisiologista e neuropatologista. Pois, através destes, ele defendeu a hipótese de que os *movimentos psíquicos* eram suportados por uma *descontinuidade neuronal*⁴³.

Mesmo nos casos em que há lesões materiais localizadas, o distúrbio decorrente só se explica por um padrão de reação da atividade cortical à desorganização funcional causada pelo trauma orgânico, e não, como queria o *localizacionismo*, pela atribuição à região lesada do papel de sede da função perdida ou prejudicada. “Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla; que ela é registrada em diferentes espécies de signos. (...). Não sei dizer quanto desses registros há: três, pelo menos, provavelmente mais” (Freud, 1996 [1896] p. 281). Entre a *Concepção das Afasias* (1891) e a sua definitiva incorporação da teoria *neuronal* e à teoria da *polaridade dinâmica* no *Projeto...* (1895), temos, acima de tudo, uma articulação e avanço epistemológico pautado nesta tensão de se articular a premissa neurocientífica com o estatuto hermenêutico da mente.

De certa forma, respostas estavam sendo procuradas e testadas clinicamente por Freud, que procurara expandir a homeostase e a entropia da microestrutura anatômica do sistema nervoso e superlativa da mente. Logo na 1ª parte do *Projeto...*, diz que: “o psiquismo seria fundamentalmente formado por um conjunto de *marcas*, que o psicanalista denominará de *engramas*” (Birman, 2007, p. 12, grifo do autor). Podemos inferir que tais *engramas* formarão uma lógica de conflitos através da “oposição entre instâncias e sistemas” (Iannini, 2012, p. 37).

Para Freud, uma lembrança é todo o complexo de ideias e qualquer nova disposição modifica as mesmas, o enquadramento, e a plasticidade destas imagens circulares. Para o psicanalista, uma lembrança é uma generalização instrumental complexa, uma *escritura* a

⁴³ Cf. Sigmund Freud, *Projeto para uma Psicologia Científica*. In: Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos.

partir da qual se organizam certos jogos randômicos. Aqui, apresenta-se algo muito elementar para o nascimento da psicanálise, em toda experiência na qual envolvem processos de subjetivação e um entrelaçamento entre passado e presente deve ocorrer uma plástica intersecção entre experiência, pensamento, fala e reconfiguração microneuronais. A memória aparece como a coexistência de todos os graus de *diferença* nessa multiplicidade, ostenta em si, caráter virtual, implícito à própria hipótese do inconsciente. Para Freud não há recordação sem contexto, e nunca se vive exclusivamente no presente. E, já que o contexto deve, necessariamente, estar em constante mudança, nunca pode haver uma memória permanente ou absoluta. Desta contingência, por exemplo, o inconsciente assume seu *acontecimento imprevisto*, disjuntivo, ou seja, que não é descrito ao redor de um núcleo rígido no qual o determinismo de nossas experiências individuais e passadas ressoam irredutivelmente a nossa composição subjetiva e a nossa expressão.

Se o cérebro categoriza os estímulos de acordo com a experiência passada e com as necessidades e desejos atuais; e essa categorização constitui a base da percepção e do reconhecimento, foi preciso incorporar os atos de natureza *rememorativa* como potências capazes de reconfiguração instrumental de arranjos, por isso a *rememoração* também é uma forma de subjetivação. Este será justamente o núcleo da técnica analítica. Entre a escuta flutuante e a associação livre, uma operação tipicamente permissiva propõe a articulação das duas temporalidades implícitas à rememoração, e esta é, inclusive, a própria possibilidade da construção da relação transferencial. Por que estes encaminhamentos críticos são tão importantes para o exercício psicanalítico, uma vez que o analista venha a questionar os pressupostos fundamentais sobre a elaboração narrativa do analisante dentro da experiência analítica?

Uma vez que se difrata em unidades contingentes, o *traço* (engrama) revela os sistemas de divisões intrapsíquicas, e, conseqüentemente, respeita a própria operação divisória dos sistemas neuronais em suas sinapses. Isto seria formalizado pela relação dual entre *condensação* e *deslocamento*.

Por isso as importantes digressões sobre os sonhos são invocadas logo após o nascimento da psicanálise. Ao sonhador, muitos elementos que demandam uma construção textual não fazem parte de experiências imediatas, sendo necessário um trabalho de

formulação, que em parte, é o coração da experiência analítica, pois ultrapassa os limites da linguagem que constituem uma visão de mundo constrangida a um sistema psíquico fechado.

Dentro das atividades clínicas, as “lembranças” evocadas pelos analisantes muitas vezes são impressões abstratas de mescla de memórias, geralmente anacrônicas, esquizoides, cômicas, *nonsense*, em que sentidos mesclam-se, sedimentam-se e repetem-se. Assim, no decorrer de uma análise, um analisante pode produzir uma série de afirmações semelhantes, mas não idênticas; e que parecem constituir recordações, mas às quais ele não presta a menor atenção. Por isso, não existem recordações específicas em nosso cérebro; existem apenas meios de reorganizar as impressões passadas, de dar ao mundo incoerente e onírico da memória uma realidade concreta. As memórias não são fixas, mas sim generalizações – recriações – do passado que estão em constante evolução, dando-nos um sentimento de continuidade e vacuidade entre o passado, o presente e o futuro. As memórias não são unidades distintas, vinculadas ao longo do tempo, e sim um sistema em evolução dinâmica, mesmo descontínua.

Uma vez que somos confrontados com o novo e o inesperado, em um presente cuja tessitura é contingente, inflamamos nossa capacidade de generalizar e categorizar tanto influenciados pelas circunstâncias etéreas, quanto por um suposto sentido de continuidade. Haveria uma semelhança e continuidade da formatação do pensamento aos seus próprios processos mentais micro anatômicos, e é justamente dessas categorizações e recategorizações que conferem à nossa vida mental o sentido de um todo, que Freud postulou a existência do inconsciente.

Ainda falta ao analisante uma palavra, e na semana seguinte *a falta* não será a mesma, pois, muda-se o jogo de encaixe dos significantes. A reencenação disto que se deve dizer, e que está refém do que se inscreve no organograma da abstração da memória, torna a noção de *livre associação* como função e campo da memória. Isso porque ela relançaria o processo de *diferir*; que regularia a cena psíquica da escritura pela inscrição de outros signos, justamente aqueles que retornam *pelos devires espaciais e temporais* abertos pela transferência. O trabalho do que se difere é isto que faz todo ser tender-se a *temporalização*. Por isso que a qualidade do manejo temporal na transferência requer atenção à compreensão deste *tempo* essencialmente *interno*, marcado, além disso, por uma reversibilidade e abertura ao novo,

tempo heterogêneo, qualitativo, de uma ontologia que pode produzir experiências produtivas também através da *indeterminação* e da *incompletude*; *traços mnêmicos diferenciais* num explícito conflito dialético entre a natureza física e a dialética da natureza negativa do pensamento. “A psicanálise questiona em última análise a distinção comum e cômoda entre um termo de realidade e sua representação” (Leclair, 1977, p. 47). “Um processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica” (Laplanche, 2004, p.23).

A flecha do tempo linear, distinguindo um passado, um presente e um futuro, é bruscamente contestada por essa presença que põe em jogo a associação dos vestígios mnésicos. E é no momento em que se manifesta essa presença, pela superposição dos vestígios de um acontecimento presente e de um acontecimento passado, que esse passado pode ver-se assim historicizado, subjetivado. “Era preciso um acontecimento novo para que o acontecimento antigo ressoasse e tivesse acesso à presença” (Poulichet, 1996, p. 18). “Ao visarmos a rememoração, e quer a encontremos ou não, damos com a reprodução sob a forma da transferência de algo que pertence de maneira manifesta ao outro sistema” (Lacan, S.II, 1985 [1954-55], p. 84). As memórias não são fixas, mas sim generalizações semi-aleatórias ou recriações do passado em constante evolução, dando-nos um sentimento de continuidade, de existência, mesmo com toda a indefinição que cerca o futuro. Somos confrontados com o novo e o inesperado, num presente cuja tessitura é contingente, inflamamos nossa capacidade de generalizar e categorizar; tanto influenciados pelas circunstâncias, quanto por um suposto sentido de continuidade.

Portanto, se o polo sensorial do aparelho psíquico apreendesse permanentemente os novos estímulos, já que não seria um espaço de inscrição psíquica, mas apenas de recepção, o tecido da memória, marcado que seria pelas redes neuronais, inscreveria, então, no aparelho psíquico, os traços, de maneira indelével. Porém, a memória em questão não existiria como presença plena dos estados de coisas que incidiriam no polo de recepção do aparelho psíquico. Os estados de coisa não se fariam jamais totalmente presente em nenhum neurônio ou numa rede localizada de neurônios, mas se espalhariam e se disseminariam como uma rede complexa, constituindo um sistema

de diferenças como a totalidade dos traços neuronais (Derrida, citado por Birman, 2007, p. 8).

Derrida nos chama a atenção para tal *diferença* “incapturável” e invisível, pois é o modo como o percurso vai se construindo, como as *redes* vão tecendo-se entre os *traços*, entre as *diferenças* que a própria vida se dissemina. A memória e o psiquismo como uma rede de traços que tanto na repetição quanto na experiência imprevista, se diferenciam. O texto psíquico não se dá a ver, não é como uma imagem ou uma representação como solução cognoscível. A vida psíquica só existe diferenciando-se *de* e *em* si mesma, ou seja, “reflexos não convexos, um diferir através de uma série de registros e inscrições diversas que os vestígios se integram assim a uma rede de associações em movimento, que se pode designar como uma memória plural” (Poulichet, 1996, p. 17). Chamo atenção para esta passagem da autora francesa pois intuiu brilhantemente a síntese sobre uma metapsicologia que perseguimos. Um fato histórico que podemos delinear neste exemplo é que dez anos após esta publicação, ou seja, em 2006, a menção de “reflexos não convexos” poderia ser repensada justamente pela possibilidade de integração avançada entre a rede, o cálculo-forma, e a memória. Aquilo que parecia destoante: “o traço tornar-se-á o grama; e o meio da facilitação, um espaçamento numerado” (Derrida, 2011, p. 302) encontra em nossa época possibilidades de existência e efetuação. Voltarei a isso.

A alusão a essa reinscrição permanente pela qual o processo de *diferir* constituiria as redes de *traços* e inscreveria continuamente os signos em registros distintos; inscrição só-depois, repetida ou atrasada, constituiu outros *espaçamentos* que vê no inconsciente o *devenir*, e responde em todos os níveis uma orientação dialética, sobretudo, nesta qualidade do *traço ser e/ou não-ser* o signo de uma função. “Uma linha pulsional de escritura, em que os sons do significante se difratam em sentidos ou compreensões múltiplas de acordo com o impulso que os transformam ao atravessá-los, linha de escritura que se inscreve sempre como fratura ou infração internas” (Derrida, 2011, p. 302).

A reinvenção da memória, nestes termos, trabalharia em graus de complexidade por uma *função dissipativa*, constituindo um sistema vivo e produtivo declinado à relação dialética instituída pela própria realidade. Aqui, o *traço* ocupa papel de referência, pois promove a *diferenciação* interna de espaço/tempo ao código, à psique, ao neurônio, e agora,

aos novos sistemas *deep learning*. “O espaço não preexiste ao traço, mas se constitui ao mesmo tempo em que este, pelo engendramento da própria operação do *diferir*” (Birman, 2007, p.11).

Um discurso filosófico resplandecente, entusiasta de uma possibilidade de derivações e ensaios que animam a realidade de uma pesquisa, de uma ontologia, de um futuro possível e emergencial. Inesperadamente, este ambiente difuso e insólito, mesmo que rigoroso, passa, em nossa época, a ser a matriz intelectual, pois precisamente especulativa, da gênese e de parte do próprio *know how* das (ANNs, artificial neural network), ou seja, de formalização de um novo patamar de elementos randomizados em sistemas e instâncias entremeados às próprias estruturas *naturais* de linguagem.

3.2 O arquivo crivado de nossa época

Se não fosse o acesso gratuito, público, instantâneo e *on-line* dos textos clássicos e atuais – no original ou em qualquer tradução –, também as vídeo-aulas de professores e pesquisadores ao redor do mundo, do registro aberto de conferências, acesso às teses, revistas e periódicos, etc., teríamos diante de nós uma realidade (acadêmica ou não) radicalmente oposta à atual. Por exemplo, o percurso de formação (em qualquer área e nível) da virada do século até o presente, invariavelmente condiciona o estudante/pesquisador a filiar-se a estes recursos, e, não obstante, são tais recursos que começam a direcionar o desenvolvimento curricular, as pautas de congressos, as publicações e traduções. “A ciência só pode consistir, em seu próprio movimento, em uma transformação de técnicas de arquivamento, de impressão, de inscrição, de reprodução, de formalização, de codificação e de tradução de marcas” (Derrida, 2001, p. 36).

Hoje, estes “arquivos” – que compõem quase *todos* os campos do conhecimento – aproximaram-se de entusiastas, técnicos e especialistas devido a uma recente tecnologia de *transmissão e comunicação*. “No passado a psicanálise não teria sido o que foi se o e-mail, por exemplo, tivesse existido. E no futuro não será mais o mesmo que Freud e tantos

psicanalistas anteciparam, desde que o e-mail, por exemplo, se tornou possível”⁴⁴ (Derrida, 1994, p. 8).

Aqui, o autor parece-nos sugerir que há algo na “qualidade” do suporte/memória (cadernos, cartas, fichários, correios eletrônicos) que obriga-nos a pensar o conteúdo armazenado como “manifesto” ao tipo tecnológico de arquivamento. Meditemos na seguinte passagem de Freud de 1892: “atormenta-me o problema de saber como seria possível representar de maneira plana, bidimensional, algo tão corporal quanto nossa teoria da histeria” (Carta a Breuer, 29/06/1892).

Na realidade, utilizar como exemplo o e-mail é uma redução apenas didática. Jacques Derrida elaborou tal comentário no final da década de 1990, contudo, antevendo que as profundas mudanças estariam diretamente relacionadas com a captação e compartilhamento destes novos *arquivos digitais*. Como de fato ocorreu, estes desenvolveram-se intensamente ao ponto de, nos dias atuais, possuírem uma estrutura cibernética universal dotada de uma memória baseada no *movimento de informação* ao redor de um *circuito a-espacial* denominado de *perceptron*.

O tema “arquivístico” realmente passou a ocupar muito as ciências sociais, a filosofia e economia políticas, uma vez que a experiência revolucionária dos meios de comunicação está transformando o espaço público e privado, remodelando a distância e relações da representatividade política, transformou parte considerável das relações econômicas; capitalismo financeiro investiu na *globalização digital* e nas operações comerciais deste novo nicho, propriedade estratégica comunicacional, cultural, sexual, profissional, médica, etc. Transformações jurídicas também ocorrem, um exemplo é a esfera do direito de propriedade e do direito autoral, ou seja, àqueles que traçam as normas de publicação e reprodução de qualquer *conteúdo-arquivo* que, se antes possuía um autor, um responsável, uma instituição (estava dentro de um livro propriedade de tal biblioteca), agora, pode ser manuseado, impresso, modificado, fotografado, editado, repassado por qualquer pessoa apenas tendo acesso a um dispositivo conectado à internet.

⁴⁴ Este texto é foi extraído de uma conferência proferida no dia 5 de junho de 1994, em Londres, por ocasião de um colóquio internacional intitulado: Memória: a questão dos arquivos. Organizado por iniciativa de René Major e de Elizabeth Roudinesco. O título inicial da conferência de Derrida, O conceito de arquivo: Uma impressão freudiana, foi modificado e publicado posteriormente como Mal de Arquivo – Uma impressão freudiana, 2004.

Não haveria revolução dos meios de comunicação e tecnologias sem o respaldo e a confiabilidade no *arquivo digital* cujos limites de armazenamento e interação não possuem mais barreiras. No momento, a especialização possibilita os sistemas integrativos complexos que “trafegam” a informação, não depender de programações; logo, são capazes de estabelecer *relações* ininterruptas pela *qualidade metamórfica*, ou seja, ir atualizando-se frente a um *banco de dados* vivo e infinito.

Este cenário que até então era de ficção científica, ou seja, de um aparelhamento material e estrutural de processos dinâmicos *exteriores* – dotados de autonomia – e que não mais está circunscrito à manipulação de uma classe, nicho, cultura, império, linguagem, ou seja, orientado à racionalização, à alienação, à repetição, à punição. Seja para qual causalidade apontarmos, o que nos parece certo é que o atual aparato tecnológico estreitou a conciliação entre um espaço artificial que se compõe de signos e gramáticas de relações capazes de, universalmente ou regionalmente, reproduzir simulacros de relações pessoais, econômicas, sociais, afetivas, profissionais e intelectuais. O nome, historicamente designado para a compreensão destas relações foi *estruturalismo*.

Contudo, se o investimento às pesquisas estruturalistas utilizavam conteúdos visuais, diagramáveis, dos costumes, dos mitos, dos ritos, etc., como avaliar este novo tipo de produção estrutural cibernética uma vez outorgada por algarismos apenas numéricos? A resposta passa por algo que ocorre entre a substituição da noção de *conceito* pelo *programa*, e deste pela IA (Inteligência Artificial).

Novamente *o fim da história* é possível de ser aguardado com boas expectativas. Desde sempre, reflete Derrida, designou-se uma confiança no poder deste dispositivo do *arquivo*, visto fazer “par” com a *justiça*, com a *identidade social*, com a *virtude*, com a *distinção*. Ouve-se muito sobre esta *falta* que o Brasil ostenta em sua história decente, muitos, inclusive progressistas, afirmam isto. Como se houvesse confiança excessiva nonexo causal entre a realidade e o poder axiomático de manipulação dos seus dados históricos. No cerne destes “pares” está instalada a possibilidade do eterno retorno ou da garantia da ordem. O autor diz: “constituição de uma instância e de um lugar de autoridade (o arconte, o *arkheion*, isto é, frequentemente o Estado)”. O *arché* revela seu sentido “*físico, histórico ou ontológico*;

isto é ao originário” (Derrida, 2001, p. 8, grifo do autor). A tecnologia de domínio estende-se igualmente ao sentido entre *arkhé* e uma “função de comando” (Derrida, 2001, p. 12).

Se tudo está arquivado, se tudo é vigiado, anotado, julgado, a história como criação não é mais possível: é então substituída pelo arquivo transformado em saber absoluto, espelho de si. Mas se nada está arquivado, se tudo está apagado ou destruído, a história tende para a fantasia ou o delírio, para a soberania delirante do eu, ou seja, para um arquivo reinventado que funciona como dogma (Roudinesco, 2001, p. 5)⁴⁵.

Se, historicamente, vemos o Estado, os aparelhos culturais (museus), as universidades e bibliotecas, os monumentos, etc., como figuras seminais de domínio deste lugar de poder do arquivo/conteúdo, ou seja, lugar onde se legitima e valida a ação institucional, passando também pela organicidade política; tal configuração respeita uma linha histórica específica desde as polis: “um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam” (Derrida, 2001, p. 16).

Derrida se exprime em “poder arcôntico” do arquivo, ou “poder de mandamento” pois espaço estável de acúmulo de poder e local de *interpretação* digna apenas daqueles que podem manusear a lei, o saber, os recursos, a cultura. Não obstante, o conteúdo do arquivo deve ser guardado e classificado senão em virtude de uma topologia privilegiada. Ou seja, “local por excelência onde a lei e a singularidade se cruzam no privilégio” (Derrida, 2001, p. 14).

Há muita destreza na análise do filósofo e rapidamente precisa recorrer à psicanálise freudiana para ajudá-lo considerar, dialeticamente, o *lugar da falta originária e estrutural* do arquivo ou, do que chamo de *devir memória do ausente*. A atitude que ele toma é estruturar para si um negativo; que é o lugar da *falta originária e estrutural da própria memória*.

Reencontramos novamente a lógica de conflitos: por um lado, a *questão da memória* e da conservação (aquilo que *dura*); por outro, o problema da leitura e, conseqüentemente, o da *interpretação* (aquilo que *passa*). E por que tais elaborações são decisivas? Num primeiro plano, envolvem a própria exposição teórica que abarca seu objeto e, em particular, o que está

⁴⁵ Prefácio: Mal de Arquivo: Uma impressão freudiana.

investido nos modelos de representação e interpretação instrumental do psíquico. Aparelho de registro e distribuição, codificação e recalque, deslocamento e condensação de traços de arquivos procurados no movimento de informação/percepção. Não há uma teoria psicanalítica sem uma posição clara sobre a teoria da memória que defende. Há uma lógica de reconhecimento produzindo-se entre o indivíduo e sua relação à lei (simbólica, apriorística, transcendental) e ela precisa ser resgatada em cada detalhe. Continua o filósofo:

O arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado (...) Não, a estrutura técnica do arquivo arquivante determina também a estrutura do conteúdo arquivável em seu próprio surgimento e sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento (Derrida, 2001, p. 22).

Apesar da diferença das *instâncias*, a escritura psíquica em geral não é o deslocamento das significações na limpidez de um espaço imóvel, previamente dado, suportando a branca neutralidade de um discurso. A memória enquanto conteúdo (texto) e sistema (máquina) fez Freud oferecer-nos a sua “máquina-texto” – com vistas a representá-la exteriormente. O objeto selecionado foi o bloco mágico (*der Wunderblock*), mecanismo quase pré-histórico de inscrição numa superfície que pode ser continuamente traçada e apagada. É através de uma incisão com um instrumento pontiagudo (mas não afiado) – que pressionando a superfície, a linha-traço se faz visível.

Temos aí a metáfora do “*abrir caminhos entre os neurônios*”, neste contato íntimo em que ocorre o “*dever-visível do escrito*” (Gueller, 2005, p. 191). Entre o pedaço de cera, base posterior do bloco e a caneta, interpõem-se à folha de celuloide, “a parte mais interessante do aparelhinho”, diz Freud. Sem ela, o papel de cera fina se rasgaria, assim, a folha é, portanto, um véu protetor. Se por fim, retiramo-la junto ao papel de cera, o traço se apaga, a superfície é de nova receptora. Contudo, “o traço se conserva na tabuinha de cera e *permanece legível com uma iluminação adequada*” (Freud, 1996 [1925], p. 246).

Derrida, na avaliação cuidadosa que fez desta proposta freudiana, alude a existência do *traço* desde que ofertado entre o *espaço* da escritura e o *tempo* de sua inscrição. Dirá que “o

tempo do pedaço de cera não é exterior a ele, o *tempo da escritura* descreve a própria estrutura do aparelho” (Derrida, 1995, p. 305).

A temporalidade como espaçamento não será simplesmente a descontinuidade horizontal na cadeia de signos, mas a escritura como interrupção e restabelecimento do contato entre as diferentes profundidades das capas psíquicas, do tecido temporal tão heterogêneo do próprio aparelho psíquico (...) Não encontramos aí nem a continuidade de uma linha, nem a homogeneidade do volume; mas a duração e profundidade diferenciadas de uma cena, o seu espaçamento (Derrida, 1995, pp. 319-320).

O inconsciente respeita o disforme da escritura, e torna o movimento psíquico algo não-progressivo e não-linear. Isto permite que investimentos centrais da teoria freudiana, como a *Erinnerung* (rememoração), a *simbolização*, a *verbalização*, retratassem, pelos *pensamentos inconscientes*, uma qualidade espaço-temporal do *traço* (mnêmico, neuronal, inconsciente). Essa é uma possível lição apreendida com Freud, um traço teórico tanto descreve o aparelho psíquico quanto o ativa dinamicamente.

Derrida tem um entendimento dinâmico de *traço*, ele é tanto *movimento* como *substância*, tanto *propensão* em direção a um futuro como *retenção* de um passado. Derrida insiste repetidas vezes que o traço é “*nada*, ele *não é*, propriamente falando, uma entidade ou uma substância” (Derrida, citado por Johnson, 2001, p. 37). Logo, ele é uma oportunidade dialetizante. A palavra francesa *trace* e seu anagrama reverso, *écart* (distância, diferença, divergência, intervalo, espaço, espaçamento). O *traço* é simultâneo e inseparável da inscrição em intervalo, da diferença e do resto. É a matriz do código binário [0,1] da “computação clássica”. Ele nem é empírico nem ideal. Poder-se-ia dizer que está *sempre-já* diferindo de si mesmo, não há traço (substancial) original.

O traço (puro) é diferença. Ele não depende de alguma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. Ele é, pelo contrário, a condição dessa plenitude. Embora ele não exista, embora ele nunca seja um ser-presente fora de toda plenitude, sua possibilidade é de direito anterior a tudo o que chamamos signo (significado/significante, conteúdo/expressão etc.), conceito ou operação, motor ou sensório (Birman, 2007, p.18).

Iremos, brevemente, reposicionar uma etapa da construção da arquitetura psíquica freudiana através do modelo do “pente”, elaborado por volta de 1897. Basicamente trata-se de um modelo capaz de processar as relações lógicas de reconhecimento disponíveis, e servir-se de um sistema para a tramitação dos traços nas instâncias intrapsíquicas.

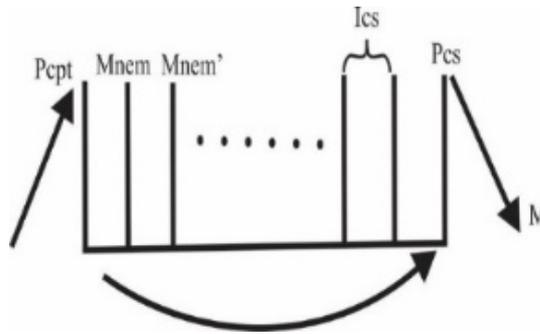


Figura 1. “Esquema do pente”⁴⁶
 Fonte: Freud

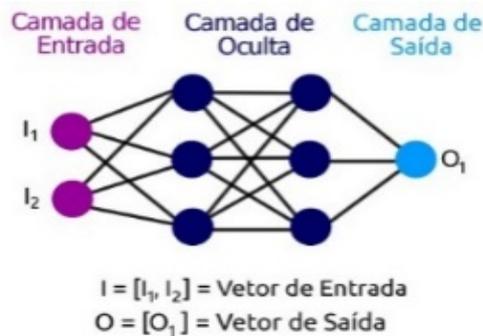


Figura 2. Rede neural artificial⁴⁷
 Fonte: Gruber, M. (2018)

Podemos, ludicamente, transpor a arquitetura da figura 2, um diagrama simplificado de uma (ANN), de uma tecnologia que se denomina *Brain reinforcement learning*, este

⁴⁶ Freud, 1996 [1900], p. 569.

⁴⁷ Esquema simplificado da tecnologia MCTS (Monte-Carlo Tree Search). Recuperado de https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_neural_artificial

“tipologia” de rede é chamada de *Plan Vanilla*⁴⁸. Outra rede neural, agora dentro da metapsicologia freudiana, figura 1, propõe que, na camada de entrada, haveria possibilidade do aparelho receber o objeto com vista a internalizá-lo em consonância com uma específica direção, de P (perceptiva), à M (motora). Entretanto, todas as relações ocorridas na camada oculta de Freud, ou *hidden layers* da tecnociência, mostram uma reação sistêmica, produzida por associações desligamentos; logo, a direção nestas instâncias, são imprevistas, ou melhor, semi-aleatórias.

Este processo flexionaria o objeto em *traços mnêmicos* pluricausais (Mnem¹, Mnem², etc.). Não são sensíveis nem figurativos. Logo, são ordenados por camadas de neurônios que orientam a “qualidade” e a “energia” na produção de sinapses. Ao atravessarem o plano do aparelho psíquico, tais traços incidem sobre elementos afetivos e plásticos, compondo parte de nossa memória, posicionada na *camada de saída*.

Em ciência da computação e campos relacionados, redes neurais artificiais (ANNs) são modelos computacionais inspirados pelo sistema nervoso central de um animal (em particular o cérebro) [BNNs, redes neurais biológicas] que são capazes de realizar o aprendizado de máquina bem como o reconhecimento de padrões. Redes neurais artificiais são apresentadas como sistemas de “neurônios” interconectados⁴⁹.

O Vetor de Saída O¹, correspondente da *memória* no psiquismo de Freud, não se reporta à causalidade de I¹ e I², vetor de entrada, (percepção). Os objetos internalizados pela percepção não decorrerem de uma *mediação* de traços que preservariam a integridade de sua forma, mas apenas fissuras, ou *écarts*.

Um exame mais detido nos indicará a necessidade de supormos a existência de não um, mas de diversos elementos *Mnem.*, nos quais uma única excitação, transmitida pelos *Pcpt.*, deixa fixada uma variedade de registros diferentes. O primeiro desses sistemas *Mnem* conterà, naturalmente, o registro da associação por simultaneidade temporal, ao passo que o mesmo material perceptivo será disposto nos sistemas posteriores em função de outros tipos de coincidência, de

⁴⁸ Cf. Nielsen, M. (2019). *Neural Network and Deep Learning*. Texto disponível parcialmente em: <http://neuralnetworksanddeeplearning.com/index.html>.

⁴⁹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_neural_artificial.

maneira que um desses sistemas posteriores, por exemplo, registrará relações de similaridade, e assim por diante, no que concerne aos outros. Naturalmente, seria perda de tempo tentar pôr em palavras a importância psíquica de um desses sistemas. Seu caráter residiria nos pormenores íntimos das suas relações com os diferentes elementos do material bruto da memória, isto é – se pudermos apontar para uma teoria de tipo mais radical –, nos graus de resistência de condução erguida contra a passagem da excitação proveniente desses elementos (Freud, 1996 [1900], pp. 569-570).

O primeiro destes sistemas fixará a associação por simultaneidade; nos sistemas mais afastados, esta mesma matéria de excitação vai ser ordenada “segundo modos diferentes de encontro, de maneira que, por exemplo, estes sistemas posteriores representem relações de semelhança, ou outras” (Valabrega, *in* Lacan. S.II 1985 [1954-55], p. 177).⁵⁰ Existem distâncias “não-cumpridas” de objetos que internalizamos e que ainda não tramitaram, estão retidos em algumas das grades e, para resolvê-los, necessito adentrar a relação causal entre minha organização mental (semi-aleatória) e a natureza deste objeto que – além de suportar sua frágil origem – talvez não reúna provisão suficiente que delinieie outras capacidades associativas. A *origem* é reinaugurada a cada vez. Um objeto internalizado sob a orientação de um vetor entre *campos de sentido* e padrões de linguagem formam partículas em busca de conectividade sob uma superfície de combinatórias.

Segundo Petry (2017) na conceituação freudiana do “esquema do pente” interpõe entre as instâncias verticais [*Mnem, Mnem'!*...] a opção, feita por Freud, ao recurso de uma “figura topológica moebiana”⁵¹. Aqui, seria possível uma dobra entre a camada de entrada *P* com a camada de saída *M*. A reprodução gráfica destes sistemas permitiu a inúmeros autores esporem seus teoremas conciliando o cálculo algébrico simultâneo ao da plasticidade geométrica, ou topológica. Nossa hipótese assume que estas tecnologias apresentam a determinação rigorosa ou a possibilidade de formalização definitiva da consistência de

⁵⁰ Comentário de Valabrega na aula intitulada Os embaraços da regressão de 02 de março de 1955.

⁵¹ Conferência proferida pelo Prof. Dr. Luís Carlos Petry, no Corpo Freudiano de São Paulo, em 07 de junho de 2018 sobre conceitos fundamentais para o entendimento da topologia no Seminário 9, A identificação (1961-1962), de Jacques Lacan. Segundo Petry, “Freud tinha em sua mente uma estrutura topológica do tipo WM: $\uparrow\downarrow$: WW”. O pesquisado reproduz em animação 3D o traçado desta lógica de inversão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1KGdVXT2g-k&t=4722s>.

metapsicologias incrustadas na dialética. “A *percepção* como receptáculo do objeto e transmutação em traços não é dada como um fluxo linear (realidade objetiva externa → percepção → representação) mas sim como fruto dialético do acoplamento estrutural entre a organização autopoietica dos seres vivos e o meio em que vivem” (Maturana e Varela, 1996, p. 134)⁵².

3.2.1 O dispositivo das *machines learning* no arranjo dos arquivos: notas biográficas da rede neural *Leela Chess zero (Lc0)*

Em maio de 2019, dois universos aparentemente distantes, a comunidade enxadrista e a classe de programadores computacionais, assistiram a um evento que, para muitos, demarcou uma nova era para ambos os lados envolvidos. Admitimos, contudo, que tal evento marcará também outras futuras realizações inimagináveis (fora do tabuleiro de xadrez), e que revolucionará, novamente, a própria ciência da Natureza. Na intitulada *Super-final do XV Top Chess Engine Championship*, campeonato de xadrez jogado apenas por *engines* (softwares de alta performance), pela primeira vez na história tivemos a disputa (pelo título) através de dois padrões radicalmente opostos de programação, logo, de codificação, “matematização”, arquivamento e processamento.

De um lado, estava a *engine Stock Fish*, representante da “escola convencional-clássica” Dado um tabuleiro que possui uma extensão espacial sobre o qual movimentam-se peças designadas com diferentes valores e regras de movimentos. O programa avalia uma posição, ou seja, não faz nada além de observar todos os fatores de uma posição, atribuir a eles o valor apropriado (determinado pelo homem) em unidades de penhor e, em seguida, soma todos os valores para achar o melhor movimento. Assim, “o programa é capaz de processar jogadas consecutivas tendo pouca margem para erros”⁵³. Esta codificação conseguiu superar o nível do melhor jogador humano em 1997. O importante de destacar é que esta *engine* constrói possibilidades “transcritivas” de lances – uma vez que busca em seu *arquivo*, condições semelhantes àquela composição tática. Neste arquivo residem *todos* os grandes jogos da *história* do xadrez, que já passam de milhões de partidas. Mesmo havendo

⁵² Maturana, H., Varela, F. (1996). *El Arbol del Conocimiento*. Madrid: Editorial Debate, especialmente pp. 134-150.

⁵³ Portal chess24. *A new age in computer chess? Leela0 beats Stock Fish*. [Tradução do autor], disponível em <https://chess24.com/en/read/news/a-new-age-in-computer-chess-leela-beats-stockfish>.

em cada jogo sessões teóricas específicas – que produzem variantes infinitas – o “motor” *engine* é um processador voltado a este montante arquivado, identificando e reproduzindo, como solução-comando, àquilo que tem em sua capacidade de memória e entrecruzamento de informação.

A adversária do *Stock Fish* foi a “autodidata” *Leela chess zero* (Lc0). Ao contrário do *engine* clássico, um *software* fechado, a *RNA Lc0* não possui um código “pré-orientado”, ela não é objeto que responderá à programação de humanos, seu código ficou aberto enquanto ela esteve “atuando”; primeiro “aprendendo”, e em seguida, conquistando vitórias decisivas⁵⁴. Suas etapas de “autoaprendizagem” ocuparam o espaço da cibernética que tecnicamente possui inúmeras orientações “clássicas”, poderíamos concebê-la como um híbrido entre duas tecnologias distintas. Uma *Artificial neural network* (ANN) abdica da necessidade de responder as exigências de quem “suporta” o arquivo como *política* do jogo. Seu aprendizado rápido diz respeito a construção de valores sob a *experiência* nos milhões de derrotas que acumulou. Assim, ela inicia sua vida com a mesma força de um jogador principiante. Contém em seu código apenas as regras do jogo. E então, conforme vai sendo derrotada, passa a encontrar a disposição dos lances vencedores. Veremos em mais detalhes como isto é organizado.

Lc0 escolhe movimentos com base em um sistema *semi-aleatório* que lhe fornece fórmulas/funções que funcionarão visando lances a médio e longo prazo. Há um *know how* adquirido pela capacidade de antever as posições, ou seja, ela avalia sua posição e a probabilidade com a qual acredita que pode vencer a atual posição. Há um teor estratégico aqui, não humanamente desenvolvido⁵⁵. Ao contrário de um jogo estratégico dos softwares

⁵⁴ Utilizando o jogo como fator exemplificativo, percebemos que não apenas de uma variável a teoria se ocupa um *engine*, mas de muitas variáveis independentes, formando um complexo de variáveis, cujas mútuas relações também devem ser tomadas em consideração. Um programa que trabalharia construindo uma “equação diferencial”, ou seja, uma equação onde aparece uma variável independente x ; outra variável y que dela depende e que, portanto, é a sua função ainda desconhecida; e ainda uma série de derivadas da função y , cujas relações devem ser estabelecidas, a fim de que se determine o valor de y . Observada uma configuração das peças durante uma partida de xadrez, o programa soluciona aquele “problema” justamente buscando no banco de dados (através do conhecimento que já se possui daquelas configurações) ou seja, das estruturas derivadas daquela posição específica, e nesta inter-relação, definirá uma nova função que declinará o próximo lance.

convencionais, a (ANN) prefere *um jogo posicional*, em alguns momentos ininteligíveis aos humanos, contudo, diferente dos softwares tradicionais, há movimentos tipicamente humanos. Talvez nisto implique seu diferencial, uma visão de desenvolvimento (no tempo e no espaço) que manejará o presente já posicionado em direção ao futuro.

Este sistema que construiu a jogadora Lc0, denomina-se *Brain reinforcement learning*⁵⁶, e conseguiu superar *toda a literatura* sobre o jogo, superando o *arquivo em conteúdo*, em *saber*, em *ação*, em *técnica*. Ao vencer os *softwares* mais avançados que a pesquisa e o investimento da área de tecnologia conseguiram criar, um dispositivo como este ratifica a desobstrução da memória como receptáculo estático e transcritivo; e uma vez que não há memória, utopicamente, a história tenderia “para o delírio”, para a imaginação e a sublevação à liberdade. Flexionando para as atuais circunstâncias mercadológicas, para seu estado dissipativo e produtivo, a inspiração parece-nos outra.

Desde a inscrição genética e as curtas cadeias programáticas regulando o comportamento da ameba ou do anelídeo até a passagem para além da escritura alfabética às ordens do logos e de certo homo sapiens, poder-se-ia falar de uma liberação da memória, de uma exteriorização sempre já iniciada, mas sempre maior do que o traço, que, partindo dos programas elementares do chamado comportamento instintivo até a constituição de fichários eletrônicos e máquinas de leitura, amplia a diferença e a possibilidade de armazenamento de reserva: ela constitui e apaga ao mesmo tempo, no mesmo movimento, a subjetividade dita consciente, seu logos e seus atributos teológicos (Jonhson, 2001, p, 30).

Os especialistas atribuem a *Lc0* um *estilo* de jogo agressivo e definidor, interessada no sacrifício de peças para melhorar a posição de outras.⁵⁷ Hoje, os profissionais de xadrez estudam os jogos de (ANNs) e começam a reatualizar suas próprias preparações técnicas, refazendo estratégias e teorias, tentando reproduzir aos caminhos que o dispositivo tecnológico “positivou” para vencer. A partir daí, passou-se a encontrar cada vez mais combinações inéditas, posições que avançaram em muitos lances o limite de cálculo já

⁵⁶ Portal chess24. A new age in computer chess? Leela0 beats Stock Fish. [Tradução do autor]. Disponível em: <https://chess24.com/en/read/news/a-new-age-in-computer-chess-leela-beats-stockfish>

⁵⁷ Cf. Marcus, G. (2018) *Innateness, AlphaZero, and Artificial Intelligence*. (2018). Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1801.05667>.

antevisto pelo homem e pela “velha” máquina. Magnus Calsen, campeão mundial de xadrez, disse:

Olhando para os jogos de computador, fica claro que ainda temos um longo caminho a percorrer quando pensamos em compensação a longo prazo e coisas assim, porque simplesmente julgamos mal as posições e tiramos nossas conclusões muito cedo. Não está claro exatamente como você pode melhorar essas coisas, mas é muito, muito claro ver que ainda arranhamos a superfície do que é possível fazer no xadrez, porque somos humanos e cometemos erros⁵⁸.

3.3 Cibernética, metapsicologia e psicanálise, um vislumbre

A interação entre os sonhos, os signos, os símbolos e as redes de cálculos de certos sistemas – já buscava, em 1900, na *Die Traumdeutung* – a suposta engenharia da mente enquanto estrutura destas relações mesmas. Um modelo inicial da integração da combinatória e dos conjuntos, com associações modais de linguagem entre fluxo de energia e o suporte de uma rede neural, ativa, mas, principalmente errante, digna de um arquivo crivado e cenas na tela da consciência sem conectivos, cenas semi-aleatórias. Cadeias de combinações possíveis deveriam operar *matematicamente* as redes neuronais do cérebro e da mente. E após décadas, Freud se convence de que “o espaço pode ser a projeção da extensão do aparelho psíquico. Nenhuma outra derivação é provável. [...]. A psique é estendida; nada se sabe a respeito” (Freud, 1996 [1938], vol. XXIII, p. 336).

Ele [Freud] se dá conta de que o cérebro é uma máquina de sonhar. E é na máquina de sonhar que ele reencontra o que já estava lá, desde sempre, e que a gente não se tinha dado conta, ou seja, de que é no nível do mais orgânico e do mais simples, do mais imediato e do menos manejável, no nível do mais inconsciente, que o sentido e a fala se revelam e se desenvolvem por inteiro. (...). Ele descobre o funcionamento do símbolo como tal, a manifestação do símbolo em estado dialético, em estado semântico, nos seus deslocamentos (Lacan, S.II, 1985 [1954-55], p. 101).

⁵⁸ Portal chess24. A new age in computer chess? Leela beats Stock Fish. [Tradução do autor]. Disponível em: <https://chess24.com/en/read/news/a-new-age-in-computer-chess-leela-beats-stockfish>.

Foi com uma aspiração próxima a esta que neurocientistas e engenheiros se uniram na década de 1930 para os primeiros modelos em IA. O programa era justamente conjugar energia e processamento de linguagem ao redor de um sistema em rede, previamente orientado para específicas funções. Que, por algum motivo técnico, a linguagem adequada foi primeiramente, a imagética. Menos de cem anos depois: “It is ironic that artificial (ANNs) [redes neurais artificiais] can help to better understand biological NNs (BNNs) [redes neurais biológicas]” (Schmidhuber, 2004)⁵⁹. Os inúmeros termos que aqui serão rapidamente mencionados, *novos conceitos* trazidos pela tecnociência (antes cibernética), ainda sugerem uma aproximação mais rigorosa ao estatuto dialético encontrado nas metapsicologias. No fundo, o que se segue é um argumento para pesquisas porvir.

Somos, pois, projetados de entrada no caminho da linguagem, da combinatória possível da máquina. Sabe-se que se pode esperar da máquina uma série de ligações, jogando com excessiva rapidez graças a estes sensacionais retransmissores que são as fases eletrônicas e, pelas últimas notícias, graças a esses transmissores com os quais nos azucrinam os jornais (...) que, no entanto, não põe em causa a qualidade destes objetos (Lacan, S.II, 1985 [1954-55], p. 229).

Investigar o inconsciente, por muitas décadas, foi apontar padrões em meio a um certo caos. Tornar a aleatoriedade do diálogo interior e exterior como suscetíveis a parâmetros tanto reflexivos em si, como dedutíveis à ciência que lhe orienta: foi um tema psicanalítico por excelência. “O que será o acaso do inconsciente, que o homem tem, de certa forma, atrás de si?” Esta pergunta de Lacan tem reflexo ao novo *know how* da máquina em nossa época. Isto requer uma especialidade: “uma economia de informação através de condutores, à maneira de reduzir a seus elementos essenciais o modo pelo qual uma mensagem é transmitida” (Lacan, S.II, 1985 [1955], p 369).

Na tecnologia de IA de nossos dias, estes condutores são minicircuitos que recebem e transmitem associações numéricas nas diferentes camadas da rede, ou nas *multilayer perceptrons*. Entre as instâncias, ou “camadas ocultas”, um suporte ao cálculo de números inteiros e fracionados tramita em diferentes grades e funções por neurônios artificiais. A partir

⁵⁹ Schmidhuber, J. *Deep Learning in Neural Networks: An Overview*. The Swiss AI Lab IDSIA Instituto Dalle Molle di Studi sull'Intelligenza Artificiale University of Lugano. “É irônico que atualmente RNAs ajudem a entender os fenômenos cerebrais”. Transcrição inédita, tradução própria.

da ativação (*activation*) dos neurônios, as “*hidden layers*” constroem métodos de aprendizagem profundos.

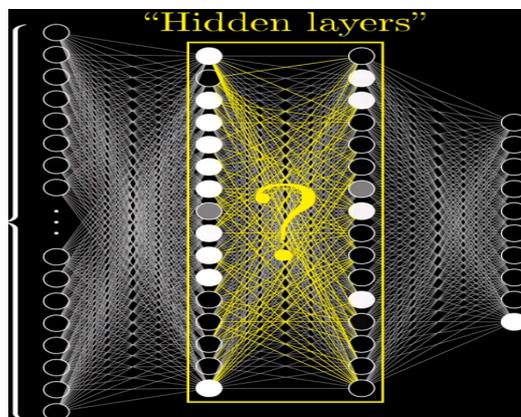


Figura 3. *Multilayer Perceptron. Plain Vanilla*
*What is backpropagation really doing?*⁶⁰
Fonte: <https://www.3blue1brown.com/>

A ciência dos números e da psique buscou na ciência combinatória o arranjo espacial ocupado por representações mentais instrumentalizadas por ensejos de autonomia. Tanto os dados da consciência quanto o trâmite da informação codificada da ANN possuem em si um imenso número de lacunas. Há processos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros, não obstante, a tecnociência começa a fornecer provas empíricas e instrumentos de racionalização do arranjo destas camadas ocultas. O elo de teorias psicanalíticas com a cibernética contemporânea pode caminhar pelo entendimento de “uma matemática baseada ela própria no cálculo, na medida em que o cálculo não é uma dedução; e na letra, na medida em que a letra não é um signo” (Milner, 1996, p. 109-110).

Nos é dada a possibilidade de encarnar no real este 0 e este 1, notação da presença e da ausência, de encarná-lo num ritmo, uma escansão fundamental, algo passou para o real, e ficamos perguntando-nos – talvez não por muito tempo, mas enfim, espíritos que não são de jogar fora o fazer – se não temos uma máquina que pensa. E a busca da lei entre presença e ausência vai tender a esta instauração da ordem binária que vai dar no que chamamos cibernética (Lacan, S.II,1985 [1954-55], pp. 374-379).

⁶⁰ What's actually happening to a neural network as it learns? Cf. Nielsen, M. (2019). *Neural Networks and Deep Learning*.

Há uma designação oriunda da neurociência biológica de que o neurônio é um receptor/emissor de informação e energia. Trabalha, inclusive, modalizando reações de acordo com a sua terminação nervosa. É exatamente isto que fazem os neurônios artificiais abertos (círculos brancos), semi-abertos (escala de cinza) e fechados (círculos negros). Eles *dimensionam* o trâmite dos traços. E aqui reside algo importante para a compreensão do mecanismo. A forma como uma rede funciona está na diferenciação entre ativações e resistências, que atualizam a “filtragem neuronal” antevendo o cálculo de tensores e algumas variantes.

Hoje em dia são inúmeros os formatos de redes trabalhando sob o aprendizado de máquina. Duas iniciativas se destacam e creio que isto tem a ver com a tipologia de (ANN) utilizada nos respectivos campos: a medicina (através de imagens avançadas do corpo humano), e a condução de veículos autônomos (através da visualização do espaço viário).

Desde 1962, com a descoberta do *perceptron*⁶¹, ou células fotossensíveis capazes de transmitir os elementos essenciais da informação, duas possibilidades de reconhecimento de máquina surgiram: reconhecimentos visuais/imagéticos e reconhecimento textuais/discursivos. Enquanto a percepção visual avançou, o “diagnóstico” textual ficou em espera. Tal cenário começa a mudar progressivamente (de 2006 a 2017), em que além da capacitação de leitura imagética, estes sistemas passam a ler com destreza *a literatura humana na terra*. Por isso, tanto a medicina quanto a pesquisa de veículos autônomos encontraram resultados promissores após alvo de grande investimento da tecnologia *deep learning*⁶².

⁶² Uma das personalidades mais enfática desta aproximação é *Sherry Turkle*, professora de Sociologia no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e fundadora e diretora do *Institute of Technology and Self*. Nos seus trabalhos, Turkle salienta que modelos computacionais como os de Minsky (1987) evocam a teoria da relação de objeto de Fairbairn e agentes que remetem para as instâncias psíquicas freudianas (Turkle, S., 1988), acabando, contudo, por falar em «recalcamento cognitivo» e «inconsciente cognitivo» — indo, por isso, ao encontro da relação de extrema proximidade entre a ciência cognitiva e os desenvolvimentos da inteligência artificial (Forbus, K. D., 2010).

Em uma das “estacas” de neurônios verticalmente transcritos dentro da camada oculta da (ANN) há uma tramitação destas “micropartículas da figura” como traços abstratos, sem identidade, são informes pedaços de letra, a curva no limite de um algarismo, disforme. Eles não se relacionam com o objeto (imagem) em si; não são mentalista-representativos. Aqui, a indução da máquina é arranjar estes traços em uma fórmula, fazer suas possíveis combinações, retransmitir aos neurônios, atualizar os encontros em busca da nitidez e do encaixe daquele elemento alvo de aprendizado. Entre o limite da figura e o vazio, há uma borda.

Simultaneamente a estes neurônios que processam elementos mínimos da matéria visual, há neurônios que observam apenas constructos padronizados (no caso, formas geométricas poligonais) e estão em outra perspectiva em relação às bordas; entretanto, também seguem o mesmo processo, investem sobre suas próprias ativações seletivas. Portanto, há neurônios que só captam/reconhecem padrões e neurônios que só acessam o *abstrato do traço* pelas bordas (*edges*). O conjunto de bordas é capaz de criar um “*loop*”.⁶³

A porta, por sua natureza, pertence à ordem simbólica, e ela abre para algo, não sabemos muito bem se é para o real ou para o imaginário, mas é para um dos dois. Há uma dissimetria entre a abertura e o fechamento – se a abertura da porta regula o acesso, cerrada, ela fecha o circuito (...), circuitos que se abrem ou se fecham, que interrompem ou se restabelecem, em função da existência de portas cibernetizadas (Lacan, S.II, 1985 [1955-54], p. 377).

A transição do neurônio natural ao artificial mediante a mesma capacidade valorativa e comunicativa entre cada elemento dentro de um sistema vivo neural deixa-nos com pouca margem de oposição entre seus elementos mínimos. São apenas dois referenciais sobrepostos, pois a síntese opositiva entre elementos permanece em espaço subatômicos e estratosférico.

Os neurônios artificiais são “disparados” pela capacidade de fornecer soluções provisórias de uma função numérica derivada. É através de (ajustes) nos (valores) do objeto *sendo* internalizado que se dá o aprendizado da máquina. “Uma ativação é definida como uma

⁶³ Esta é uma transcrição e tradução do trabalho de Chris Olah. Disponibilizado no site: <https://colah.github.io/>

certa soma ponderada de todas as ativações da camada anterior, além de um ajuste”⁶⁴. As operações humanas contribuem com a orientação da *activation* neuronal de uma (ANN) pelas projeções de *biases*, “um termo constante que não depende de qualquer valor de entrada”⁶⁵. Eles são “cálculos de informação genéricos” (como as regras no jogo de xadrez) que trafegam sempre as reações/transformações elementares. A partir daí, será a própria rede que designará suas mudanças de estrutura e estratégia, alterando as ativações da camada anterior ou posterior, aprimorando seu próprio código fonte, ou seja, as funções derivadas entre *biases* e *weights*.

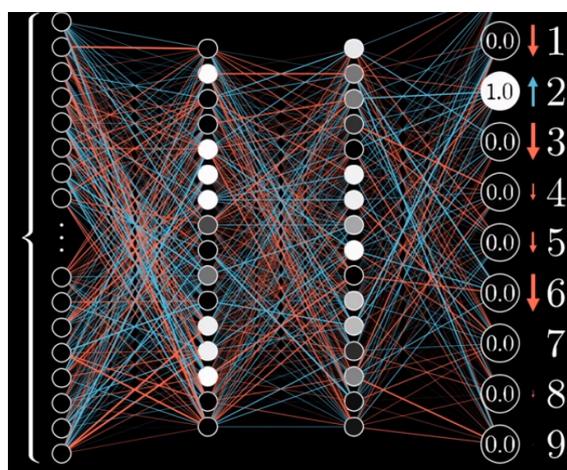


Figura 4. *Multilayer Perceptron. Plain Vanilla*
*What is backpropagation really doing?*⁶⁶

Fonte: <https://www.3blue1brown.com/>

Na ativação desta rede podemos atribuir as diferentes colorações às sinapses entre neurônios: azul são as *biases*, e vermelho os *weights*. Pelo *Teorema de Aproximação Universal*⁶⁷, uma função contínua será capaz de mapear intervalos de números reais de entrada, e intervalos de números reais de saída. Por isso, a receptividade modular dos neurônios ativam ou deflacionam a transmissão da informação, produzindo um *reconhecimento retroativo e postergado do objeto*. O conceito de *energia*, que Freud utilizou,

⁶⁴ What is backpropagation really doing? <https://www.youtube.com/watch?v=llg3gGewQ5U&t=191s>

⁶⁵ Perceptrons. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Perceptron>.

⁶⁶ A backpropagation não é ajustada para ocorrer diante deste ou daquele formato assumido pela rede. Há um retorno que não é uma repetição programada, mas parte de um movimento sináptico que visa-se alcançar

⁶⁷ Cf. *Teorema de Aproximação Universal*

deve encontrar aqui uma provável exemplificação científica convincente. Pelo menos em nada metafísica ou transcendental, apenas dialética.

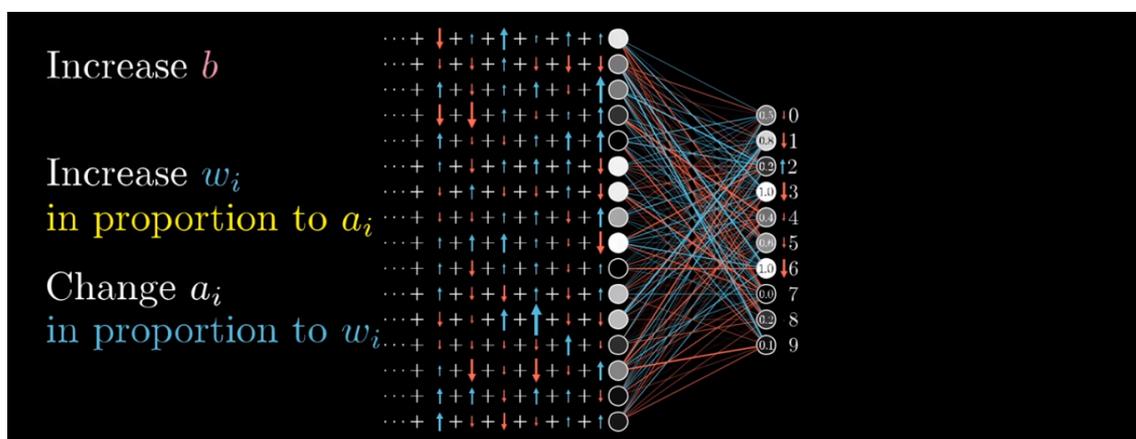


Figura 5. *Using Artificial Intelligence to Augment Human Intelligence*⁶⁸

Fonte: <https://www.3blue1brown.com/>

As *sinapses* da tecnociência são frutos de um *cálculo incompleto* (Rajal, 2020)⁶⁹. Não se descarta que o *negativo* da posição dos neurônios, cuja “porta” se fechou, também participe a posteriori do “entalhe lógico” de uma nova função reverberante. Há um *tensor* em cada rede que a permite metamorfosear a inscrição dos *weights* pelas mudanças proporcionais de a .⁷⁰

Já a teoria biológica neuronal ostenta seu bordão sobre a *montagem neural*, é a frase: *neurons that fire together wire together*, (neurônios que disparam juntos se conectam juntos) (Hertz, 1991)⁷¹. Os átomos em uma rede artificial têm seus *spins* apontados “para cima” ou “para baixo”, assim como os neurônios (biológicos) podem ser “disparados” (ativados) ou “não disparados” (quiescentes). Outra associação efetiva de redes neurais híbridas podemos encontrar no *postulado de Hebb*.

68 *Using Artificial Intelligence to Augment Human Intelligence*. Shan Carter e Michael Nielsen YC Research Dec. 4, 2017.

⁶⁹ Graph in Networks in 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=bA261BF0bdk>. The Deep Graph Library: <https://github.com/dmlc/dgl>, Simple Neural Network, por Milo Harper: <https://gist.github.com/miloharper/62...>

⁷⁰ Cf. Nikulin. (1994). *Geometries and Groups*.

⁷¹ Hertz, J. A. (1991, 2018). *Introduction to the Theory of Neural Computation*. NY: CR Press.

Vamos supor que a persistência ou repetição de uma atividade reverberatory ou ‘trace’ tende a induzir duradouras alterações celulares que contribuem para a sua estabilidade. Quando um axônio da célula *A* está perto o suficiente para excitar uma célula *B* e repetidamente ou persistentemente participa disparando-o, algum processo de crescimento ou alteração metabólica ocorre em uma ou ambas as células de modo que *A* seja como uma das células de disparo de *B*. Este resumo, no entanto, não deve ser tomado ao pé da letra. Hebb enfatizou que a célula *A* precisa ‘tomar parte na queima’ de células *B*, e tal causalidade só pode ocorrer se a célula *A* promover incêndios pouco antes, *não ao mesmo tempo* que células *B*. Este aspecto importante da causalidade no trabalho de Hebb prenunciou o que hoje é conhecido sobre a *plasticidade pico dependente de tempo*, o que requer precedência temporal (Wikipédia, ênfases nossa)⁷².

Isso quer dizer que cada neurônio tem conexões diretas a neurônios da próxima camada, e ele também mantém ativas ou inativas as reações de muitas aplicações possíveis às “queimas” futuras. Não há, aqui, a ideia de um processamento linear e vetorial. A inteligência parece aludir à possibilidade do objeto de entrada ser mentalizado em uma representação corrompida e reformulada interinamente. Esta classe de rede consiste em múltiplas camadas de unidades computacionais, geralmente interconectadas em uma forma de retroalimentação. Estas são as operações de *backpropagation* e *retropropagation* (Nielsen, 2019).⁷³

A comunicação entre os neurônios (biológicos) ocorre através de impulsos captados pelos dendritos, responsáveis por receber a informação e repassar para o corpo da célula através do axônio. O axônio, que se divide em colaterais, recebe sinais a partir do corpo da célula e os transporta para os dendritos que vão repassar para os dendritos de outros neurônios vizinhos através da sinapse, representada na seção *b* da figura 6 a seguir.

⁷² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_neural_artificial#cite_ref-Hebb_8-0

⁷³ “Célula Neural Artificial Paraconsistente de aprendizagem – CNAPap constrói-se a partir de uma Célula Neural Artificial Paraconsistente Básica – CNAPba. Sua função é dupla: ela serve como partes de unidades de memórias ou como sensores de padrões em camadas primárias. Uma CNAPap é uma Célula Neural Artificial Paraconsistente de conexão analítica CNAPca com sua saída interligada à entrada do grau de evidência contrária. Em um processo de treinamento, inicialmente, considera-se uma CNAPca sem os fatores de tolerância e que não sofreu nenhum processo de aprendizagem”. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_neural_artificial

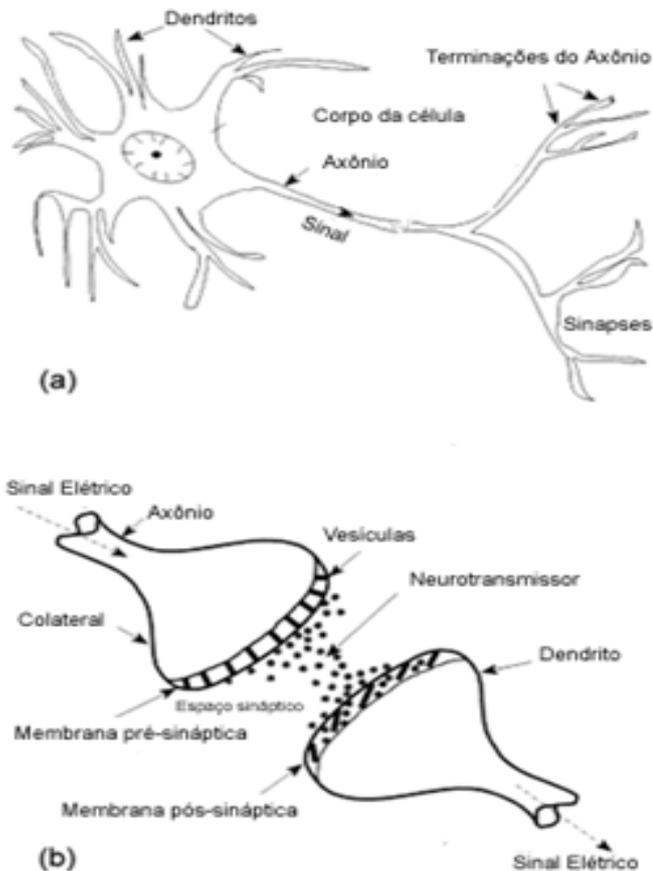


Figura 6. Biologia de uma célula nervosa e seu mecanismo de comunicação

Fonte: <https://medium.com/brasil-ai/entendendo-o-funcionamento-de-uma-rede-neural-artificial-4463fcf44dd0>

A relação entre as redes artificiais e biológica é que ambas possuem axônio e dendrito e comunicam-se por sinapses. A representação dessa relação é exibida na imagem a seguir, onde a letra x representa os sinais recebidos e a força sináptica recebida é simbolizada por w . Ambas as redes possuem a capacidade de ajustar a amplitude das sinapses em uma série de camadas interligadas. O modelo artificial apresentado na figura 7 a seguir representa a mais simples rede neural artificial, chamada de perceptron.

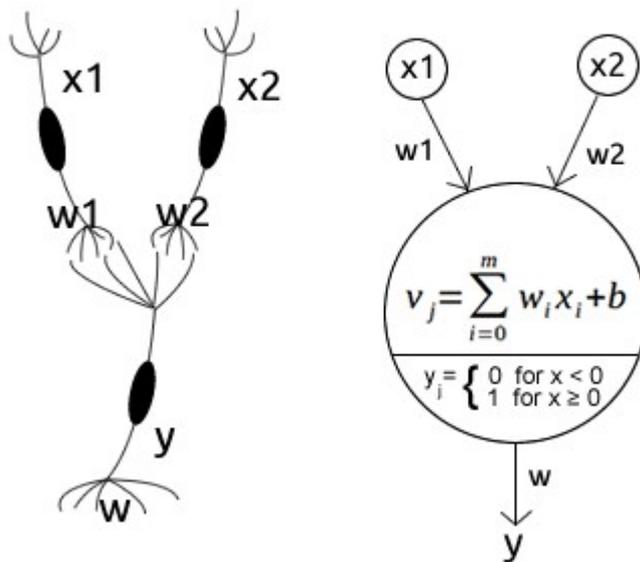


Figura 7. Relação entre uma rede neural biológica e artificial.
 Fonte: <https://medium.com/brasil-ai/entendendo-o-funcionamento-de-uma-rede-neural-artificial-4463fcf44dd0>

Entre os anos 1940 e início da década de 1950, um antropólogo buscava uma possibilidade real de se transformar elementos simbólicos da estrutura em elementos reais, descritos por uma lógica alfanumérica e topológica. Há muita ressonância da análise centrada no exercício “associativo” de Lévi-Strauss dentro de comunidades e tribos com alguns temas que também ocuparão a cibernética e a neurociência, e claro, a psicanálise. De certo, Lévi-Strauss foi um representante que, de nossa perspectiva, realizava um “estruturalismo romântico” no que hoje é um “estruturalismo logarítmico”, mas a título de exemplo, podemos rapidamente resgatar sua tentativa que foi orientação de alguns exercícios do ensino laciano. O antropólogo já alertava ser possível transformar elementos da narrativa dos mitos em termos de elementos internos a uma equação.

Consideremos uma série formada aleatoriamente. O jogo de uma moeda no ar, por exemplo. Se o resultado for cara, adicionamos um sinal, no caso de coroa, outro sinal. Exemplo após uma sucessão de lances: (+~+~+~+~). Partindo desta reunião, pode-se estipular matrizes maiores, ou seja, há elementos que se inscreveriam contínuos, caracterizando um conjunto que possui relações não corrompidas; e sim, simétricas, constantes ex. (~~~~~), a isso, atribuímos um número (1). O segundo descritor ocupava-se da ocorrência de uma *translação* da simetria como padrão de inversão, ex. de matriz: (+~/~+) -, isto responderá o

número (2). Por fim, parelha à serie inicial – mas olhada de seu referencial aleatório que se repete em menor escala, ex. (+~++~) –, aqui, temos a matriz número (3). Próximo passo é reler as séries valorando as passagens entre os níveis de conexão e desconexão entre cada escopo. O interessante é que tais matrizes aleatórias (323211122321) também são suscetíveis de novas descrições, implicações, invenções. “É o princípio de regulação que permite inscrever, num sistema coerente de formulações simbólicas, o funcionamento concreto do homem considerado como máquina” (Lacan, S.II, 1985 [1955-54], p, 45).

Mesmo que haja sempre um fundo de aleatoriedade que *insiste em não se inscrever*, isto não impede de existir objetos em que a aleatoriedade se inscreve como oportunidade de formalização. Voltando à sequência matricial encontrada dos conjuntos de inter-relações, (323211122321), diz-nos a matemática combinatória haver uma “lei oculta” ordenando o espaço desta sequência, a saber: “que não passa-se do *um* ao *três*, sem ‘percorrer’ o *dois*, pois jamais passaremos também do *três* ao *um*, sem ocuparmo-nos do *dois*” (Dunker, 2020).⁷⁴

Esta mera transformação faz emergir leis extremamente precisas. Os 1, os 2 e os 3 não podem suceder-se em qualquer ordem. Um 1 jamais poderá suceder a um 3, jamais um 1 apresentar-se-á depois de ter saído um número ímpar, seja qual for, de 2. [aqui, para a asserção ser verdadeira é preciso acrescentar: Se e somente se o símbolo que preceder esse 2 for 1]. Porém, após um número par de 2, é possível que saia um 1. Um número indefinido de 2 sempre é possível entre 1 e 3 (Lacan, S.II, 1985 [1954-55], p. 234).

Há dois números que deslocam-se da aleatoriedade e viram *invariantes*: um número *par* de *dois* será necessário para promover a passagem do *um* ao *três*; e um *número ímpar* de *dois* será necessário para promover a passagem do *três* ao *um*. Talvez, aqui, estejamos tateando a natureza deste *tensor* aparente no pensamento dialético. São as produções em série destes tensores que dispararam a *activation* dos neurônios, em que a *matematização* das pequenas letrinhas do Real foi possível. “O que ocorre na máquina neste nível, para só falar deste, é análogo à lembrança com a qual lidamos em análise. Com efeito, a memória é aqui o resultado de integrações” (Lacan, S.II, 1985 [1954-55], p. 234).

⁷⁴ Cf. Estruturas elementares do parentesco. Claude Lévi-Strauss (1952). Dunker, *O esquema L de Lacan*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mrs2-XO3OcA>

No artigo intitulado *A análise estrutural do mito*, publicado originalmente em 1955, com algumas modificações, em 1958, Lévi-Strauss introduz a noção de que o mito é constituído por “grandes unidades constitutivas” (para distingui-las das unidades menores, tais como fonemas, morfemas e semantemas); essas “grandes unidades constitutivas” são “relações”, isto é, a “atribuição de um predicado a um sujeito”. A essa altura, Lévi-Strauss corrige a definição das “grandes unidades constitutivas”, afirmando que “as verdadeiras unidades constitutivas do mito” são “feixes de relações” (Lévi-Strauss, 1958)⁷⁵.

Na célebre análise estrutural do mito de Édipo, as relações com a forma de predicado-sujeito são ilustradas com proposições como as do grupo seguinte: “Cadmó procura sua irmã Europa, raptada por Zeus”, “Édipo casou-se com sua mãe Jocasta”, e “Antígona enterra Polinice, seu irmão, violando a interdição” (Almeida, 2009, p, 5-6). O predicado é um comportamento transitivo dos “feixes de relações” porque supõe um ator e um objeto da ação, e, em cada caso, o sujeito e o objeto da ação são parentes consanguíneos (irmã, mãe, irmão). O que o feixe tem em comum exprime-se aqui com a proposição “relações de parentesco (consanguíneo) superestimadas”, ou seja, superestimação de relações (de consanguinidade). A notação $Fx(a)$, onde Fx é um predicado (superestimação de relações) e o termo “a” representa um termo (parentes consanguíneos) formaliza este primeiro conjunto.

O segundo feixe de relações (“os [irmãos] Spartoi se exterminam”, “Édipo mata seu pai Laio”, “Etéocles mata seu irmão Polinice”) leva à proposição de “relações de parentesco subestimadas ou desvalorizadas” (Almeida, 2009, pp. 5-6). Elas poderiam ser representadas como “ $Fy(a)$, ou poderíamos também escrever $Fx -I(a)$ para lembrar o fato de que, nesse caso, a qualidade y é o oposto de x . Agora, trata-se da ação – transitiva – de *anular* que se aplica a pares de consanguíneos” (Almeida, 2009, pp. 5-6, grifo nosso).

Um terceiro feixe configura um pacote que se refere também a atos de assassinatos, mas agora opondo um humano (sempre um homem do grupo consanguíneo) a um monstro autóctone (um dragão, e seus descendentes, os Spartoi, ‘homens semeados’, com os dentes do dragão, e nascidos da terra. Esse feixe poderia ser representado por $Fx -I(b)$, ou seja:

⁷⁵ Lévi-Strauss, C. (1958). *L’analyse structurale du mythe*. In: _____. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, pp. 227-255.

desvalorização da relação entre humanos e monstros ctônicos (de fato, na forma de assassinato).

$$F_x(a) \approx F_y(a) :: F_y(b) \approx F_b^{-1}(x)$$

A fórmula poderia ser lida assim: a superestimação de relações (de parentesco) $F_x(a)$ está para a subestimação de relações de parentesco $F_y(a)$ assim como a negação de relações com monstros autóctones $F_y(b)$ está para o caráter-autóctone-invertido (caráter anti-autóctone) da função-exagero $F_b^{-1}(x)$. O detalhe surpreendente é que o antropólogo estava no Brasil estudando as estruturas de parentesco dos ameríndios, e produziu um “estudo comparado”, à mitologia grega. Concluirá que a disposição lógica dos elementos formais dos mitos não eram distintas sequer entre gregos e bororos da Amazônia.

Bruscamente, alteraremos o exemplo, chegando à *Carta Roubada* de Edgar Allan Poe. Nossa intenção é ratificar as possibilidades da *matematização* através de narrativas distintas, curiosamente, aqui, comentadas ora por Lévi-Strauss, ora por Lacan, no mesmo ano de 1955.⁷⁶ Nessa estenografia há um estímulo para ir além do que as narrativas dizem diretamente e buscar conexões em *outro domínio*. “Que não o do jogo, nem o psicológico, mas o dialético” (Lacan, S.II, 1985 [1954-55], p. 234). A construção da narrativa ficcional de Poe é um arranjo de elementos distintos entre *jogos de sentido* e *símbolos* que vão sendo descritos nos caminhos que o texto conduz o leitor. Cercando estes elementos estão os personagens, com formas subjetivas questionáveis, ou seja, supostas capacidades de astúcia, dissimulação, expertise, traição, e desonra, estratégias “baixas” que seriam dadas numa relação dual de reflexo. Por isso, os personagens do conto são cúmplices de algum segredo fundamental que o próprio enredo não revela.

O jogo do símbolo representa e organiza, em si mesmo, independentemente das particularidades de seu suporte humano, este algo que se chama um sujeito. O sujeito humano não fomenta este jogo, ele toma seu lugar e desempenhará aí o papel dos pequenos *mais* e dos pequenos *menos*. Ele próprio é um elemento nesta cadeia que, logo que é desenrolada, se organiza segundo leis. Assim, o sujeito está sempre em

⁷⁶ Cf. Major, R. (2002). Lacan com Derrida: análise desistencial. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. Decidimos não investir, neste momento, no complexo texto escrito por Major sobre as leituras formais sucessivas de Poe feitas por Lacan e, em seguida, por Derrida. Mas elas correspondem oportunamente às discussões até aqui tratadas.

diversos planos, presos em rede que se entrecruzam (Lacan, S.II, 1985 [1954-55], p. 243).

A dialética já ocupava a psicanálise lacaniana em um dos seus textos inaugurais e desde então, vai proporcionar uma maior exigência de compreensão deste extenso sistema. *O estádio do espelho*, de 1936, está fundamentado sobre a relação conflitante entre a imagem de si; desfragmentada, despedaçada e dissonante – e que nunca será abandonada por completo –, e, por outro lado, uma unidade pretensa com a qual nos reconhecemos, unidade alienada e virtual. É esta a transição da criança ao perceber o valor do “um” daquela específica sujeição. “Unidade com a qual ele [sujeito] se confunde e se emparelha” (...). Este ponto é crucial para nós. Esta dialética está presente na experiência em todos os níveis da estruturação do eu humano, e isto nos basta” (Lacan, S. II, 1985 [1955-54], p. 69).

Lacan traz-nos aqui uma anedota do século XV sobre a história do *cego e do paralítico*. A subjetividade que vislumbramos responde bem à forma relacional que há entre o casal protagonista: “A metade subjetiva de antes da experiência do espelho é o paralítico que não pode mover-se só, a não ser de maneira descoordenada e desajeitada. O que o domina é a imagem do eu, que é cega e que o carrega” (Lacan, S. II, 1985 [1955-54], p. 70).

Pela dialética platônica e nos programas de pensamento “funcionais”, permaneceríamos neste condicionamento, no qual “o senhor (cego) quem cavalga o cavalo (paralítico), ou, o escravo”. Contudo, nesta *remodelação dialética*, haveria algo no *olhar* do paralítico (ou na sua função escópica) que inverte e distorce a composição “espacial” do cego, pois narra através da voz, as peculiaridades e os contornos da experiência imediata com os objetos. “O paralítico (...) só pode identificar-se à sua unidade na fascinação, na imobilidade fundamental pela qual ele vem corresponder ao olhar ao qual está preso, o olhar do cego” (Lacan, S. II, 1985 [1955-54], p. 70).

Se estas máquinas pudessem encarnar aquilo de que se trata nesta dialética [do cego e do paralítico], eu lhes proporia o seguinte modelo. Os autômatos sempre desempenharam um papel muito grande, e desempenham um papel renovado em nossa época – uma dessas maquininhas para as quais somos capazes de fornecer, graças a

órgãos intermediários de todo tipo, uma homeostase e algo que se assemelha a desejos. Suponhamos que esta máquina seja constituída de tal maneira que esteja inacabada e que vá bloquear-se, só indo estruturar-se definitivamente num mecanismo ao perceber – por qualquer meio que seja, por exemplo, uma célula fotoelétrica [hoje chamamos de pixels] com retransmissor [*perceptron*] – uma outra máquina, em tudo semelhante a ela própria, mas cuja única diferença é já ter perfeito sua unidade no decurso do que se pode denominar uma experiência anterior – uma máquina que pode fazer experiências. Assim, o movimento de cada máquina está condicionado à percepção de um certo estágio alcançado por uma outra. É o que corresponde ao elemento de fascinação (Lacan, S. II, 1985 [1955-54], p. 70).

Uma máquina que serviria como partes de unidades de memórias, ou como sensores de padrões em camadas primárias, em 2006, através da *Deep Learning*, efetua finalmente sua possibilidade de existência, capazes de produzir conhecimento e apreendendo informações novas através de suas experiências como máquinas empíricas e inacabadas.

...dizer-lhes como somos levados a exigir que seja a máquina que tome a palavra ordenadora. E indo um pouco mais depressa (...) suponha que a máquina possa se contar ela mesma. Com efeito, para que funcionem as combinações matemáticas que ordenam as trocas objetais, é preciso que na combinatória cada uma das máquinas possa ela mesma se contar (...) Onde será que o indivíduo em função subjetiva se conta ele mesmo – senão no inconsciente? Este é um dos fenômenos mais manifestos que a experiência freudiana descobre” (Lacan, S.II, 1985 [1954-55], p. 76).

Recuperando brevemente o que há de conquistas desta história científica subentendida e prestes a se desanuviar, a apreciação do código pelo manejo lógico de suas possibilidades proporcionou à cibernética, funcionar pela primeira vez na história, independente de *qualquer* subjetividade, inclusive, da subjetividade desta figura do programador e de seu produto final, o *programa*. Ela está dentro desta *ciência dos lugares vazios e dos encontros como tais*, encontrou-se “a passagem da computação do cálculo para a computação da comunicação” (Doellinger, 2014).

Automatically learning from data sounds promising. However, until 2006 we didn't know how to train neural networks to surpass more traditional approaches, except for a few specialized problems. What changed in 2006 was the discovery of techniques for learning in so-called deep neural networks. These techniques are now known as deep learning. They've been developed further, and today deep neural networks and deep learning achieve outstanding performance on many important problems in computer vision, speech recognition, and natural language processing (Nielson, 2009)⁷⁷.

Em 2017 houve o surgimento dos “*Transformers Model of Language*” (Fridman; Amini, 2020)⁷⁸. E, a partir de então, a linguagem escrita e oral serão frutos das mesmas aventuras da IA voltada para as linguagens imagéticas. Estes dispositivos sugerem resgatar *qualidades sensíveis da linguagem*, pois, até então, as “trocas” textuais com os usuários foram pouco estimulantes, pois funcionais e informativas. O *open domain dialogue* que atua nos *Transformers* possibilita uma autosupervisão da própria rede em criar seus elementos de conhecimento (Fridman, 2020, MIT).

Os modelos matriciais dos *bots* – entes dialógicos disponíveis a usuários deste ou daquele nicho *on-line* e suportados por sistemas de pesquisa híbridos – são tecnologias disponíveis visando a ativação de modelos estruturais (simbólicos) capazes de operarem combinatórias ontológicas ostensivas que criam em torno de si. Os *Transformers* disponibilizam “tarefas de múltiplos domínios em diálogos pré-orientados”⁷⁹. O comentário de Fridman aponta que eles começariam a incluir um dinamismo maior à interação com os

⁷⁷Nielson (2009). Aprender automaticamente com os dados parece promissor. Entretanto, até 2006 não sabíamos como treinar redes neurais para superar as abordagens mais tradicionais, exceto por alguns problemas especializados. O que mudou em 2006 foi a descoberta de técnicas para o aprendizado nas chamadas redes neurais profundas. Estas técnicas são agora conhecidas como aprendizagem profunda. Elas foram desenvolvidas e hoje as redes neurais profundas e o aprendizado profundo alcançam um desempenho excepcional em muitos problemas importantes de visão computacional, reconhecimento da fala e processamento da linguagem natural” (tradução inédita, fonte: <http://neuralnetworksanddeeplearning.com/about.html>).

⁷⁸ Elaboramos sínteses entre duas conferências ocorrida no MIT (Massachusetts institut of techonoly) durante o ano de 2020, com o intuito de observar até em que medida os argumentos aqui traços permitem-nos discutir frente aos destaques de “machine learning and AI innovations and progress in academia, industry, and society in general”. Amini, A. (2020). *Introduction to Deep Learning: Lecture*. Foundations of Deep Learning; Lex Fridman, Deep Learning State of the Art (2020), MIT Deep Learning Series.

⁷⁹ Ele constroem provisões autônomas de diálogos, de respostas a questões íntimas, questões ambientais, históricas, culturais, turísticas, etc. São conduzidos por dados semi-aleatórios que tramitam na plataforma “Megatron” (Shoeybi et al., 2020) – plataforma com oito bilhões e trezentos milhões de parâmetros moduladores de linguagem (linguísticas e imagéticas), treinando as milhares de (ANNs) e seus bots.

humanos, começam a flertar com movimentos menos “logocêntricos”. Assuntos inesperados, pequena dose de humor, frases repetitivas, acúmulo de ideias sem que se fechem; há uma busca de um “efeito” performático no diálogo muito próximo ao “natural”. Há uma atenção dada ao valor afetivo e incerto da linguagem. Abaixo, dois diálogos que demonstram as recentes atualizações do *bot alquist*.

Versão desatualizada:

Alquist: “Have you been in Brazil?”

User: “What is the population of Brazil?”

Alquist: “It is around 200 000 000.”

User: “Well ok”.

Com a atualização trazida pela nova ferramenta, observa-se abaixo o novo estilo do diálogo natural com o artificial.

Alquist: “Have you been in Brazil?”

User: “What is the population of Brazil?”

Alquist: “It is around 200 000 000.” *Anyway, I was saying, have you been in Brazil?”*

User: “No, not yet.”

Alquist: “Brazil is *fascinating* country...”

(Fridman, 2020, grifo nosso, transcrição inédita)⁸⁰

Os temas do diálogo se reapresentam ao usuário em outro momento, sobre outra perspectiva, respeitando certo tempo de compreender, certa possibilidade de atribuição a novos significados e novas formas de se dizer. Em que regra das ciências da linguagem estas ocorrências são previstas? Seres e substâncias conjugam-se de forma viva e dialética então restaria saber qual o papel da filosofia diante do imanente nascimento da nova metapsicologia. Para onde apontar as flechas do conceito? Questionar-se-á nossa noção de cultura, política, recursos, poética, literatura e clínica.

⁸⁰ Deep Learning State of the Art (2020) | MIT Deep Learning Series. www.deeplearning.mit.edu.

Todos estes programas, contudo, devem reconhecer que a inteligibilidade da combinação de seus elementos sistêmicos esteve presente em nossas metapsicologias. Modelos iniciais da integração da combinatória dos conjuntos e dos tensores, incorporando associações modais de linguagem entre fluxo de energia aonde traça-se uma rede neural, ativa, mas principalmente, errante, e enodada perante seu arquivo crivado.

4 Soluções Dialético-Topológicas em Psicanálise

Há uma correspondência entre a topologia e a prática. Essa correspondência consiste nos tempos.

Lacan, 1978⁸¹

Meus três são o real, o simbólico e o imaginário. Parti disto para situa-los numa topologia. [...] para que [vocês analistas] se orientem na sua prática.

Lacan, 1980⁸²

As figuras topológicas são excelentes aparelhos descritivos de parte das correntezas dos *traços* psíquicos. Remetem-se a um operador gráfico/conceitual muito bem delineado e com possibilidades abertas de novos trajetos e descobertas, novas metodologias ativas e epistemologias propositivas. Transcrevem, no sentido de “figurar” o local em que pode ocorrer *relações tensoriais* dentro da máquina da psique.

A topologia é uma metapsicologia de bolso para o analista e um prato cheio para muitas iniciativas de pesquisa. Sua atuação tem percorrido este texto implícita e explicitamente; recobre a experiência além da estrutura normativo-semântica e considera a

⁸¹Abertura do Seminário XXVI, A topologia e o tempo [1978-79]. Texto inédito.

⁸²Transcrição do discurso de Lacan em Caracas, Venezuela. 1980. Acesso em: <http://www.ebpbahia.com.br/agente/site/2016/07/12/a-revolucao-lacanian-a-estrutura-topologica-da-experiencia-humana/>

possibilidade de formalização de assimetrias, subtrações, deformações, repetições. São desprovidas de significações ou representações parasitárias e, portanto, totalmente transmissível, como um *matema*. Com orientações paradoxais à filosofia e à lógica clássica – principalmente, àquelas centradas na metafísica e na geometria regulares – mostram-nos outros *caminhos* aos *métodos* de investigação que ora se *integram* e ora se *diferenciam* em consonância com a dinamicidade e facticidade de uma experiência em vista.

Pode-se considerar estas figuras como um instrumento privilegiado quanto à “flexão das instâncias” (perturbação) entre os registros (Real, Simbólico, e Imaginário) uma vez suportados pelo *tensor* (objeto a). “Para conceber a função que Freud designa sob o nome de *o eu*, assim como para ler a metapsicologia freudiana inteira, é indispensável servir-se desta distinção de planos e de relações expressas pelos termos do simbólico, de imaginário e de real” (Lacan, S.II, 1985 [1955], p. 53).

A topologia tem sua origem remota na *analysis situs* dos matemáticos da Renascença e se divide em dois ramos: *topologia geral*, ou *analítica*, e *topologia algébrica* ou *combinatória*. Seus estudos se baseiam nos conceitos universais de “ordem” e “continuidade”, que preocuparam a humanidade desde épocas bastante primitivas; e sua grande fecundidade tem permitido a solução de numerosos problemas da vida prática (Andrade, 1971, p.70).

Pode-se dizer, com isso, que a psicanálise utilizou (sem muita cerimônia) de ambas vertentes, a analítica (geometria clássica), e a combinatória (análise tensorial)⁸³. Para este trabalho, e na profícua relação da topologia com a psicanálise, coube posicionar estes operadores ainda *sem* seus dados completos de “afiliação”⁸⁴. A intuição de Freud sobre a carência da representação de uma teoria corporal num plano bidimensional pode ter na

⁸³“Monge, o fundador da geometria descritiva, criou este sistema baseado nas projeções ortogonais, onde as figuras se reproduzem em dois planos que se cortam perpendicularmente e que, depois, se dobram um sobre o outro, a fim de coincidirem e formarem as ‘épuras’, utilizadas pelos arquitetos e artesão para poderem reproduzir fielmente as figuras projetadas” (Andrade, 1971, p. 71).

⁸⁴Existem ótimos trabalhos que analisam rigorosamente inúmeras outras intersecções possíveis de propriedades lógico/matemáticas e analítico/inconscientes das figuras topológicas, bem como, há, infelizmente, equívocos e apropriações obscuras devido ao caráter pouco intuitivos para certa noção de ciência herdada por analistas pesquisadores ou formadores-didatas.

topologia, uma saída. Começaremos da primeira interface com a realidade. Para isto, basta, no mínimo, duas dimensões, as de uma folha de papel representada numa tela:

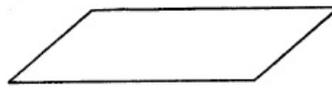


Figura 6. Pierre Skriabine⁸⁵

Fonte: <http://www.ebpbahia.com.br/agente/site/2016/07/12/a-revolucao-lacanianiana-a-estrutura-topologica-da-experiencia-humana/>

Podemos olhar em perspectiva, e imaginá-la vista por cima (ela está posta sobre o chão, ou então vista por baixo (ela está colada ao teto). Esta secção coloca então o sujeito diante de uma escolha entre dois modos de conduzir o *olhar no espaço*. Há uma oscilação no universo espacial e, talvez por isso, permanecemos fascinados. “É a divisão subjetiva, a fenda do sujeito pelo objeto, olhar que se encontra aí presente” (Skriabine, 2013, p. 11). Esta função no homem é tanto distinta quanto pertencente ao conjunto da Natureza em si mesma. Essas duas maneiras de ver a perspectiva da folha, “sobre-sob”, não se excluem. Por isso, o aparecimento da divisão é a possibilidade de tornar ambas as perspectivas orientáveis a um fenômeno físico e imaginado.

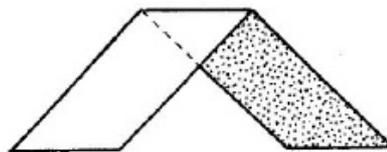


Figura 7. Pierre Skriabine

Fonte: <http://www.ebpbahia.com.br/agente/site/2016/07/12/a-revolucao-lacanianiana-a-estrutura-topologica-da-experiencia-humana/>

A função do sujeito é o que assegura esta coexistência como possível. Podemos ver neste “princípio de dobra”, e supor que para todo ser falante, a causa de seu desejo é estrita à estrutura de sua dobra, quer dizer, ao que divide-o ao mesmo tempo que o constitui. Para fazer aparecer a topologia do sujeito, a saber, a superfície moebiana, basta completar o desenho da dobra imaginarizada.

⁸⁵A *revolução lacanianiana: a estrutura topológica da experiência humana*. Disponível em: <http://www.ebpbahia.com.br/agente/site/2016/07/12/a-revolucao-lacanianiana-a-estrutura-topologica-da-experiencia-humana/>

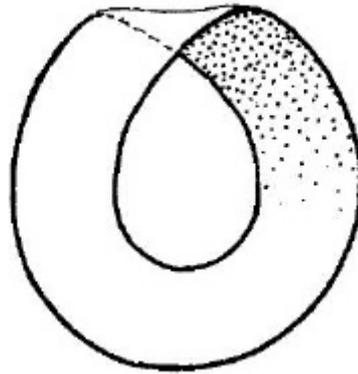


Figura 8. Pierre Skriabine

<http://www.ebpbahia.com.br/agente/site/2016/07/12/a-revolucao-lacianiana-a-estrutura-topologica-da-experiencia-humana/>

A superfície topológica incorpora, a partir de então, uma sucessão de outras dobras, de enlaçamentos e nós; de correlação de seus elementos internos. Isto passa a ocorrer uma vez que suas linhas avançam sobre o espaço, são *linhas projetantes* capazes de conservarem todas as *invariantes* projetivas até o limite das suas *deformações*, e, ainda assim, distinguir-se-ia cada uma das suas distintas superfícies topológicas. No limite das deformações, algo, ali, se conserva, contorna a essência, faz-se invariante.

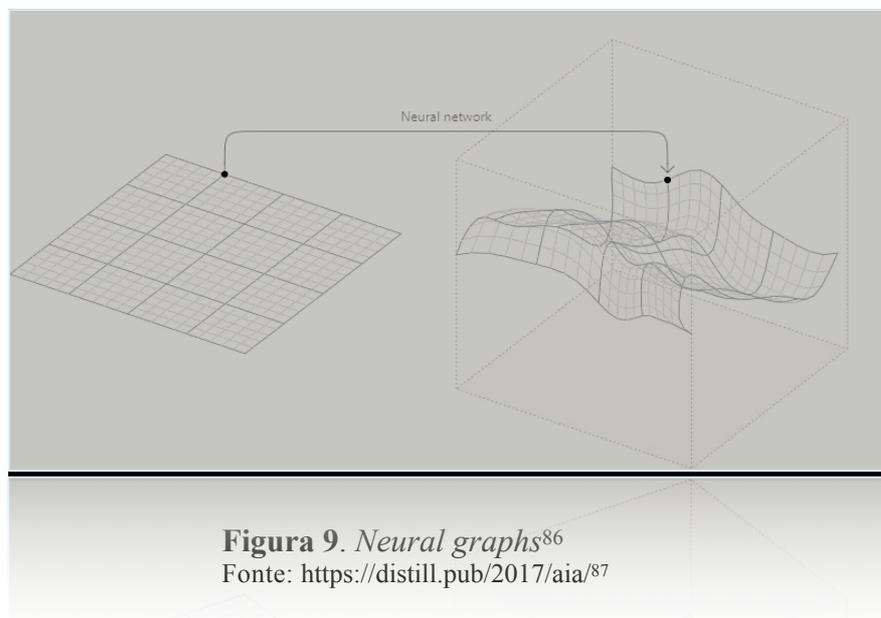


Figura 9. *Neural graphs*⁸⁶

Fonte: <https://distill.pub/2017/aia/>⁸⁷

⁸⁶ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aprendizado_de_m%C3%A1quina

⁸⁷ Using Artificial Intelligence to Augment Human Intelligence. (Carter e Nielsen, 2004) YC Research. A “curva gradiente” é a realização dimensional do aprendizado de máquina. “Com cada camada, a rede transforma os dados, criando uma nova representação. Podemos observar os dados em cada uma dessas representações e como a rede os classifica. Quando chegarmos à representação final, a rede apenas traçará uma linha através dos dados (ou, em dimensões mais altas, um hiperplano”. Tradução própria, transcrição inédita. Disponível em: <https://colah.github.io/posts/2014-03-NN-Manifolds-Topology/>.

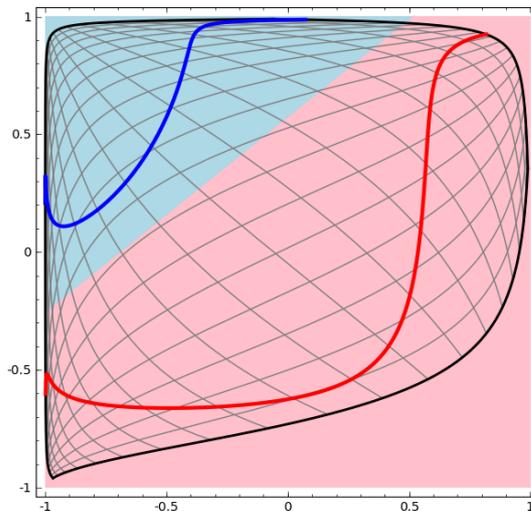


Figura 10. *Neural Networks, Manifolds, and Topology*⁸⁸
 Fonte:

Do ponto de vista concreto, com os gráficos podemos visualizar como uma linha objetiva é investida na curvatura elíptica.

*With each layer, the network transforms the data, creating a new representation. We can look at the data in each of these representations and how the network classifies them. When we get to the final representation, the network will just draw a line through the data (or, in higher dimensions, a hyperplane) (Colah, 2014)*⁸⁹.

São de gramáticas de *relações existenciais e coexistências* em que ocorre a geometrização do informe, a combinatória inconsciente da estrutura a certo tipo de descritor do *plano metafórico* que poderá exercitar esta ideia de um *espaço das relações* estruturais inconscientes. Permeabilidade espaço-temporal como o *link* para *uma* correspondência entre a topologia, a prática e o *tempo*. Entre àquilo que “cabe” em relações estruturais e àquilo que extravasa tais relações. Uma aposta e sua renovação. O mais fascinante trabalho ocupa atualmente o *processamento de linguagem natural*: as representações que aprendemos das

⁸⁸ Colah, I. (2014). Disponível em: <https://colah.github.io/posts/2014-03-NN-Manifolds-Topology/>

⁸⁹ “Com cada camada, a rede transforma os dados, criando uma nova representação. Podemos observar os dados em cada uma dessas representações e como a rede os classifica. Quando chegarmos à representação final, a rede apenas traçará uma linha através dos dados (ou, em dimensões mais altas, um hiperplano)”. Tradução própria, transcrição inédita. Disponível em: <https://colah.github.io/posts/2014-03-NN-Manifolds-Topology/>.

palavras, chamadas de incorporação de palavras, têm propriedades lacunares para serem vasculhadas⁹⁰.

Trata-se de sugerir que a característica fundamental do sistema apresentado por Freud é a de uma coleção de conjuntos, os complexos, que, pelo efeito de se estabelecerem vizinhanças pelo processo de facilitação, configuram topologias, espaços. Analogamente, pela intervenção das associações linguísticas, ocorre a formação de outras coleções (...), conformando espaços, reagrupando registro de experiências com objetos, mas das quais não excluem os registros do próprio corpo que, então, pela via da fala, poderia sofrer modificações (Rona, 2010, p. 230).

De forma bem sintética, pode-se dizer que a topologia exprime, em termos dialéticos, núcleos de relações de conflitos subjetivos simultaneamente em que pode refazer as organizações e disjunções Simbólico-Real-Imaginário que o homem construiu para si, ao longo da história.

4.1 A periodização do oito interior: repetição e diferença

C'est que, dans une structure qui est d'ordre essentiellement spatial, qui ne comporte aucune histoire, vous introduisez pourtant un élément temporel.

Jacques Lacan⁹¹

Começo a desenhar um algarismo e o mundo está contido na sua curvatura, e eu própria estou fora dela.

Virginia Woolf

Vista pela forma geométrica projetiva a topologia irradia linhas que formam diferentes cones estendidos no espaço. Apesar de manterem a linearidade de sua estrutura original, alteram as dimensões entre seus pontos constituintes. É como um “bloco mágico” com operações de inscrições muito mais avançadas. Nelas, a continuidade e a dissonância do

⁹⁰ Cf. Mikolov et al. (2013), Turian et al. (2010) e Socher (2016).

⁹¹ “Dentro de uma estrutura que é essencialmente espacial, que não comporta nenhuma história, vocês introduzem um elemento temporal”. Tradução própria, transcrição inédita. Lacan, J. (1965-66) *Le Seminaire, livre XII, Problèmes Cruciaux*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S12/S12.htm>.

objeto é dotada de um relativismo alucinatório. Relativismo: objeto de cálculo das novas máquinas. Propriedades de valores métricos/simétricos e quantitativos/funcionais se alteram para também manterem uma orientação não-vetorial de correspondência entre eles. Podemos “imaginarizar” do que é feito àquilo que dura nas deformações e o que é constante no movimento, ou permanente no fluxo. Pois ao visualizar a representação imperfeita das figuras topológicas, precisamos naturalmente torná-las não-idênticas àquele modelo (em repouso), pois sofrem diversas alterações durante a projeção, e em virtude desta. Projeção, neste contexto, é sinônimo de *formas de vida*.

Uma *superfície psíquica* como a conjunção de inúmeros *pontos* (assim como a ideia de um *segmento de reta* é formado por micro pontos. O mesmo se passa aos significantes que *compõem* o espaço da superfície. Eles não apenas tecem e se aglutinam formando o espaço, como tais *pontos* estão sempre em um movimento elíptico ou em translação, são, portanto, *pluricausais* para frente e para trás.

Na figura abaixo, a espiral amarela é a forma plástica da superfície significativa após ser formatada pela dialética entre a demanda e o desejo.

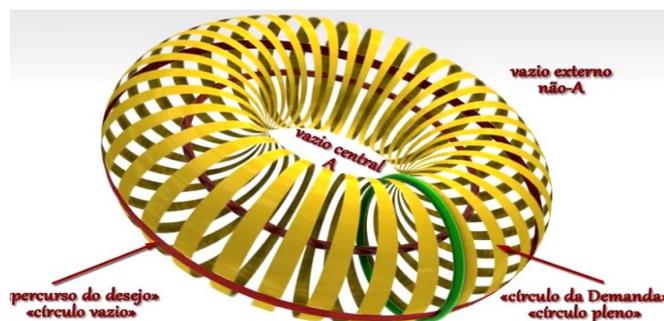


Figura 11. Prolegômenos à topologia do toro no Seminário 9 de Lacan⁹²

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1KGdVXT2g-k&t=4722s>.

A visualização correta deste esquematismo não implica apenas considerarmos a topologia como um *corte* em três dimensões. Pois, será o *movimento* que permitirá a esta

⁹² Conferência proferida pelo Prof. Dr. Luís Carlos Petry, no Corpo Freudiano de São Paulo, em 07 de junho de 2018 sobre conceitos fundamentais para o entendimento da topologia no *Seminário 9, A identificação* (1961-1962) de Jacques Lacan. A presente figura foi extraída de uma animação em 3D que recria o traçado da topologia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1KGdVXT2g-k&t=4722s>.

superfície integrar-se a muitas outras. A demanda trabalha *torcendo* a superfície, criando uma esfera, uma borda, uma dobra. Ao menos duas voltas completas das demandas ao entorno da superfície, proporcionará ao sujeito uma nova linha, esta, a dos desejos (círculos vermelhos).

Assim, uma demanda que se firma em significantes está alienada ao desejo, pois é uma regressão ao significante retido na história da *gramática de desejos* do sujeito. Demandas e desejos em processos de gerações e degenerações constituirão uma terceira linha-curva que percorrerá o interior do toro formando a *identificação*. Ela é a linha construída pela dialética *demanda-desejo* que formata/aliena o reconhecimento do sujeito⁹³. Contudo, a esta figura de relações plurais e inconscientes, outras superfícies serão acopladas, formando o movimento, igualmente dialético, entre *sujeito*, *grande Outro* e *vir-a-ser* de (*n*) *identificações*.

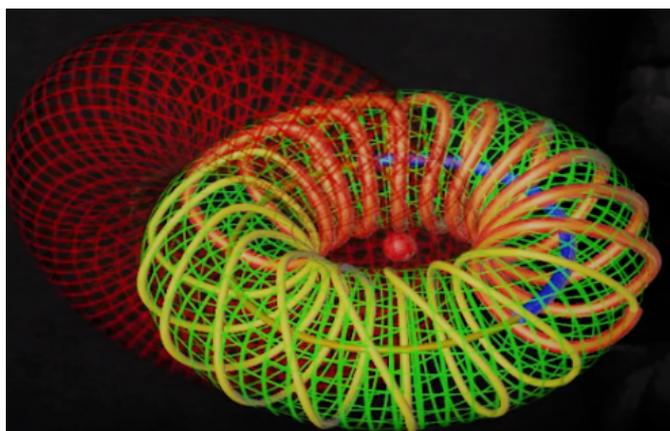


Figura 12. Prolegômenos à topologia do toro no Seminário 9 de Lacan, A identificação.
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1KGdVXT2g-k&t=4722s>.

Nesta montagem, o toro (do Outro, em vermelho) preenche o vazio central do toro do sujeito do inconsciente induzido a uma nova relação de trocas. Esta instância se acopla *na falta nuclear* da bateria significante; e rotaciona, nesta imagem, de forma anti-horária, o toro inicial. Ele traz um *valor proposicional* aos desfiladeiros dos significantes, isto é, uma atualização ou oferecimento de novas diretrizes de subjetivações, de comportamento, de

⁹³ São incontáveis as aulas do *Seminário 9* em que Lacan se esforça para transmitir passo a passo e com o devido experimentalismo, a constituição operatória de cada elemento de uma superfície topológica específica, do toro ao *cross-cap*; a partir daí, como cada conjunto de relações forneceria dados para *formas de identificação*. Com isso, ele incluía as passagens do fantasma aos sintomas, da clínica à capacitação filosófica de um novo objeto especulativo, etc. Todos condicionantes deste seu sistema dialético, que, coincidentemente, possuirão também reflexos nas novas tecnologias IA. O que se seguirá é uma releitura rápida e sintética, tendo como ponto de apoio, comentários do prof. Christian Dunker em seu *Seminário sobre o ensino de Jacques Lacan*, no Instituto de Psicologia da USP, entre 02/03/2020 a 15/03/2020.

moral, de sexualidade e de políticas, que, logo, atualizará dialeticamente a linha azul, da identificação.

Nem todos os pontos da superfície estarão mais nos lugares em que ocupavam nos instantes anteriores ao Outro se enodar. Sua forma elíptica terá modificado, em estratos, a superfície alvo. Uma *superfície*, portanto, é o plano no qual se representam possíveis *estados e configurações* do psiquismo pela disposição destes *signos-pontos-traços*. Local onde são construídos repertórios, interjeições, enfim, todo o “conteúdo” do nosso léxico. Podemos melhor visualizar porque a subjetividade se funda na linguagem e porque esta última é “imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura” (Lacan, 1998, E. [1966], p. 278).

Há um complexo de relações não induzidas ao espaço e à orientação de relações cartesianas e binárias. O que há, sobretudo, é um campo de relações oculta e semi-aleatórias. Em termos epistêmicos, a topologia compactua *descrição e método* como o seu próprio objeto. “Topologia deve dar conta do que, cortes do discurso [...] modificam a estrutura que se recebe inicialmente” (Lacan, 2003, [1972]).

O desejo, aqui, não se define por ser um elemento potencialmente enriquecedor ao sujeito. A realização de um desejo é precária e rara, por isso conduzirá à novas tentativa de desejos, ainda mais inatingíveis, até que em um momento, haverá a distonia e angustia. Desejo quer dizer incompletude de realização fenomênica e semântica dos objetos, objetos da demanda. Podemos já considerar haver uma relação provisória e não essencialista entre ambos, ou seja, são passíveis de serem montados, abertos, fechados, numerados, desfeitos, suturados.

Estamos diante da forma com a qual o sujeito vai se produzindo com o significante, com o circuito pulsional, com as reincidências e gramáticas de pedidos, recusas, obliterações. O empareiramento possui outra propriedade lógica, que o sujeito contabilize-se ou não, como um *ausente*. A demanda produz uma estrutura não hermética e a diferença entre os toros compõe uma identidade oscilante. Nesta relação entre toros, não pressupomos uma sobreposição, e sim, uma inversão, uma *flexão* entre superfícies de diferentes identificações, ou mesmo, dissimetrias.

A clínica deve, através desta consideração, oferecer experiências com o *negativo fenomenologicamente aceito*, e com a *negação indeterminada*, ou seja, o fulcro das transformações pelo empuxo elucidativo (mesmo que invertido) dos toros. Recorte no discurso mostra-nos a conversão e a reversão dessas identificações por segmentar demandas a desejos. Uma experiência de formação subjetiva que comporta uma unidade e sua fragmentação, seu sentido vetorial e anamórfico, uma paralaxe, uma experiência potencialmente dialética. O sujeito responde a esta *falta* porque o Outro lhe faz identificar-se com um objeto problemático.

As estruturas clínicas psicopatológicas (neurose, psicose e perversão) e as aparições destas *identificações* ora gráficas (esquema R, I, L), ora topológicas de *superfícies*, ora topológicas dos *nós* possuem uma conexão crucial e requereria uma atenção máxima. Aqui, apesar da importância clínica e da vitalidade ao campo da pesquisa destes temas ainda cadentes, não investiremos de forma mais detalhada ou mesmo abriremos à problemáticas sob este teor de discussão. O sintoma é um acontecimento de corpo e isto não é negligenciável. Quando o neurótico possui uma excessiva identificação com o toro do Outro, este o conduz à divisão, ou seja, realização imperiosa dos pensamentos que dominam o sujeito em cada ação prática e cotidiana. Sujeito responsivo ao circuito dos significantes da demanda do Outro, e isto tem uma qualidade diagnóstica plural.

Importa à psicanálise que os *pontos* (significantes, no caso) sejam observados tal ou qual distância, que suas *linhas* (de desejo, de demanda e de identificação) tenham que tipo de espessura e calibre. Figuras elementares do *traço* na elucubração do aparelho psíquico para lidar com o sujeito isomórfico; que lhe convém operações de *corte*, de *sutura*, de *(des)aglutinação*, de *inversão e reversão*. Podemos novamente considerar o conjunto da *lógica significante* na topologia oportuno a uma *geometria da luz (Lichtgeometrie)*⁹⁴.

Assim, uma abertura para a ressignificação passaria pelo abandono, por parte dos sujeitos, destes *significantes* que regem de forma dura o campo subjetivo. Se observamos a curta linha azul – que aparece no interior do toro – ela começará a circular toda a figura; e assim, tomará o lugar da *identificação* anterior. E “aquele objeto que está sendo visado pela

⁹⁴ Cf. Reichenbach. H (1958). *The philosophy of space and time*. Particularmente, o cap. III, pp. 151-288.

demanda será, no fundo, objeto portador do desejo do Outro” (Petry, 2018). “Se a demanda realiza as espirais que circundam um vazio, isso ainda requer uma formalização adicional, além de uma descrição que se arrisca a ser tomada como mera alegoria”. (Lacan, 1998, E. [1966], p. 278).

De qualquer maneira, o único acesso que se tem, em psicanálise, a esses significantes é através da fala daquele que se apresenta em análise. Entende-se, portanto, que Lacan (2003, [1972]), parta do toro, como modelo da fala, ou ao menos da fala neurótica, para expor sua concepção topológica sobre a direção do tratamento (Rona, 2010, p. 300).

(...) ater-se à topologia do sujeito, a qual só se elucida em uma segunda volta sobre si mesma. Tudo deve ser redito em uma outra face para que se feche o que ela encerra, que certamente não é o saber absoluto [é saber da demanda], mas a posição de onde o saber pode resolver efeitos de verdade [fratura ficcional do Real]. Sem dúvida, foi de uma sutura praticada por um momento nessa articulação que se assegurou àquilo que de ciência logramos em termos absolutos (Lacan, 1998, [1966], Escritos, p. 369).

Em outros termos, o processo apresenta a relação confusa que caracteriza o neurótico, o qual perturba o desejo do Outro com o toro da própria demanda. Todos, com maior ou menor ênfase, apresentam o problema da identificação através da análise de propriedades “tóricas” às quais encontrariam paralelo em questões da clínica do começo ao fim do tratamento. Daí, a textura desta vacuidade assume-se como irrealização fenomênica do próprio desejo. Em termos ainda clínicos: “disjunção temporal entre satisfação obtida e repetição perseguida” (Trois, 2007, p. 96)⁹⁵. E, “toda a linguagem que quebra a intenção de sentido é demanda que fracassa” (Lacan, S.XX, 1985, [1972-73], p. 57).

Estamos diante de n números de identificações possíveis, e a cada novo espaço, um universo renasce disposto a instaurar novas posições. Isto convive com seus tensores que exprimem através da *duração* entre o desejo/demanda a passagem às (des)identificações. Por isso, a topologia foi vista como um mapa para a incisão cirúrgica do analista, naquilo em que possa “pinçar” no discurso, retardar algum efeito, jogar com o sensível da língua, promover a volta destoante. Pensar em *identificação* como produto ou espelhamento de algum ideal de

⁹⁵ Cf. Granon-Lafont (1990), Darmon (1994), Korman (2004) e Eidelsztejn (2006) (Rona, 2010, p. 259).

magnitude moral, política, clínica é ingenuidade. Basta um giro completo desta estrutura matemática do discurso, desta lógica que coordena a reflexão subjetiva, que os instrumentos analíticos estarão desguarnecidos se não investirem no “giro em falso” capaz de distanciar ontologias que não puderam *translacionar*.

O correspondente fenomênico deste “buraco” é, no fundo, uma forma de experiência golpeante, ou de um “choque”, de um efeito de afecção vertiginoso. Pela transferência é possível suportar que uma *volta* da demanda não seja contada no emparceiramento neurótico. A dupla volta realizada na *banda* pode ser invertida pelo *oito interior* e assumir, assim, sua *simetria translacional*.⁹⁶

Nicolas Bourbaki é o pseudônimo de um grupo de matemáticos, quase todos franceses, que propuseram uma enorme reorganização da Matemática no século XX. As principais formulações do grupo que se formou na *École Normale Supérieure* de Paris giravam em torno dos seguintes temas: análise, álgebra, teoria dos conjuntos e topologia. Uma de suas publicações mais famosas é o tratado de mais de três mil páginas chamado *Éléments de Mathématique*, no qual a formalização da Matemática era o eixo central. Formalização que se duplicava como operador basilar entre o *intuicionismo* e o *logicismo*⁹⁷.

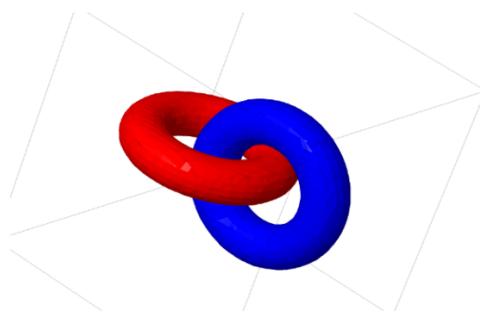


Figura 11. *Neural Networks, Manifolds, and Topology*⁹⁸
Fonte: <https://colah.github.io/posts/2014-03-NN-Manifolds-Topology/>

⁹⁶ Insistimos que esta conjugação entre a simetria translacional e topologia dentro do campo psicanalítico não possui literatura e/ou estado da arte. São proposições ainda a serem pesquisadas e formalizadas com devido rigor e extensão. Elas são, por sua vez, recorrentes nos programas matemáticos preocupados com sua formalização e que agora encontrará na tecnociência potentes aliados para comprovar muitos de seus teoremas.

⁹⁷ Conferência proferida por Luís Carlos Petry, no Corpo Freudiano de São Paulo, em 07 de junho de 2018 sobre conceitos fundamentais para o entendimento da topologia no Seminário IX, A identificação (1961-1962), de Jacques Lacan.

⁹⁸ Colah (2014). Disponível em: <https://colah.github.io/posts/2014-03-NN-Manifolds-Topology/>.

Metapsicologias que demonstram uma aproximação mais da tecnociência do que com a própria psicanálise chama-nos a atenção. Ainda será feita a pesquisa que associará a *teoria dos nós* (versão atualizada da teoria das superfícies) com os *neural graphs*⁹⁹. O comentário do matemático é de que “each dimension corresponds to the firing of a neuron in the layer” (Colah, 2014)¹⁰⁰. O interessante ainda é a capacitação de se observar o conjunto de dados sob a intervenção de “ $n + 1n + 1$ dimensões, ou seja, a 4ª dimensão (Colah, 2014).

Ora, o que se pode provar, matematicamente, é que se a inclinação dessa reta na geometria tórica, da qual aqui figura apenas um segmento, for um número racional, isto é um número da forma p/q , com p e q inteiros, se estendermos seus extremos sobre a superfície, essa linha que se forma é fechada e que, de outro modo, se a inclinação for irracional, essa linha será aberta e infinita, e passará arbitrariamente perto de qualquer ponto da superfície do toro, isto é, que esses pontos que estendemos nunca irão se encontrar; nem — depois de infinitas voltas. Eis a importância de um comentário anterior, a se aceitar que o significante e o número têm alguma relação, de se aprofundar a pesquisa quanto à sua natureza, ou quanto ao tipo de número de que se trataria no significante (Rona, 2010, pp. 261-262).

No reviramento, sem mudar de lugar, o objeto se transforma em outro; seu movimento, neste caso, não tem mais nenhuma significação espacial, porquanto ele se move por dentro, na sua forma e estrutura, e vem a ser outro. “Há, pois, movimento interno de alteração, *alterum esse*, na natureza do objeto mesmo, e movimento externo de passagem de uma para outra posição espacial” (Andrade, 1971, p. 94). Na dialética toda mudança de lugar no espaço é indissociável de mudança na sucessão tempo. O intervalo espaço-tempo, ou, ponto-instante desde que informe, responde também às primitivas noções de “continuidade”, de “limite”, de “número”, de “função”, de “grupo”, de “ordem”, de “série”, de “correspondência”; uma possibilidade de maior integração e gatilho às ideias tanto filosóficas quanto psicanalíticas, não menos matemáticas.

⁹⁹ Cf. *Deep Graph Library*: <https://github.com/dmlc/dgl>, *Simple Neural Network*, por Milo Harper. Disponível em: <https://gist.github.com/miloharper/62...>; Cf. Nikulin. (1994). *Geometries and Groups*, pp. 37-62.

¹⁰⁰ “Cada dimensão corresponde a queima dos neurônios nas camadas”. Tradução própria, transcrição inédita.

Nessa perspectiva do nó, nossa visualização contínua das representações produzidas por uma rede neural não é apenas uma boa animação, é um procedimento para desembaraçar links. Em topologia, chamaríamos de isotopia ambiental entre o link original e os separados. (...) Existe uma isotopia ambiental entre a entrada e a representação de uma camada de rede: a) WW não é singular, b) estamos dispostos a permutar os neurônios na camada oculta e c) há mais de uma unidade oculta¹⁰¹ (Colah, 2014).

4.2 Transcrição: a topologia como objeto

O deslocamento da Terra do centro do mundo não foi sentido como uma degradação. Muito pelo contrário.

Alexandre Koyré¹⁰²

Lígia Clark – presente e ouvinte em algumas aulas de Jacques Lacan no início dos anos 1960¹⁰³ –, compreendeu de forma muito peculiar o que era discutido naqueles encontros quinzenais, quando o psicanalista apresentava os operadores topológicos às audiências heterodoxas e muitas vezes confusas. Como “estímulo didático”, ele próprio encenou o corte na *banda de moebius* com seus papéis e tesouras. Esta performance tem um precedente. Lidaria com as próprias tensões entre “espaços” que a Terra ocupou antes e após a era da Revolução das orbes, e esta ação de *cortar* não era apenas metafórica, ali, todos deveriam ser testemunhas de uma falha no universo.

Pois só a história da ciência pode ser aqui decisiva, e ela é fulgurante ao demonstrar, ao dar à luz à teoria da gravitação, que foi somente a partir do extermínio de qualquer

¹⁰¹ “From this knot perspective, our continuous visualization of the representations produced by a neural network isn’t just a nice animation, it’s a procedure for untangling links. In topology, we would call it an *ambient isotopy* between the original link and the separated ones. (...) There is an ambient isotopy between the input and a network layer’s representation: a) WW isn’t singular, b) we are willing to permute the neurons in the hidden layer, and c) there is more than 1 hidden unit”. (Transcrição inédita, tradução própria). Disponível em: <https://colah.github.io/posts/2014-03-NN-Manifolds-Topology/>

¹⁰² Koyré, A. (2001). *Do mundo fechado ao Universo Infinito*. (3a ed.), p. 12. (Donaldson M. Garschagen, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

¹⁰³ Lígia Clark, artista ícone da arte contemporânea conceitual brasileira. Envolvida diretamente com o movimento neocronceto carioca, na produção das primeiras Bienais de Arte de São Paulo entre outros. As referidas aulas são do *Seminário Livro IX, A identificação*, entre 1960-61. Cf. Rivera, T. (2013). *O avesso do Imaginário*.

simbolismo dos céus que se puderam estabelecer as bases, na terra, da física moderna, isto é: que, de Giordano Bruno a Kepler e de Kepler a Newton, por tanto tempo se manteve uma exigência de atribuição de uma forma “perfeita” às órbitas celestes (na medida em que implicava, por exemplo, a preponderância do círculo sobre a elipse), que essa exigência criou um obstáculo ao surgimento das equações mestras da teoria (Lacan, E. 2008, p, 111).

Toda esta ordem hierárquica estabelecida pela harmonia e integralidade do universo, não apenas preservou uma *forma* determinada a todos os saberes e expressões simbólicas – através das quais o ser na Terra não é apenas mantido, como também é constantemente fecundado; o mundo sendo um *hieróglifo divino* conduz a todos, mediações sub e intersubjetivas respaldadas ao que é, diametralmente, exterior e/ou interior a si mesmo.

Um círculo fechado sobre um plano, ou sobre uma esfera, por exemplo, delimitam um interior e um exterior; são estas as relações monológicas criadas entre *o dentro e o fora*. Esta conjugação chegou à modernidade e principalmente à psicologia, definidas entre os pares (assimilação-acomodação, ativo-passivo, fálico-castrado, representação-identidade, significante-significado). Há uma discussão de ordem epistêmica aqui, pois descortinam operações de divisão destes dualismos clássicos e suas posições na visada do sujeito orientado por seu (des)conhecimento.

Do que até nos chegou sobre os Antigos, ficou-nos a ideia de nunca se desviarem do pressuposto segundo o qual eram os ângulos, e não as distâncias, a determinar as grandezas aparentes. É evidente, por um lado, que, enquanto a pintura Antiga se mantivesse fiel a este princípio, pouco lugar nela haveria para considerações sobre a projeção numa superfície plana. Tenderia, isso sim, a adoptar a projeção numa superfície esférica (Panofsky, 1999, pp. 44-45).

O que Lacan chama atenção para o nascimento da modernidade será a supressão desta *esfera* pela *elipse*, da *monológica* para a lógica *paraconsistente*. A elíptica nos mostra uma possibilidade de ocupar um novo espaço, uma vez que “não possui centro, mas dois focos

simétricos, um ocupado, o outro desocupado (Lacan, 2012, OE, p. 420).¹⁰⁴ Considerar a configuração do sujeito dividido e sua relação com o objeto problemático envolvem resíduos desta fratura hipersimbólica da ipseidade no próprio Real. No que antes era cosmológico (harmonização entre o dentro e o fora) passa à “acosmia” (disjunção entre o dentro e o fora). E, “este vazio é efeito de um cálculo” (Iannini, 2012, p. 201)¹⁰⁵.



Figura 12. Lygia Clark em *Caminhando*, 1963

Fonte: https://post.at.moma.org/content_items/1005-part-1-lygia-clark-at-the-border-of-art.

Vamos apresentar uma breve menção da artista a esta concepção do corte na superfície *moebiana*:

O homem contemporâneo escapa às leis da gravitação espiritual. Ele aprende a flutuar na realidade cósmica como em sua própria realidade interior. Ele se sente tomado pela vertigem. As muletas que o amparavam caíram longe de seus braços. Ele se sente como uma criança que deve aprender a equilibrar-se para sobreviver (Lygia Clark. *In* Tania Rivera, 2013, 78).

A jovem brasileira ali contava com sua “escuta flutuante” diante de uma língua francesa que era quase um idioleto; *só-depois*, cristalina. Ela corrompeu a literatura teórica para oferecer sua “transcriação” como obra. Da extensão do didatismo performático do analista, ela mimetizou a ação e não questionou a própria atividade referencial que ali está

¹⁰⁴ Desde 1953, em *Função e campo da fala e da linguagem* Lacan já recorria à *banda de moebius* como operador de leitura através do sujeito, da sua superfície estruturante dos modos de subjetivação.

¹⁰⁵ Este vazio por definição, Lacan (1965) o define como sendo o “continente narcísico da libido” – expressão semelhante à que Freud (1917) utilizara para o corpo humano. Este vaso-continente seria o futuro sujeito que, por intermédio do espelho do Outro, pode ser posto em relação com sua própria imagem [i (a)]. Entre o sujeito e o outro, pode-se visualizar a “oscilação comunicante” que Freud designara como “reversibilidade da libido do corpo e do objeto” e à qual Lacan, quase 30 anos depois, daria a notação: [i (a)] ó [i’ (a’)].

sendo realmente posta em xeque. A produção da performance *Caminhando* (1963) ratificou, pelo discurso da artista, àquilo que a estrutura argumentativa destes operadores *não o é*, pois ela está idealizando a emancipação pelo *fora* como forma e origem ideal do *dentro*, ou seja, que as possibilidades de experiência estavam encobertas. Faltava à Lygia a noção de Real. Este ponto de incisão no espaço ainda é mais crítico e experimental, que sua obra e a respectiva crítica puderam prever. Este pequeno exemplo pode ser largamente utilizado na grande maioria dos casos que envolvem arte contemporânea conceitual e a sua epistemologia (algumas simplesmente emprestadas de teoria semióticas ou da literatura vanguardista de cem anos atrás). Já há meio século houve a possibilidade de mudança da estética, não mais transcendental, conteudista, abstrata, mas estética como operador formal do fulcro de transferência mais assídua entre objeto e sujeitos.

Uma tira de papel circular colada em sentido inverso, e uma tesoura a seccionar sua superfície ao meio, são demonstrações da operação concreta da *combinatória estrutural*. Prosseguimos à esta afirmação voltada exclusivamente à intersecção entre lógica e geometria pensando que, no caso desta metapsicologia, o *tensor* (parte integrante da simetria combinatória) assume-se sob a forma elíptica da fita e de seu *oito interior*. Sua forma *invariante* conserva-se sob quaisquer transformações de coordenadas. Isto é como a fita reduz o espaço de sua superfície, abrindo-se e estendendo-se como uma serpentina; e mesmo na mais fina e extensa película do papel, ainda assim, haverá dois planos colados em sentido inverso. O corte abre uma secção que rompe por completo a fita, sem desmembrá-la radicalmente, por isso, invariante.

Que l'espace - l'espace à trois dimensions - c'est quelque chose de pas clair du tout, et qu'avant d'en parler comme des sansonnets, il faudrait voir dans quelles formes diverses nous pouvons l'appréhender, justement dans la voie mathématique qui est essentiellement combinatoire (Lacan, S. XII [1964-65], p. 26).¹⁰⁶

¹⁰⁶ Lacan, J. (1964-65). *Le Séminaire Livre XII, Problèmes Cruciaux a pshicanalyse*. Disponível em <http://staferla.free.fr/> “que o espaço - o espaço tridimensional - isto é algo que não é de todo claro, e que antes de falar como estorninhos, devemos ver em que várias formas podemos entender precisamente a sua forma matemática que é essencialmente combinatória”. (Transcrição inédita/ tradução própria).

Cabe-nos avançar um pouco mais e distinguir que entre os *tensores* ou *invariantes*, duas categorias subsistêmicas elementares são encontradas: as *covariantes* e as *contravariantes*. (Andrade, 1971, p. 72). Aqui, a topologia responderia às transformações entre a alteração interna de suas relações – como no exemplo da dialética *demanda/desejo* e *identificação* – e uma forma de transformação dos coeficientes numa forma linear entre suas próprias superfícies. A combinatória é a reincidência à *durabilidade* e à *permanência* dos elementos integrando funções e relações apreendidas no seu próprio dinamismo, e na sua plena e cabal facticidade.

Diríamos que todo ser é processo em constante movimento, no qual discernimos movimentos de profundidade, que lhe afetam a essência, e movimentos de superfície, que lhe afetam os acidentes aos modos-de-ser (...). Na sua própria interioridade e no seu próprio ritmo de temporalização todo ser é *um vir-a-ser*; *todo ser é um devir*, já que todo ser contém em si o movimento e se move sem parar, por dentro ou por fora, na interação de suas forças de equilíbrio interno ou no ajustamento das suas relações com outros seres (Andrade, 1971, p. 566).

Sobre cada uma das distintas superfícies topológicas (*toro*, *banda de moebius*, *cross-cap*, *garrafa de Klein*) aplicar-se-ia um tipo distinto de corte que, por sua vez, orientaria recursos técnicos e éticos ao psicanalista. Analisar é acompanhar esta fratura, reconhecendo o que de essencial (e fantasmático) permaneceria naquela personalidade, e o que é suturado, ou o que vai para a renegação, denegação, para o luto, ou para a liberdade após o *atravessamento do fantasma*. Na espiral que compõe o toro, responde-se a nós uma infundável repetição aguardando para ser *espaçada*. O espaço não compete mais a *extensio* da dimensão tridimensional onde se movem os corpos. O homem é no espaço, de modo que ele instala o espaço para pôr em crise a figura dos corpos. A topologia acompanha esta subversão de nosso espaço de representação. Não é mais entre dentro e fora, direito e avesso, empirismo e transcendentalismo. O que insiste é a combinatória, a torção no *isso*, no *onde*, e no *eu*. Portanto, não basta mais representar o sujeito no espaço, faz-se necessário também o ato de cortar, de traçar uma curva fechada e angulada invertida em si mesma. “O significante *determina* e *fende* o sujeito em dois: ele o representa, e representando-o, o faz desaparecer. É

cortando a banda que se poderá dizer: aqui está o sujeito” (Lacan, citado por Rivera, 2013, p. 134).

Comme vous le voyez dans la dernière opération, pour tout dire, ce qu’il y a d’analogie entre cette surface de Mœbius et tout ce qui la supporte, c’est-à-dire des formes - appelons-les pour votre satisfaction et la rapidité: des formes abstraites - comme celles dont certaines sont ici représentées au tableau. Ce qui en fait l’essence tient tout entier dans la fonction de la coupure : le sujet, comme la bande de Mœbius, est ce qui disparaît dans la coupure. C’est la fonction de la coupure dans le langage, c’est cette ombre de privation qui fait qu’il est dans l’annulation que représente la coupure, qu’il est sous cette forme, cette forme de trait négatif, qui s’appelle la coupure (Lacan, S. XII, [1964-65], p. 29)¹⁰⁷.

Numa *volta* que *falha*, e faz *furo*, uma *interpenetração* entre superfícies inverte a elipse. Ela não se identifica mais com o desejo do Outro, e, por ser a neurose uma estrutura, invariavelmente, induzirá que a demanda do Outro não se identifique também com o desejo do sujeito. Por isso que a imersão analítica, como previsto por Freud, atua numa complementação do espectro do sintoma do sujeito. Há uma divisão (*Spaltung*) entre representação, objeto e afeto. A continuidade da minha existência nasce de um compromisso ou conciliação deste antagonismo dialético fundamental cuja produção ocorre entre as *passagens* e a *permanência*. Entre o múltiplo e o uno – entre a diversidade do *vir-a-ser* dos instantes do meu existir, e a identidade do ser que sobrevive em mim e que perdura após a morte de cada instante que passou. O nascimento de cada instante que virá, o monólogo que toca a ausência dos escritores que me ajudaram. Presença como intimidade do ser-coisa; onde concentra a vertigem de cair para o centro, queda silenciosa, imóvel e livre de resistência, desde que não traçada a ferro e fogo.

O anel circular é um círculo cosmogênico simbolicamente turbilhonário pelo S interior que simultaneamente separa e une o *yin* e o *yang*. A figura forma-se não a partir do

¹⁰⁷ *Le Séminaire Livre XII, Problèmes Cruciaux a pshicanalyse*. (1964-65). Disponível em <http://staferla.free.fr/> “Como você pode ver na última operação, em suma, o que é análogo entre esta superfície de Moebius e tudo o que a suporta, ou seja, formas - formas abstratas. O que torna a essência está inteiramente contido na função do corte: o sujeito, como a fita de Moebius, é o que vai para o intervalo. É a função do corte na língua, esta privação sombria que o torna cancelamento, sob esta forma de traço negativo, que é chamado o corte”. (Tradução própria).

centro, mas da periferia e nasce do encontro entre movimentos de sentidos contrários. O yin e o yang estão intimamente aparentados um dentro do outro, porém distintos. Eles são simultaneamente complementares, concorrentes e antagonistas. A figura primordial do Yi-King é, portanto, uma figura de ordem, de harmonia, comportando em si, no entanto, a ideia turbilhonária e o princípio do antagonismo. É uma figura da complexidade (Morin, 1977, p. 94).

O vanguardismo da aventura psicanalítica na dialética é capaz de assimilar um exercício *semi-intimo de fala* como fulcro de organismos sistêmicos conjecturados materialmente pela vida humana. “Fazer da fala uma pura consumação irradiante que ainda diz quando nada mais há a dizer, que dá nome ao que é sem nome, mas o acolhe, o invoca e o celebra, única linguagem em que a noite e o silêncio se manifestam sem que se quebrem nem se revelem” (Blanchot, 1987, p. 159).

O passo que tento fazê-los dar já começou a ser traçado, é aquele onde se enlaça a descontinuidade com o que é a essência do significante, a saber, a diferença. Se aquilo sobre o qual temos feito girar, temos feito retornar incessantemente essa função do significante, é para atrair a atenção de vocês para aquilo que, mesmo a repetir o mesmo, o mesmo, ao ser repetido, se inscreve como distinto (Lacan, 2003 [1961-62] S. IX, pp. 325-326).

4.3 Por um nova categoria de objeto

*Só há a poesia, já lhes disse, que permite a interpretação.
É isso que não atinjo em minha técnica. Não sou bastante
Po(a)ta.*

Lacan

*O meu interior está cada vez mais fechado como para
proteger-me, tornou-se inacessível para mim mesmo e
agora não sei se no meu centro ainda existe força para
entrar nas relações do mundo e realizá-las, ou se, lá
dentro, não se terá silenciosamente conservado senão o
túmulo de minha alma de outrora.*

Rilke

A introdução do *objeto a* no final dos anos 1950 no ensino lacaniano foi de forte prospecção conceitual e acompanhou todos estes investimentos como um “ás na manga”. É um conceito de difícil teorização visto que o espaço que ocupa é, na corrente clássica, papel dos *transcendentais*. Elementos *já-existentes* que não são passíveis de verificação nas categorias tanto do espaço (geometria), quanto do tempo (álgebra). Por ser dialético, ratifica-se que “o *objeto a* estaria no lugar do índice da incompletude” (Almeida e Atallah, 2008, p. 215). “Uma hipótese para explicar certos fenômenos da experiência subjetiva, principalmente fenômenos derivados da angústia e da repetição” (Dunker, 2007, p. 36).

O que se *repete*? Há uma repetição não fenomênica, não sensorial ou cognoscível. Na concepção lacaniana, é o próprio *furo na linguagem* que volta e volta. É a *indeterminação* proveniente da *falta a ser* que faz mover os significantes dentro de uma cadeia associativa. Ligadura para as identificações fomentarem-se com seus traços (*uniário*, por exemplo).

O ato se apresenta em efeito como o paradoxo de uma repetição em um só traço, e esse efeito topológico permite representar que o sujeito no ato seja identificação a seu significante ou que a repetição intrínseca a todo ato se exerça no seio da estrutura lógica pelo efeito da retroação (Lacan, 1968, S.XV, [1967-68], p. 100).

O que *repete* é o impossível de se dizer ou de ser recordado. A repetição é sempre, de certo modo, falha, mas insistentemente renovada: uma marca que se acrescenta à série das precedentes, gerando restos ou objetos, pondo em jogo uma presença em ato que não é simples reprodução passiva, mas que integra uma *dimensão criadora*. Não estamos diante aos termos diretos de uma cadeia que, anunciada em análise, poderia ser resolvida através de intervenções disfuncionais. Essa parte “estranha” surge no próprio coração da experiência psicanalítica, põe em movimento a rede dos vestígios, resíduos e restos mnêmicos. Por isso a escuta não deriva do *telos*, ela é mediada pela torção/corte na articulação significativa. Há angústia em não se saber bem onde está a superfície empírica do esvaziamento de si, há uma *aflição* e estranheza ao sujeito para com seu próprio discurso e desejo.

Mas, se a linguagem é corte, este corte deixa um traço. Não um traço distintivo relativo aos elementos da linguagem tal como a linguística o formula. Mas um traço relativo à ausência destes elementos. Não uma ausência em oposição à presença. Mas

uma ausência que se apresenta na linguagem por seu vazio (máscara, semblante). Não um traço de rasura, mas um traço que se mostra ao se apagar. Um traço que ao descrever o inabordável na linguagem cria bordas. Que toque o impossível que habita a linguagem, não como um absoluto, mas como um limite (um não-saber do Outro). Se a lógica o busca, a poesia o formula e a análise o articula, ao fazer a lógica diz seu abso-luto (Trois, 2007, p. 117).

Negatividade ontológica como afecção a algo perdido. Uma análise é tornar esta operação validada para todos os objetos, até a assimilação global (mas não interpretativa) do que é composta a norma significante. Por isso a topologia combinatória é um recurso metapsicológico que se ajusta como matriz para um conceito especulativo, conceito de *objeto a*. O objeto passa mais ao lado do conceito do que a própria existencial objetal. A relação das identidades com este objeto não é causal ou logocêntrica. “O objeto causa de desejo [objeto a], que é visado no outro, se encontra pois, retrospectivamente gerado por experiências de repetições, sendo que estas se produzem em uma relação de vestígios a vestígios, que fracassa em significar exatamente o real” (Poulichet, 1996, p. 24).

É na medida em que o *objeto a* pode ser pensado como real, que a relação do sujeito à temporalidade pode ser elucidada através da *repetição ao traço*, chave mestra no desenvolvimento de processos subjetivos *em transformação*. “Quanto mais ele repete para encontrar o idêntico, mais ele cava a diferença” (Poulichet, 1996, p. 24).

Esse resto inassimilável seria realmente o protótipo da alteridade radical, um fundamental ‘furo de memória’ no coração do memorável. Seria necessário então restituir a matriz do tempo na abertura dessa distância entre o semelhante e o estranho, ou nessa não-coincidência entre a Coisa e o que tenta circunscrevê-la. Com efeito, esse duplo surgimento do memorável e do desconhecido no encontro com o semelhante gera a dimensão da alteridade que abre o tempo (Poulichet, 1996, p. 23).

Lacan olha no núcleo da “desidentificação” ao modo da rememoração freudiana, reencontrando, não obstante, este *objeto elíptico* e em trânsito entre os *engramas* e as *grades*, instaurador de superfícies pulsionais que reproduz repetições em blocos, e que só co-existe ao traço em uma *série* temporal. A dialetização do eu figura-se como a própria desestabilização

de identificações, do reflexo entre *deslizamento* e *deslocamento* em que o eu estava paralisado. Tal confrontação justifica imperativos como: “É nesse ponto da falta, ponto no qual encontramos o *objeto a* como o que não tem imagem nem inscrição simbólica que o sujeito deve se reconhecer. O *missing link* como uma função ontológica que se trata esta abertura (*béance*)” (Lacan, 2008, S. XI, p. 31).

Essa noção de opacidade fundamental que se exprime em uma constelação de conceitos sem jamais designar a referência de maneira imediata, esta ideia de uma “deficiência determinável de todo conceito (*Bestimmbare Fehler aller Begriffe*) que leva à necessidade de “fazer intervir outros” (Adorno, 2009, p. 62), como se o conceito permitisse que lhe fossem impressos vulgares e estéreis mecanismos de produção de significado. No que antes havia um plano idealizado do eterno retorno às essências, originário e restaurador, gira-se ao núcleo faltante oriundo de um novo poder de cálculo. Isto implica uma compreensão dinâmica da palavra, ou seja, como espaço no qual se pode juntar *presença e desaparecimento*, dialeticamente aberto às contingências futuras, e paraconsistentes.

Se o inconsciente é da ordem do não realizado, do que não é, restam-lhe, em contrapartida, a decisão, o ato, a invenção do saber, a criação. O pensamento que valoriza a vertente pragmática de um ato que, no vazio do sujeito do inconsciente, cria-se o espaço mesmo em que se pode inscrever (Santiago, 2004, p. 43).

Ao conjugar sua lógica de reconhecimento, o pequeno “a-bjeto” apresenta-se tanto quanto *um invariante*, pois pertence a um coletivo de possibilidades de apreensão que formam funções na linguagem; ou seja: as repetições, os atalhos cognitivos, memoriais, etc, quanto negatividade própria à potência elementar da ontologia sob a noção do tempo como “atividade negativa ideal” e “ser do sujeito” (Hegel, citado por Safatle, 2006, p. 79-80).

O homem se retira aparentemente, não para livrar-se de tudo o que não é ele – as humildes e caducas realidades – mas, antes, para arrastá-las com ele, fazê-las participar dessa interiorização onde perdem seu valor de uso, sua natureza falseada. Lá, onde o fato de não haver iluminação e ativação não exprime uma simples privação, mas o acesso ao outro lado. Psicanálise e cibernética compartilham uma lógica da hipomnésia que explica as lacunas da memória, daquilo que arquiva as lembranças desde que transformando-as, ou, ao contrário,

que a desarquiva, apaga, e destrói. O refúgio do desaparecimento e do acúmulo se entrecruzam. Mas transformam-se, perdem sua forma, perdem-se para entrar numa intimidade perecível, numa subjetividade cujo ponto nodal é uma experiência pura do indeterminado. Que o divã dê a cada um sua própria morte. Gesto subjetivo capaz de apagar ou arranjar as *marcas* e recobrir-se de uma dissimulação, de um “esboço” de apagamento que, infelizmente, em toda a história do movimento psicanalítico, nas salas inclusive dos renomados autores, muitos sofrimentos persistiram, vidas continuaram a naufragar, os laços mal enodados segregaram a humanidade. Mas, então, o pulso da morte, no coração de cada um é fortalecido pela própria vida quicá do texto-escritura. Mesmo com o amor, o sentido e a aflição, o corpo vai acabar. Esta morte que vive na intimidade e profundidade nos tempos da vida torna a clínica, a tragédia e a prática zen próximas demais. Como forma ostensiva de fragmentos de existência impassível de realização, informe ao apreço silencioso de minha forma invisível. A exigência imperiosa que se exerce o tempo todo e por isso nos afasta para fora do tempo.

5. Referências bibliográficas.

3Blue1Brown Series. (2019). (n.d) Deep learning. *Mas o que é uma Rede Neural?* capítulo 1, *Descida gradiente, como as redes neurais aprendem?* Capítulo 2; O que a backpropagation realmente está promovendo? 3. https://www.youtube.com/watch?v=aircAruvnKk&list=PLZHQObOWTQDNU6R1_67000Dx_ZCJB-3pi&index=1

ADORNO, T. W. (2009) *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ADORNO, T. W. (2012). Teoria estética. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos*; [versão on-line através do site da biblioteca de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo], Rio de Janeiro: Zahar.

ANDRADE, A. (1971). *As duas faces do tempo. Ensaio crítico sobre os fundamentos da filosofia dialética*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

ALMEIDA, L; ATALLAH, R. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. *Ágora: Rio de Janeiro*, v. XI n.2 jul/dez 2008 p. 203-218. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982008000200003>

ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano. Revista Mal Estar e subjetividade. *Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos*. Fortaleza, n.3, v.8, set. 2008. Disponível em: <http://>

pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482008000300010. Acesso em: 20 ago. 2018.

ALMEIDADE, M.W.B. (2009). *A fórmula canônica do Mito*. [n.d]. Disponível em: <https://mwba.files.wordpress.com/2010/03/almeida-2009-a-formula-canonica-do-mito-corrigida.pdf>. Versão corrigida do texto publicado originalmente em Queiroz, Ruben C. de & Nobre, Renarde F. (eds.). *Lévi-Strauss. Leituras Brasileiras*. Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008, pp. 147-182.

ARISTÓTELES. (2001). *Da geração e da corrupção seguido de convite a filosofia*. Apresentação de Ana Maria Alfonso Goldfarb e tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy.

ARISTÓTELES. (2005). *Metafísica*. Introdução, tradução texto grego e comentários de Giovanni Reale; tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola.

ARISTÓTELES. (2010). *Organon: categorias da interpretação, analítico anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofisticas*. Tradução, textos adicionais e notas de Adson Bini. Bauru: Edipro.

ARISTÓTELES. (2013). *Física I e II*. Introdução, tradução e comentários Lucas Angioni. São Paulo: Unicamp.

ARISTÓTELES. (2010). *Organon: categorias da interpretação, analítico anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofisticas*. Tradução, textos adicionais e notas de Adson Bini. Bauru: Edipro.

AUBENQUE, P. (2012). *Desconstruir a metafísica*. Tradução Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola.

BAUDRILLARD, J. *L'échange symbolique et la mort*; Paris: Gallimard, 1976.

BAHKTIN, M. (2009). *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução Paulo Bezerra, São Paulo: Perspectiva.

BIRMAN, Joel. *Escritura e psicanálise: Derrida, leitor de Freud*. Natureza humana. v. 9, n. 2 São Paulo dez. 2007. Recuperado http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200003

BORISLAV, D (1994) *Topological Notions of Qualitative quantity and Multiplicity in Hegel's Fourfold of Infinities*.

BRANDOM, R. (2002). *Tales of the might death*. Cambridge: Harvard. University Press.

BLANCHOT. M. (1987). *O espaço Literário*. Tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Rocco.

BRUGGER, W. (1962). *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho, São Paulo: Herder.

COIMBRA, Cecília Bouça. *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "milagre"*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

COSTA, N.C.A (2008). *Introdução aos fundamentos da matemática*. São Paulo: Hucitec.

DAVID-MÉNARD, M. (2006). Introdução In. SAFATLE, *A Paixão do Negativo. Lacan e a Dialética*. São Paulo: Editora UNESP.

DERRIDA, J. (1996). errida et Al. *Homenagem a Haroldo de Campo*, 1996. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [número único].

DERRIDA, J. (1991). *Margens da filosofia*. Tradução Joaquim Torres Costa, Antônio Magalhães. Campinas: Papirus.

Derrida, J. (2001). *Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana*; Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.

Derrida. J. (2004). *Introduction a L'origine de la géométrie*. Paris: PUF.

Derrida, J. (2006). *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman, Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva.

Derrida, J. (2011). *Freud e a cena da escritura* in *A escritura e a diferença*. trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes, Perola de Carvalho São Paulo: Perspectiva.

Derrida, J. (2016). *La voix et le phénomène*. Paris: PUF.

Doellinger. D. Psicoterapia Psicodinâmica: uma perspectiva neurobiológica. *Psi/Logos* vol. 12 n.º 2 (2014) <https://doi.org/10.25752/psi.4367> vol. 12 n.º 2 (2014).

Dufour. D.R. (2000). *Os mistérios da trindade*. Tradução Dulce Duque, Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Dunker, C.I.L. (2006). *A imagem entre o olho e o olhar*. in RIVERA, T. (2006). *Sobre arte e psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2006.

Dunker. C.I.L. (2007). *Dossiê Filosofia e Psicanálise; Ontologia negativa em psicanálise*; Revista Discurso, n.º 36. p, 226.

Dunker, C.I.L. (2015). *Mal-Estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.

Éric Porge (1966) “*Lacan, Descartes, le sujet*”, Strasbourg, Arcanes.

EHRENBERG, Alain. *O culto da performance*. Aparecida, Ideia e Letras, 1995.

Fausto, R. (2014) *Sentido da dialética: Marx: lógica e política*. São Paulo: Vozes.

(CROSSLEY, 1990).

FRUED, S. (2006). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago. FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

..... v. I *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos*. (1886-1899)

..... v. II *Estudos sobre a histeria* (1893-1985).

..... v. IV e V. *A interpretação dos sonhos*. 1900-01.

..... v. XIV *Luto e melancolia*, 1914a.

..... v. XII *Recordar, repetir e elaborar* 1914b.

..... v. XIV. *Trabalhos sobre metapsicologia O inconsciente. Justificação do conceito de inconsciente*” (1915)

.....v. XIX. *Uma nota para sobre o ‘Bloco mágico’*. (1925)

.....v. XXIII *Achados, ideias, problemas. Análise terminável e interminável*, Freud (1937-39)

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREDU, S. (1997). *A história do movimento psicanalítico*; trad. Themira de Oliveira Brito. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S; FLIESS, W. (1887-1904, 2001). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Organizada por Jeffrey Moussaieff. Rio e Janeiro, Imago.

Fulgencio, Leopoldo. (2008). *O método especulativo em Freud*. São Paulo: Educ.

FINK, B; *A causa real da repetição* , in: *Para ler o Seminário II*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Fridman, A.(2020). *Deep Learning State of the Art* (2020). [MIT Deep Learning Lecture Series] . https://www.youtube.com/watch?v=0VH1Lim8gL8&list=PL2OadlendrA9yh_3Jg4M2-aOU5bInaH_B&index=2&t=3486s

Fridman, A. & Hopfield, J. (2020). *Biological versus artificial neural networks*. https://www.youtube.com/watch?v=8bt6r6CIghw&list=PL2OadlendrA9yh_3Jg4M2-aOU5bInaH_B&index=10&t=29s

Guimarães, T. (2012). *Comunicação e linguagem*. São Paulo: Pearson.

Gruber, M. (2018). Entendendo o funcionamento de uma rede neural artificial. Recuperado de <https://medium.com/brasil-ai/entendendo-o-funcionamento-de-uma-rede-neural-artificial-4463fcf44dd0>

Georgescu-Roengen, N. (1971). *The Entropy Law and the Economic Process*; Cambridge Ma: Harvard University Press, 1971.

Georgescu-Roengen, N. (2012). *O decrescimento: entropia, ecologia, economia*. Lisboa: Instituto Piaget.

Goethe, J.W. (1937), *Dichtung und Wahrheit*, II Teil, VI, in *Goethes Samtliche Werke*, Ullstein, Berlin, s/d.

GUELLER, *Adela Stoppel de*. *Vestígios do tempo: Paradoxos da atemporalidade no pensamento freudiano*; São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

Gabbi, O. F. Jr. (1998). Prefácio à *Crítica dos fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*. Piracicaba: UNIMEP.

Hegel, G.W.F (2011). *Ciência da Lógica*, tradução Marco Aurélio Werle, São Paulo: Barcarola.

Hegel, G.W.F (1992). *Fenomenologia do espírito*. Tradução Paulo Meneses. Colaboração

Iannini, G. (2012). *Estilo e Verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica.

Johnson. C. *Derrida: a cena da escritura*; trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 2001.

Karl-Heinz Efkens, apresentação Henrique Vaz. Petrópolis: Vozes.

KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado o Universo Infinito*; tradução de Donaldson M. Garschagen, 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.p. 12.

Kojève, A. (2002). *Introdução à leitura de Hegel. Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Contraponto

Kupermann. D. *Sobre a produção psicanalítica e os cenários da universidade*. Psico, v. 40, n. 3, 2009.

LACAN, J. (1966/1998). *Escritos*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1949/1998). O Estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência analítica. In LACAN, J. *Escritos*, pp (96-103). Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In LACAN, J. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (2012). *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1955-1985). *O Seminário, livro I: Os escritos técnicos de Freud*. texto estab. Jacques-Alain Miller ; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN. J. (1955-1997). *O Seminário, Livro II. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*; texto estab. Jacques-Alain Miller ; trads. Marie Christine Lasnik Penot, Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN. J. (2008b). *O Seminário, Livro VII: O Seminário, livro 7. A ética da psicanálise* / Jacques Lacan ; texto estab. Jacques-Alain Miller ; trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar,

LACAN, J. (1997). *O Seminário, livro VIII: a transferência*; trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, J. (2003). O Seminário, livro IX, A identificação [1961-62], pp. 325-326). Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

LACAN, J. *O Seminário, livro XI: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*; trad. M.D. Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1964-65). *Le Séminaire Livre XII, Problèmes Cruciaux a pshicanalyse*.

LACAN, J. (1967-68) *L'acte*. Le seminaire, n°XV. <http://staferla.free.fr/S15/S15.htm>

LACAN, J. (1985). *Mais, Ainda*. O seminário livro XX, 1972-73). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D Magno. Rio de Janeiro. Zahar: 1985.

LACAN, J. (1972-2003). O aturdido. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar

LACAN, J. (1988). *Il court il court, le sujet*, Littoral, n° 25, Toulouse: Érès.

Lévi-Strauss, C. (1958). *Anthropologie structurale*. Paris: Plon.

Leclair, S. (1977). *Psicanalisar*. Trad. Durval Checchinato e Sérgio Joaquim de Almeida. São Paulo: Perspectiva.

Marx, K. (2012). *Manuscritos econômico-filosófico*. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo.

Mantone, J. (2008, 29 de janeiro). Head trauma haunts many, researchers say [Blog]. Recuperado: <http://blogs.wsj.com/health/2008/01/29/head-traumahaunts-many-researchers-say/>.

Montenegro, O., & Mackau, R. (2010, 10 de janeiro). Tempo das águas [Audio podcast]. Recuperado de <http://oswaldomontenegro.com.br>.

Rodriguez-Garcia, R., & White, E. M. (2005). Self-assessment in managing for results: Conducting self-assessment for development practitioners. doi: 10.1596/9780-82136148-

Maturana, H & Varela, F. (1996) *El Arbol del Conocimiento*; Madrid: Editorial Debate, especialmente pp. 134-150.

MAJOR, Rene. Lacan com Derrida: análise desisencial; trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002

MILNER, Jean Claude. *A obra clara. Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, 1996.

MILLER, Jacques Alain. *O osso de uma análise*. Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise. Bahia: Biblioteca – Agente. 1998.

MONTENEGRO, Maria A.de Paiva. *Linguagem e conhecimento no Crátilo de Platão*; disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2007000200006>; acesso em 05/01/2017. p.7.

MORIN. E. (1977). *La Nature de la Nature*; Paris: Paris: Seuil, p. 134. Vide tb. cap. 2, pp. 94-151.

NICOLAU, T. (2008). *O ser como começo da ciência na Ciência da lógica de Hegel*. Dissertação de Mestrado. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará Programa de Pós-Graduação em Filosofia 2008

NIKULIN, V; SHAFAREVICH, I. (1994). *Geometries and Groups*. Berlin: Springer.

NÁSIO, J-D. (2011). *Introdução à topologia de Lacan*; tradução Claudia Berliner; Rio de Janeiro: Zahar.

NASCIMENTO, E; PERRONE-MOISÉS, I et al. *Aquele que desprende a ponta da cadeia in Jacques Derrida: pensar a desconstrução*; trad. Adriana Maria Soares da cunha. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

NASIO, Juan-David. *Introdução à topologia de Lacan*; tradução Claudia Berliner; Rio de Janeiro: Zahar, 2001?.

POLITZER, Georges. *Crítica dos fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*. Tradi. Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira. Prefácio Osmyr Faria Gabbi Jr, Piracicaba: UNIMEP, 1998.

POLITZER, Georges. (1998). *Crítica dos fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*. Prefácio Osmyr Faria Gabbi Jr, Piracicaba: UNIMEP.

PEYON (2007). *A poética dos neurônios em Freud*. <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1596>

PANOFSKY, E. (1999). *A perspectiva como forma simbólica*; tradução de Gerda Nunes, Lisboa: Edições 70.

PETRY .L.C. (2019). *Prolegômenos à topologia do toro no Seminário 9 de Lacan*. Aula realizada no *Corpo Freudiano de São Paulo, em 07 de junho de 2018*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1KGdVXT2g-k&t=4722s>. acesso: 05 de setembro 2019.

POULICHET, Sylvie. *O tempo na psicanálise*; trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

POLITZER, Georges. *Crítica dos fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*. Tradi. Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira. Prefácio Osmyr Faria Gabbi Jr, Piracicaba: UNIMEP, 1998.

POURRIOL, Oliver. *Filosofando no cinema: 25 filmes para entender o desejo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PRIGOGINE, I e STENGERS, I. *La nouvelle Alliance*; Paris: Gallimard, 1996, p. 57

ROSENFELD, I. (1994) *A invenção da memória: uma nova visão do cérebro*; trad. Vera Ribeiro; revisão técnica Roberto Lent. – Rio de Janeiro: Nova fronteira.

SKRIABINE, P. (2013). *A Revolução lacaniana: a estrutura topológica da experiência humana*. Revista @gente digital. Publicação da escola brasileira de psicanálise –Seção Bahia, Vol. 3, nº 1. Tradução Patrick Almeida Disponível: <http://www.ebpbahia.com.br/agente/site/2016/07/12/a-revolucao-lacaniana-a-estrutura-topologica-da-experiencia-humana/>

ROSENFELD, Israel. *A invenção da memória: uma nova visão do cérebro*; trad. Vera Ribeiro; revisão técnica Roberto Lent. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1994.

SAFATLE, V. *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autentica, 2017.

SAFLATE, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a Dialética*. São Paulo: Editora UNESP.

SAFATLE, V. (2017). *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autentica.

SAFATLE, V; MANZI, R. GABBI JR, et al. *A noção de natureza humana em Kant e a possibilidade da psicologia in A filosofia após Freud*. São Paulo: Humanitas, 2008.

SAFATLE, V. *Dar corpo ao impossível: O sentido da dialética a partir de Theodor Adorno* [Recurso eletrônico, e-book não disponível on-line]. São Paulo: Autêntica. 2019.

STOPPEL GUELLER, Adela. *Vestígios do tempo: Paradoxos da atemporalidade no pensamento freudiano*; São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

SANTIAGO, J. (2004) *O tempo como contingência na experiência analítica*, in *O tempo, o objeto e o avesso: ensaios de filosofia e psicanálise*. Zizek, S & al. orgs Gilson Iannini. Autentica.

STAHEL, A. W. *Tempos em Crise – a base temporal das contradições da modernidade*. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Campinas. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280494>

SCHMIDHUBER, J. (2004) *Deep Learning in Neural Networks: An Overview*. The Swiss AI Lab IDSIA Istituto Dalle Molle di Studi sull'Intelligenza Artificiale University of Lugano

TURKLE, S. (1988). *Artificial intelligence and psychoanalysis: A new alliance*. *Daedalus*, 17(1): 241–268.

TURKLE, S. (2004). *Whither Psychoanalysis in Computer Culture?* *Psychoanalytic Psychology*, 21(1): 16–30.

TROIS, João de Moraes. (2007). *A travessia da Linguagem na obra de Jacques Lacan: uma leitura*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: UFRS.

TADEU, T. (2009). *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano* In *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

WOOLF, V. (1981). *As ondas*. [1932]. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova fronteira.